



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ECONOMIA

## IMIGRANTES NORTE-AMERICANOS NO BRASIL: MITO E REALIDADE, O CASO DE SANTA BÁRBARA

**Letícia Aguiar**

Defesa de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do título de **Mestre em Ciências Econômicas**, sob a orientação do **Prof. Dr. Hernani Maia Costa**.

*Este exemplar corresponde ao original da dissertação defendida por Letícia Aguiar, em 19/11/2009 e orientada pelo Prof. Dr. Hernani Maia Costa.*

*CPG, 19/11/2009.*

A handwritten signature in blue ink, which appears to read "Hernani Maia Costa", is written over a horizontal line.

Campinas, 2009

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca  
do Instituto de Economia/UNICAMP**

**Ag93i**      **Aguiar, Leticia**  
**Imigrantes norte-americanos no Brasil: mito e realidade, o caso de Santa Bárbara / Leticia Aguilar. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.**

Orientador: Hernani Maia Costa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.

1.Migração. 2. Confederados americanos em exílio voluntário - Santa Bárbara D'Oeste (SP). 3. Estados Unidos – História – Guerra Civil – 1861-1865. I. Costa, Hernani Maia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

09-039-BIE

**Título em Inglês: North American immigrants in Brazil: myth and reality, the case of Santa Barbara**  
**Keywords: Immigration ; American confederate voluntary exiles – Santa Bárbara D'Oeste (SP) ; American Civil War**

**Área de Concentração :** -----

**Titulação:** Mestre em Ciências Econômicas

**Banca Examinadora:** Prof. Dr. Hernani Maia Costa  
Prof. Dra. Ligia Maria Osório Silva  
Prof. Dra. Maria Alice Rosa Ribeiro

**Data da defesa:** 19-11-2009

**Programa de Pós-Graduação:** Ciências Econômicas

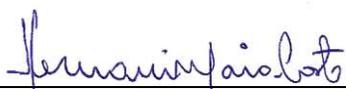
# Dissertação de Mestrado

Aluna: **LETICIA AGUIAR**

**“Imigrantes Norte-Americanos no Brasil: mito e realidade,  
o caso de Santa Bárbara”**

**Defendida em 19 / 11 / 2009**

## COMISSÃO JULGADORA



---

**Prof. Dr. Hernani Maia Costa**

Orientador – Instituto de Economia / UNICAMP



---

**Prof.ª Dr.ª Ligia Maria Osório Silva**

Instituto de Economia / UNICAMP



---

**Prof.ª Dr.ª Maria Alice Rosa Ribeiro**

UNESP/Araraquara

*À minha mãe e minha avó (Cida),  
pela ajuda em mais esta etapa da vida.*

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter abençoado toda essa caminhada e ter me guiado para a realização desse objetivo. Agradeço por ter me concedido a força, a coragem, a dedicação e a paciência que o trabalho de pesquisa em fontes primárias exige. E como essa era uma tarefa por vezes complicada, Deus ainda colocou “auxiliares” em minha vida.

Dessa forma, agradeço à minha família, por ter sempre estado ao meu lado e me apoiado nessa decisão; por ter proporcionado as bases de uma boa educação e os fundamentos para que eu chegasse até aqui. Agradeço a contribuição pessoal de cada um nesse trabalho: da minha mãe, irmã, avó, padrasto e pai, porque, de certa forma, cada um participou um pouco nele. Foram as caronas, os almoços, os lanches, que me acompanharam durante todo o processo de pesquisa, graduação e mestrado.

O interesse pelo tema e por seguir na vida acadêmica após a graduação surgiu na UNESP – Araraquara. Desenvolvendo projeto de iniciação científica sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Lúcia Lamounier, descobri quão fascinante é a história econômica e passei a dedicar-me ao tema dos imigrantes norte-americanos que vieram para Santa Bárbara d’Oeste ao final da Guerra de Secessão. Achando que havia ainda algumas lacunas na minha pesquisa, retomei o tema no mestrado. O ingresso no mestrado, via ANPEC, foi incentivado por alguns professores da mencionada Universidade, como Renato Colistete, Maria Lúcia Lamounier, Maria Alice Rosa Ribeiro e Alexandre Sartoris. Agradeço a todos e em especial à minha primeira orientadora, Maria Lúcia, que, com muita paciência, me mostrou quão fascinante é a área da história econômica.

Ainda me lembrando da UNESP, agradeço a todos do “grupinho da pesada” ou “imortais” – todos sabem o que isso quer dizer. Agradeço pelo companheirismo nos tempos de graduação e pela amizade atual. Guardo todos vocês no meu coração: Clara, Cris, Ju Barbosa, Tati, Renan, Régis, Ronaldo A., Ronaldo Y., Zelão, Sil e Suzana. Obrigada pelo apoio especialmente nessa reta final da minha dissertação.

Uma vez na Unicamp e decidida pelo tema, contribuíram para a minha formação os professores do Instituto de Economia, com destaque ao meu orientador Prof. Hernani Maia Costa, que trabalhou ativamente para a realização deste trabalho. Um orientador que

sempre procurou motivar-me e mostrar que o trabalho estava sempre “quase pronto”. Além dos professores do Instituto, agradeço novamente à Prof<sup>ª</sup>. Maria Alice Rosa Ribeiro, por ter me ajudado no processo de pesquisa. Suas idas a Santa Bárbara me propiciaram companhia para os momentos solitários de pesquisa, e informações acadêmicas importantes. Juntamente com o meu orientador, ela foi responsável pela autorização para pesquisarmos nos acervos no Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste. Agradecemos conjuntamente ao Dr. João Gilberto, proprietário do Cartório, que acabou nos autorizando a pesquisar no acervo, aliás, riquíssimo do ponto de vista histórico e com livros muito conservados (o melhor entre os acervos pesquisados). Os funcionários desse cartório também foram extremamente gentis e atenciosos comigo quando da realização das pesquisas, a qual levou três meses.

Fonte importante de pesquisa foi também o Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Nesse lugar, tive meu primeiro contato com pesquisas em fontes primárias, ainda na graduação. Tive oportunidade de conhecer Sandra Edilene de Souza, que foi quem primeiro me apresentou todo o material. Apesar de não trabalhar mais no Centro de Memória, auxiliou na execução desse trabalho, como amiga e como pesquisadora da Fundação Romi, de Santa Bárbara d’Oeste. Além da Sandra, agradeço à Cláudia, que continuou no Centro de Memória e me abriu todas as portas, permitindo que eu realizasse sem maiores percalços o trabalho de pesquisa. Sua companhia agradável tornou muito mais prazerosas as idas diárias ao local. A pesquisa foi concluída com os funcionários Marlene, Bruna e Wellington, que assim como as antecessoras, me receberam muito bem, permitindo fácil acesso aos materiais. Aproveito para agradecer ainda a todos os funcionários do Museu da Imigração de Santa Bárbara d’Oeste, bem como aos da Biblioteca Municipal.

Agradecimentos também aos pesquisadores e funcionários do Centro de Memória da UNICAMP (CMU), muito solícitos e com as portas sempre abertas para as nossas pesquisas, o que acabou por me levar a integrar o projeto temático *Famílias e Negócios no Oeste Paulista*, a ser desenvolvido pelo CMU, sob coordenação da Prof<sup>ª</sup>. Maria Alice.

Agradeço ainda aos meus amigos do curso de mestrado, especialmente à Andrea, ao Filipe e ao Fabrício, que foram os meus melhores amigos durante o curso. Agradeço ainda ao Lucas (Ferraz Vasconcelos) cuja amizade vem de antes, e que viveu comigo cada aflição

da ANPEC, além das do mestrado. Ao Gustavo agradeço por ter me dado muito mais que a sua amizade e por sempre me dizer: “Calma Lê, que vai dar tudo certo”.

Não me esquecendo dos meus amigos de Sta. Bárbara, que tornaram meus dias de pesquisa mais divertidos: Japa, Karina, Cida, André, Matheus, Juany, Lenize, Jean, Dary, Dê, Carlos Barroso. E também ao Alexandre Scarpelim, que sempre se preocupou em me ajudar nas pesquisas.

Agradeço, finalmente, aos professores Maria Alice Rosa Ribeiro e José Ricardo Barbosa Gonçalves pelas críticas e sugestões quando da minha qualificação. E às professoras Maria Alice Rosa Ribeiro e Lígia Osório Silva pela participação na minha banca de defesa.

Peço desculpas pelas eventuais omissões e esquecimentos, pois nessa reta final de conclusão de trabalho, minha cabeça já não anda funcionando bem... o Tico já está “de mal” do Teco... O meu muito obrigada a todos que, de uma ou outra forma, puderam me ajudar na realização deste trabalho!

## **Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de resgatar a trajetória de um grupo de imigrantes norte-americanos que se dirigiu para Santa Bárbara d'Oeste, estado de São Paulo, ao final da Guerra Civil Americana, bem como o mito e a realidade que a envolve. Esse grupo é apontado pela bibliografia como o de maior sucesso relativo, dentre todos aqueles que vieram para o Brasil. O período de análise compreende os anos de 1866 (ano em que se estabeleceram os primeiros imigrantes na região) até 1900.

Concentrando as pesquisas em fontes documentais primárias, procuramos elaborar o panorama das relações (especialmente econômicas) que envolveram esses imigrantes em Santa Bárbara e arredores. Utilizando escrituras de compra e venda, hipotecas, contratos de empreitada e agrícolas, testamentos, procurações, lista de eleitores, registros de casamentos, registros de impostos de indústrias e profissões, reconstruímos as relações estabelecidas por esses imigrantes com a população local e também entre si. As fontes demonstram que, aos poucos, os norte-americanos foram se integrando à sociedade local, inclusive naturalizando-se e participando ativamente da política, adquirindo imóveis rurais e urbanos e inserindo-se na economia local, primeiramente com a agricultura comercial do algodão, seguida pela cana-de-açúcar (inclusive com produção de aguardente), e pela melancia. Na área urbana foram proprietários de negócios de secos e molhados, dentistas, médicos, ferreiros, entre outras profissões.

## **Abstract**

This work aims to recover the history of a group of North American immigrants who went to Santa Bárbara d'Oeste, São Paulo state, at the end of the American Civil War, as well as the myth and the reality that surrounds it. This group is identified in the literature as the most successful one among all those who came to Brazil. The period of analysis covers the years from 1866 (when the first immigrants settled in the region) up to 1900.

Focusing our research on primary sources, we attempted to elaborate the landscape of relations (especially economic) involving these immigrants in and around Santa Bárbara. Using deeds of purchase and selling, mortgages, contracts of service and agricultural societies, wills, letters of attorney, list of voters, marriage records, tax records of companies and professions, we analyzed the relationships established by these immigrants with the local population and among themselves. The documents show that, gradually, the North Americans integrated themselves into the local society, becoming naturalized and participating actively in politics, buying real estate in urban and rural areas and entering the local economy, primarily through commercial agriculture of cotton, then the cane sugar (including the production of aguardente – sugar cane rum), and watermelon. In urban areas they were owners of grocery stores, dentists, doctors, blacksmiths, among other professions.

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1: Os antecedentes: a Guerra Civil Americana, a decisão de emigrar e as primeiras pesquisas sobre o Brasil .....</b>	<b>13</b>
A secessão e a Guerra Civil Americana .....	14
Pesquisas acerca do Brasil.....	22
Os esforços do Governo Imperial brasileiro e as associações de promoção à imigração no Brasil .....	34
A emigração sulista.....	43
<b>Capítulo 2: Imigração norte-americana para o Brasil e para Santa Bárbara .....</b>	<b>53</b>
Rio de Janeiro .....	56
Pará (Santarém) .....	57
Espírito Santo (Linhares) .....	60
Paraná.....	62
São Paulo .....	63
Vale do Ribeira – Lizzieland – Rev. Ballard S. Dunn .....	63
Vale do Ribeira – Major Frank McMullan e William Bowen.....	64
Interior de São Paulo – Os norte-americanos de Santa Bárbara.....	66
Cultivo do algodão.....	81
Cultivo da cana-de-açúcar .....	83
Cultivo da melancia .....	84
Outras atividades exercidas pelos imigrantes.....	86
<b>Capítulo 3: Um balanço sobre o agrupamento de Santa Bárbara .....</b>	<b>91</b>
Famílias, Religião, Cultura e Tecnologia.....	91
Modernização: o arado.....	109
Conflitos com os brasileiros .....	112
O sucesso relativo de Santa Bárbara.....	113

<b>Considerações Finais.....</b>	<b>121</b>
----------------------------------	------------

### **Fontes e Bibliografia:**

Fontes primárias manuscritas .....	127
Fontes primárias impressas .....	128
Fontes secundárias (viajantes) .....	129
Bibliografia.....	129
Artigos.....	129
Livros .....	130
Dissertações e monografias .....	132
Anexos.....	135

### **Quadros e Tabelas**

Quadro 2.1. Imigrantes norte-americanos em território brasileiro: principais agrupamentos e líderes .....	55
Tabela 2.1. Transações envolvendo norte-americanos – 1866 a 1900 (Parte 1) .....	73
Tabela 2.2. Transações envolvendo norte-americanos – 1866 a 1900 (Parte 2) .....	74
Tabela 2.3. Licenças para funcionamento de comércios (1878 a 1893) .....	88
Tabela 2.4. Registros de ofícios (1893-1899) .....	88
Tabela 2.5. Registros para funcionamento de comércios (1899-1900) .....	89

### **Anexos**

Tabela A1: Registro de Eleitores (1890-1899).....	135
Tabela A2: Declaração de estrangeiros (1890).....	141
Tabela A3. Registro de casamentos (1873-1887).....	142

## Introdução

O mundo do século XIX conviveu com um movimento de deslocamentos populacionais de proporções gigantescas. O mais importante é que a própria Europa tornou-se o grande centro expatriador de milhões de indivíduos das mais diferentes nacionalidades, num fluxo emigratório que se dirigiu principalmente, entre outros destinos, para a costa americana do Atlântico.<sup>1</sup>

O que levaria esses grandes contingentes populacionais a buscar outros territórios fora dos limites de sua pátria, no momento em que as forças nacionalistas lutavam para a criação de vários Estados Nacionais europeus? Que motivações levaram uma multidão de habitantes do Velho Continente a procurar outras áreas extraeuropeias? Não é no século XIX que se verifica o apogeu da civilização europeia? E mais do que isso, a consolidação da hegemonia europeia sobre o mundo?

Entendemos que isso não seria possível nos séculos anteriores, pois ainda não existiam as ferrovias, a navegação pouco mudara, e mesmo a população da Europa não crescera tanto como entre 1801 e 1900. O século XIX foi pródigo ao criar novas condições para que esse movimento migratório alcançasse um ritmo tão acelerado. Para Eric J. Hobsbawm, *“a ferrovia e a navegação a vapor haviam reduzido as viagens intercontinentais ou transcontinentais a uma questão de semanas em vez de meses”*.<sup>2</sup> Além do mais, não devemos ignorar que este século foi marcado pelos efeitos das duas grandes revoluções ocorridas nos últimos decênios do século XVIII: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa.

Da primeira conhecemos seus efeitos sobre a economia e a sociedade europeias, quando da sua difusão pela Europa e até fora dela. Na Inglaterra, segundo o mesmo Hobsbawm em *A Era das Revoluções*, a Lei dos Pobres de 1834, *“foi projetada para tornar a vida tão intolerável para os pobres do campo que eles se viram forçados a*

---

<sup>1</sup> Não deixando de lembrar que, neste mesmo século, centenas de milhares de chineses abandonaram o velho Império Celestial em busca de oportunidades, terra e trabalho em outros cantos do mundo; em meados do século, *coolies* chineses são encontrados no Peru, Cuba, Brasil e nos Estados Unidos. É conhecida a participação de um grande contingente de *chins* na construção das estradas de ferro norte-americanas, como uma força de trabalho quase escrava. Cf. R. Schnerb. O século XIX. In: CROUZET, Maurice (Org.). *História Geral das Civilizações*. São Paulo: DIFEL, 1969, vol. 2, p. 118.

<sup>2</sup> E. J. Hobsbawm. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 29.

*abandonar a terra em busca de qualquer emprego que lhes fosse oferecido*".<sup>3</sup> Mas, onde achar emprego nas cidades industriais habitadas por uma multidão de operários e suas grandes proles que se amontoavam nos cortiços em meio à mais triste miséria, submetidos a salários aviltados e sem nenhum direito ou garantia de trabalho?

O que temos aí então é a grande migração de proletários miseráveis produzida pelas transformações que se verificavam nos campos. A revolução da propriedade de terras que se processava concomitantemente à Revolução Industrial rompia com as bases da tradicional sociedade agrária em nome de uma nova economia agrária de mercado. Na mesma época, os adeptos de Malthus anteviam para 1846, o início de uma emigração gigantesca. Crises cíclicas de curta duração em um mundo que, ainda agrário, se industrializava aceleradamente e levava a crises de fome. Tinham razão os malthusianos: a Irlanda conhece em 1847 a Grande Fome decorrente da crise da batata, base da alimentação da população e, com isso, morreram aproximadamente um milhão de irlandeses. Nos sete anos seguintes mais de um milhão e meio de irlandeses emigram para a América, mais especificamente para os Estados Unidos, além de outras regiões do planeta.<sup>4</sup> Assim, é a conjunção de determinados fatores, como a crise econômica, a escassez de oportunidades de trabalho e de terras disponíveis para uma população que tendia a crescer cada vez mais, que acaba por disponibilizar uma enorme massa de trabalhadores livres no mercado internacional. Ainda segundo Hobsbawm: "*Na segunda metade do século XIX, sua miséria levou ao que foi proporcionalmente o maior movimento de emigração do século*".<sup>5</sup>

Da Revolução Francesa, temos a consagração e a universalização dos princípios que a nortearam, entre eles, o da liberdade e o da igualdade. Rompiam-se as amarras que tolhiam a liberdade dos homens e frutificava a noção da igualdade de oportunidades, abrindo espaço para o talento e a capacidade de trabalho e de produção de cada indivíduo. Dessa forma, o desenraizamento, que somente poderia ocorrer sob as cruciais transformações do século XIX, a maior circulação e divulgação de notícias sobre promissoras paragens longínquas, além da noção assegurada legalmente de que era um novo homem verdadeiramente livre, levaram o europeu a procurar em terras estrangeiras e

---

<sup>3</sup> E. J. Hobsbawm. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 172.

<sup>4</sup> Cf. Hobsbawm (1977), op. cit., p. 185.

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*, p. 172.

distantes a solução para os seus problemas, e as condições para sua autorrealização, dinamizando em muito o fluxo emigratório da época.

Nessas distantes terras estrangeiras, por sua vez, e no caso específico na América, os governos estimulavam a vinda de estrangeiros, além de se apresentarem aqui vários atrativos; nos Estados Unidos, na década de 1840, descobrira-se o ouro na Califórnia; o mesmo ocorrera na América Latina e, especialmente, no Brasil. No Império brasileiro, os primeiros passos da expansão das lavouras de café para o oeste paulista eram acompanhados da supressão do tráfico de escravos africanos, em 1850, e da aprovação de uma Lei de Terras, também no mesmo ano. Isso contribuiu para que se iniciasse a lenta decomposição do escravismo e houvesse necessidade de uma nova forma de produção baseada no trabalho livre (principalmente do europeu). Em outras palavras, a miragem do “ouro verde” também pode ser considerada como um polo de atração dos expatriados do Velho Continente.

No século XIX emigrava também o empreendedor, o comerciante bem sucedido versado nos negócios de exportação e importação, o profissional liberal, o professor, entre outros; este, por exemplo, é o caso de Iná Von Binzer, uma jovem alemã que emigrou para o Brasil em busca de oportunidades inexistentes em sua terra, e para aqui veio para trabalhar como professora dos filhos de ricos fazendeiros.

O que nos perguntamos agora é: por que, em meio a tantas circunstâncias que impeliam principalmente os europeus a buscar a América, e em especial os Estados Unidos da América, verificamos a emigração de um grande contingente de norte-americanos para o Brasil e o México, entre outros países? E ainda mais, por que esse grupo, que a bibliografia apresenta como confederados sulistas e escravocratas, sentiu a necessidade de abandonar sua Pátria na segunda metade do século XIX, após o final da Guerra Civil Americana? Segundo Harter, “*não há nada que atinja mais o orgulho de um país do que a emigração*”.<sup>6</sup> Os imigrantes que vieram para o Brasil foram considerados tolos, pois os Estados Unidos era um país que recebia muitos imigrantes; era ponto de chegada e não de partida. Mas eles podem ser considerados “imigrantes”, como aqueles que atravessaram mares em busca das oportunidades em uma nova terra, ou ainda “colonos”, que mediante

---

<sup>6</sup> E. C. Harter. *A colônia perdida da Confederação. A imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra de Secessão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985, p. 27.

contratos de trabalho vinham substituir nas lavouras o braço escravo? O melhor seria entendê-los como parte da “imigração espontânea”, conforme aparece nos documentos e relatórios ministeriais da época. Ou talvez até como “refugiados”, segundo expressão usada pela jovem Pattie Steagall, que com sua família aguardava no Hotel dos Imigrantes, na cidade do Rio de Janeiro, em 1868, o momento de se deslocar para Santa Bárbara d’Oeste: “Foi meu dever explicar que não éramos imigrantes. Éramos refugiados. Refugiados de guerra”.<sup>7</sup> Pensando como Sérgio Buarque de Holanda, temos que uma coisa é certa: é um erro imaginar que todos eram confederados defensores da escravidão, ou ainda sulistas, ou mesmo norte-americanos natos, uma vez que muitos estrangeiros que viviam há algum tempo nos Estados Unidos também acompanharam esse contingente de imigrantes.<sup>8</sup>

A derrota dos confederados na Guerra Civil parece ser uma importante razão para o grande fluxo migratório de norte-americanos para outras áreas dos Estados Unidos, México e Brasil, entre outros países da América. Os “sulistas” ou “ex-confederados” estavam desolados após o final da Guerra Civil. As humilhações e privações a que foram submetidos no período da Reconstrução os teriam motivado a emigrar. Seria, portanto, a emigração de sulistas ex-confederados derrotados. Claro que nem todos que emigraram eram de fato sulistas e ex-confederados; muitos aproveitaram as facilidades oferecidas e embarcaram nessa aventura. Porém, acreditamos que a maior parte dos emigrantes que se dirigiu ao Brasil era formada por sulistas, ligados direta ou indiretamente à Confederação. Se não eram confederados, eram pelo menos simpatizantes à causa.

Se por um lado os sulistas estavam desolados e buscavam fugir de uma situação de opressão nesse período de Reconstrução, o Governo Imperial brasileiro, por sua vez, estava ansioso por trazer imigrantes tanto para servir como mão-de-obra alternativa ao trabalho escravo quanto para desenvolver o país. Com a desarticulação do sistema produtivo sulista durante a Guerra Civil, o Brasil viu sua chance de entrar no mercado internacional como fornecedor de algodão para as indústrias inglesas. Assim, a vinda do “imigrante” sulista era vista com bons olhos, uma vez que se acreditava que estes tinham pleno domínio do

---

<sup>7</sup> A jovem em questão, Pattie, era Martha Temperance Steagall, na época com dezesseis anos. Filha de Henry Farrar Steagall, o chefe de uma das famílias norte-americanas que vieram para Santa Bárbara d’Oeste, sua explicação é parte de uma série de cartas que foram publicadas, em 1928, no jornal *Brazilian-American*, quando então vivia em Washington.

<sup>8</sup> S. B. de HOLANDA. Aspectos das migrações norte-americanas após a Guerra Civil. In: *História Geral da Civilização Brasileira. Brasil Monárquico*. São Paulo: Bertrand, 1987, tomo II, vol. 3, p. 268.

cultivo do algodão e que aqui poderiam desenvolvê-lo, contribuindo, e muito, para a nossa prosperidade.

Desde os anos 1850, o Governo Imperial brasileiro vinha incentivando a imigração ao país, como forma de resolver o problema da mão-de-obra, já que o tráfico de escravos encontrava-se em extinção, impossibilitando a continuidade da reprodução do escravismo até então baseado no tráfico com a África. Na província de São Paulo a lavoura cafeeira estava em plena expansão e os fazendeiros passaram a buscar alternativas ao trabalho escravo, primeiro com a parceria e depois com o colonato.

Começavam, assim, as iniciativas de importação de imigrantes europeus como trabalhadores livres. As primeiras experiências com essa forma de trabalho nas fazendas de café de São Paulo tiveram por base o sistema de parceria, e foram realizadas em terras do senador Nicolau de Campos Vergueiro, na região de Limeira, com destaque para a fazenda Ibicaba, a mais antiga. Os primeiros contratos com imigrantes foram feitos com colonos vindos de cantões suíços e de vários estados alemães, como já mencionamos, sob o regime de parceria; uma primeira experiência tão bem retratada por Emília Viotti da Costa.<sup>9</sup> Warren Dean também tratou dessas colônias de parceria, mas na região de Rio Claro, apontando as possíveis causas do fracasso de tal regime de trabalho, dentre elas, o fato de os colonos terem perdido o interesse na lavoura quando lhes pareceu impossível quitar dívidas tão elevadas, que eram contraídas desde sua chegada; outra causa seria a superioridade que os fazendeiros paulistas acreditavam ter sobre o imigrante, e por não imaginarem que estes pudessem protestar e mesmo reagir de forma violenta, dispensavam-lhes toda a sorte de maus tratos. Essas foram as condições responsáveis pelas constantes revoltas de colonos, como a que eclodiu em 1857, nas fazendas da Vergueiro & Cia, e que teve por epicentro a colônia de Ibicaba.<sup>10</sup>

No século XIX, o Império brasileiro deparou-se durante décadas com problemas que entravavam o fluxo da imigração, fosse ela “espontânea” (financiada pelo próprio imigrante) ou “regular” (financiada pelo governo imperial). E isso, mesmo com a adoção da Lei de Terras de 1850, que tinha como um de seus principais objetivos a atração de

---

<sup>9</sup> E. V. da Costa. Colônias de parceria na lavoura de café: primeiras experiências. In: \_\_\_\_\_. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 149-177.

<sup>10</sup> W. Dean. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, especialmente o cap. IV. Sobre a revolta de colonos, ver T. Davatz. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1972.

imigrantes chegando a prever, por exemplo, a venda de terras devolutas em pequenos lotes acessíveis aos colonos que detivessem um pequeno pecúlio.<sup>11</sup> O sistema de parceria, que no dizer do viajante alemão Robert Avé-Lallemant, apresentava-se como um “carbúnculo com consequências gangrenosas”, apresentava inúmeros problemas.<sup>12</sup> Problemas que acabariam por desembocar, em 1859, numa onda de rebeliões de colonos em várias províncias do Império. Além das razões já conhecidas para que essas ocorressem, os núcleos coloniais localizavam-se em áreas distantes, praticamente incomunicáveis e sem nenhum apoio das autoridades. E, segundo Lígia Osório Silva: “As companhias de colonização, na ganância de garantir seus lucros, não tinham muitos escrúpulos no cumprimento dos contratos e a fiscalização do governo era, no mínimo, lenta”.<sup>13</sup> Ainda de acordo com a autora, os colonos queixavam-se também do problema religioso, uma vez que entre eles havia um número expressivo de protestantes, enquanto que no Império, embora houvesse a tolerância religiosa, o catolicismo era religião oficial. Este era um problema, sempre minimizado nos documentos oficiais da época, como se pode perceber pelo trecho do Relatório do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 1868:

*“A tolerância sabiamente decretada pela Constituição; tão profundamente arraigada nos nossos costumes e tão recomendada pela civilização moderna e pelo próprio espírito do cristianismo permite aos dissidentes da religião católica viver à sombra das leis pátrias como os que professam a religião do Estado”.*<sup>14</sup>

Muito embora as autoridades governamentais se vangloriassem de criar condições para que os imigrantes europeus optassem pelo Brasil para o estabelecimento da sua nova pátria, como “garantir a propriedade da terra a preço mínimo e a prazo de cinco anos, bem como o fornecimento de sementes e utensílios agrários às pessoas que se agregassem às colônias do Estado já existentes, ou as que se houvessem de formar”, os resultados revelavam-se nada animadores.<sup>15</sup> E isso é perfeitamente explicável, uma vez que, além da promulgação da Lei de Terras, cuja aplicação mal saía do papel, e dos regulamentos e

---

<sup>11</sup> Cf. L. O. Silva. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 151.

<sup>12</sup> R. Avé-Lallemant. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980, p. 345.

<sup>13</sup> Silva (2008), op. cit., p. 145.

<sup>14</sup> Relatório do Ministério da Agricultura, 1868, p. 66.

<sup>15</sup> Idem, *Ibidem*, 1867, p. 34.

instruções inócuas sobre a matéria, a ação do governo imperial resumia-se à publicação de algumas obras no estrangeiro com o objetivo de fazer propaganda das medidas que o próprio governo tinha dificuldade de implementar, como *L'Empire du Brésil*, publicado em Paris em 1863, e *Situation sociale, politique et économique de l'Empire du Brésil*, publicado no Rio de Janeiro em 1865.<sup>16</sup> Com isso, procurava-se melhorar a imagem do Império nos países tidos como fornecedores em potencial do imigrante europeu, lembrando que o reino da Prússia e outros estados alemães proibiram, em 1859, a emigração de seus súditos para o Brasil. Isso também explica a preparação e a divulgação na Exposição Internacional de Paris, de 1867, da publicação *Breve notícia do Império do Brasil*, traduzida para o inglês, o francês e o alemão.

Além das falhas e hesitações da política imigratória do governo brasileiro, há que se entender que a concorrência internacional tornava ainda mais difícil o sucesso de uma política imigratória, em especial com episódios como a corrida do ouro para Califórnia, em 1849, e para a Austrália, entre 1851 e 1861, e o Homestead Act, votado pelo Congresso dos Estados Unidos em 1862, na medida em que direcionavam as correntes imigratórias para outros países do Novo Mundo, menos para o Brasil.<sup>17</sup>

Somente a partir dos anos 1880, com a difusão do sistema de colonato e a promoção da imigração subsidiada pelo Governo Imperial, é que se impulsionou o fluxo de imigrantes para São Paulo, principalmente imigrantes italianos.<sup>18</sup>

Na década de 1860, apesar do fracasso das primeiras experiências com o regime de parceria nas fazendas de café de São Paulo, o Governo Imperial brasileiro continuava a dedicar-se à promoção da imigração para o país. Nesse passo, o início da Guerra Civil nos Estados Unidos ofereceu uma boa oportunidade para incentivar a produção nacional de algodão. Com o início da guerra, os portos dos estados sulistas foram bloqueados e a Inglaterra se viu privada do fornecimento de algodão em pleno auge de suas indústrias. Alice Canabrava analisa a introdução e o desenvolvimento da cultura do algodão na

---

<sup>16</sup> Cf. Silva (2008), op. cit., p. 204.

<sup>17</sup> Idem, Ibidem, p. 203.

<sup>18</sup> Sobre o regime de colonato, além de Costa e Dean, ver também: T. H. Holloway. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, especialmente o cap. I; C. Vangelista. *Os braços da lavoura. Imigrantes e "caipiras" na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*. São Paulo: Hucitec, 1991, cap. I; V. Stolcke e M. M. Hall. A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo. *Revista Brasileira de História*. V. 3, nº 6, 1984, p. 80-120; A. Delfim Netto. *O problema do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas: Ministério da Agricultura, SUPLAN, 1979, especialmente os capítulos de 1 a 3.

província de São Paulo, apontando justamente os desdobramentos da guerra e os incentivos ingleses como promotores do início da cultura de algodão do tipo herbáceo na província. Até então, segundo a autora, a cultura de algodão estava abandonada, sendo que no passado, o tipo plantado era de algodão arbóreo, diferente do herbáceo. Mas a Inglaterra demandava algodão herbáceo, de preferência das mesmas variedades antes importadas dos EUA, como o algodão da variedade New Orleans, que servia para produzir fios de algodão mais grossos, para vestimentas mais rústicas.<sup>19</sup>

A Inglaterra chegou, inclusive, a enviar sementes para o Brasil ao saber do interesse do país em produzir algodão. A Associação para o Suprimento do Algodão de Manchester (*Manchester Cotton Supply Association*) interessava-se em encontrar outros fornecedores de matéria-prima, pois os acontecimentos nos Estados Unidos, principal fornecedor, estavam prejudicando a indústria com a paralisação da produção devido à falta de algodão. A associação inglesa de Manchester se encarregou de incentivar o cultivo de algodão não só no Brasil, mas também na Índia e no Egito.<sup>20</sup>

Além do Governo Imperial, duas associações imigrantistas, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, também se dedicaram à promoção da imigração de sulistas para o país. Essas duas associações estavam interessadas em expandir os negócios de seus membros e viram na imigração sulista tal oportunidade.

Muitos sulistas, insatisfeitos com os rumos que o sul vinha tomando após a Guerra Civil, no processo de Reconstrução, decidiram emigrar. Dentre os destinos escolhidos estavam a Europa, e países como México, Honduras, Venezuela e, claro, o Brasil.<sup>21</sup> Os incentivos do Governo Imperial e das associações imigrantistas parecem ter contribuído para essa escolha. Além desses, a propaganda feita por agentes emigrantistas norte-americanos também foi decisiva na escolha pelo país.

Esses agentes vinham ao Brasil representando um grupo, ou uma associação pró-emigração sulista. Eles eram recebidos no Rio de Janeiro e encaminhados ao Ministro da Agricultura. O próprio Ministro se encarregava de recomendá-los a pessoas influentes que pudessem mostrar as terras e as condições de vida no país.

---

<sup>19</sup> A. P. Canabrava. *O desenvolvimento da cultura de algodão na Província de São Paulo (1861-1875)*. São Paulo, 1951, p. 16.

<sup>20</sup> Idem, *Ibidem*, p. 4, 8-10.

<sup>21</sup> L. F. Hill. Confederate Exiles to Brazil. *The Hispanic American Historical Review*. V. 7, nº 2, maio, 1927, p. 192.

*“Dirigindo-se ao interior das Províncias do Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, eles levavam cartas de recomendação do Ministro da Agricultura às pessoas influentes das localidades. No caso de São Paulo, os agentes eram recomendados aos grandes proprietários agrícolas que lhes forneciam os auxílios necessários”.*<sup>22</sup>

Após a visita desses agentes ao Brasil, estes retornaram aos Estados Unidos e publicaram livros e panfletos falando das maravilhas do país e incentivando seus compatriotas a emigrarem. A grande maioria desses agentes atuou como líder de um grupo de emigrantes dispostos a se estabelecer no país. Foi o caso, por exemplo, do Rev. Ballard S. Dunn, que se estabeleceu no Vale do Ribeira com compatriotas a partir de 1867; de James McFadden Gaston, que também se estabeleceu no Vale do Ribeira em 1867, porém em área distinta de Dunn, e do Major Lansford Warren Hastings, que se estabeleceu em Santarém (Pará), trazendo duas levas de imigrantes (uma em 1867 e outra em 1868, totalizando mais de 300 imigrantes).<sup>23</sup>

Os primeiros imigrantes começaram a chegar ao Brasil em 1865, porém a maior parte deles chegou durante o ano de 1867. Estabelecendo-se no Pará (Santarém), no Espírito Santo (próximo à lagoa Juparanã, em Linhares), no Paraná (proximidades do Rio Assungui), Minas, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo (no litoral – região do Vale do Ribeira – e na região de Santa Bárbara), esses imigrantes em 1867 totalizaram 2700 indivíduos, sendo que São Paulo concentrou o maior número deles: 800.<sup>24</sup>

De todos os agrupamentos formados, um em particular se destacou: o de Santa Bárbara, na província de São Paulo. Localizado na região próxima a Campinas, esse agrupamento obteve o maior sucesso relativo, uma vez que seus membros se inseriram na economia local nas mais variadas profissões, sendo que a grande maioria atuou mesmo como “lavradores”. Cultivando gêneros comerciais, como o algodão, a cana-de-açúcar e a melancia esses imigrantes conseguiram se inserir no circuito mercantil da região, tendo se integrado também à vida social e política local. Como exemplo disso, entre 1896 e 1898,

---

<sup>22</sup> A. F. Zorzetto. *Propostas imigrantistas em meados da década de 1860: a organização de associações de apoio à imigração de pequenos proprietários norte-americanos – análise de uma colônia*. Campinas, IFCH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 2000, p. 32.

<sup>23</sup> A. M. C. de Oliveira. *O destino (não) manifesto: os imigrantes norte-americanos no Brasil*. São Paulo: União Cultural Brasil-Estados Unidos, 1995, p. 111.

<sup>24</sup> M. Jefferson. An American Colony in Brazil. *Geographical Review*. V. 18, nº 2, abril, 1928, p. 227.

Wilber Fish McKnight, um membro da comunidade norte-americana, foi vereador na Câmara Municipal de Santa Bárbara. Ao que se sabe, ele foi o primeiro norte-americano a tomar parte ativa na política municipal.<sup>25</sup>

No entanto, Santa Bárbara não fez parte dos locais oferecidos pelo Governo Imperial aos agentes norte-americanos a preços mais modestos e com facilidades de pagamento, como as terras localizadas no Vale do Ribeira. Os que compraram terras em Santa Bárbara as compraram aos preços vigentes à época, e sem as facilidades dos que se dirigiram para o litoral paulista. Por que esses norte-americanos dirigiram-se para Santa Bárbara? Por que, dentre todos os agrupamentos, esse foi o de maior sucesso relativo? O que tinha Santa Bárbara para oferecer a esses imigrantes?

Este trabalho tem como objetivo estudar esse grupo de imigrantes norte-americanos que se dirigiu para Santa Bárbara a partir de 1866. Buscamos entender a conjunção de fatores que os trouxe até o Brasil e até Santa Bárbara, e também as razões que teriam propiciado a prosperidade relativa desse grupo perante os demais. Utilizando fontes primárias disponíveis em Santa Bárbara, bem como bibliografia impressa relacionada ao tema, procuramos examinar como se deu a escolha por Santa Bárbara, a inserção desses imigrantes nessa região e a que tipo de atividades se dedicaram. Sabemos que, grande parte dos imigrantes estabeleceu-se no meio rural como lavradores, porém essa não foi a única forma de inserção econômica. Profissões como ferreiro, médico, dentista, comerciante foram muito comuns dentro da comunidade norte-americana de Santa Bárbara. Em nossa pesquisa procuramos detectar as relações econômicas desenvolvidas entre os americanos e a população local, entre os próprios americanos e, da mesma forma, as diferenças quanto aos tipos de relações.

Se no início os imigrantes tentaram se isolar dentro de sua própria comunidade, tendo uma vida social que se limitava ao próprio círculo de vizinhos norte-americanos, ao final do século XIX estes acabaram por se integrar à população local, através de casamentos e laços de amizade. Com isso, a comunidade foi perdendo sua distinção, tendo se integrado aos poucos à população local.

---

<sup>25</sup> Cf. J. M. K. Jones. *Soldado descansa! Uma epopeia norte-americana sob os céus do Brasil*. São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1998 (original de 1967), p. 333.

A literatura sobre o tema aponta Santa Bárbara como o agrupamento de maior sucesso, sem especificar se foi sucesso material ou econômico, ou apenas no sentido de reproduzir o modo de vida sulista, ou ainda, de recomeçar vidas que pareciam arruinadas num país desconhecido e diferente, ou seja, de “dar a volta por cima”.

Nosso trabalho pretende reconstruir a trajetória dos imigrantes norte-americanos que se dirigiram para Santa Bárbara e ali buscar as respostas para nossas indagações. Para isso, nos dedicamos principalmente às fontes primárias manuscritas disponíveis no 1º Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, muito bem cuidadas e conservadas, permitindo que as consultas fossem feitas sem maiores problemas. O único inconveniente foi que dois livros foram extraviados, porém, os que constam do acervo, estão em excelentes condições para consulta. Além dos documentos cartoriais, os documentos da Câmara Municipal de Santa Bárbara também foram importantes. Estes últimos podem ser encontrados no Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste, onde alguns livros estão em péssimas condições de consulta, com páginas rasgadas e às vezes se desfazendo, outros, porém, permitiram-nos uma ótima consulta. Nos dois locais tivemos um excelente tratamento, o que permitiu que a pesquisa fosse feita sem maiores percalços.

Esse trabalho está dividido em três capítulos, além dessa introdução geral e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta os antecedentes da imigração sulista ao Brasil, os fatores que motivaram a emigração, a escolha pelo Brasil e a escolha por Santa Bárbara. O segundo capítulo concentra-se na chegada dos imigrantes a Santa Bárbara. Nesse capítulo são utilizadas as fontes primárias pesquisadas, com as quais tentamos recompor a rede de relações existentes, principalmente econômicas, entre os norte-americanos e entre eles e a população local, buscando apreender como teria se dado a inserção dos mesmos na região de Santa Bárbara. O terceiro capítulo apresenta a discussão acerca do sucesso relativo dos imigrantes de Santa Bárbara. É um balanço geral sobre o grupo, que mesmo com muitos tendo se dispersado por outras regiões, alguns inclusive retornando aos Estados Unidos depois de algum tempo, acabou integrando-se totalmente à população local a partir do início do século XX.

## CAPÍTULO 1

### **Os antecedentes: a Guerra Civil Americana, a decisão de emigrar e as primeiras pesquisas sobre o Brasil**

A decisão de emigração por parte dos norte-americanos, dentre eles muitos sulistas, deu-se apenas após o final da Guerra Civil Americana, o violento conflito que seccionou aquele país entre 1861 e 1865, em dois Estados: os Estados Unidos da América propriamente ditos, entre outras palavras, a União, englobando grosso modo os estados do norte, e os Estados Confederados da América constituídos pelos estados separatistas do sul, a Confederação.

A guerra e a derrota das forças confederadas tiveram como consequências violentas transformações na economia e na sociedade dos estados do sul. Primeiramente, da sua longa duração resultou o atrofiamento das forças produtivas, a estagnação econômica, a inflação, além, é claro, da destruição material, física e moral que acometeu sua população. Economicamente, com a destruição, quase tudo teve que ser reconstruído no sul. É a partir daí que a indústria no norte deu o seu grande salto.

Cabe lembrar que a guerra teve como desdobramento importante o fim da escravidão nos estados do sul, e conseqüentemente em todo o território estadunidense, trazendo uma reorganização social e econômica em todo o país.

Essas transformações atingiram de forma mais violenta o Velho Sul, já que com a derrota passou ao domínio e controle mais severo dos nortistas no período conhecido como Reconstrução (1865-1876). Nesse período, a intenção era “reconstruir” os estados do sul, com todos os significados que essa palavra possa ter. Não era apenas a reconstrução material, física e econômica, mas uma tentativa de adequar os sulistas às novas regras do jogo político, à nova relação de poder que ali se configurava.

As transformações ocorridas no sul foram, muitas vezes, desoladoras para os sulistas. Muitos deles, diante das reformas da Reconstrução, do inconformismo frente à destruição do seu modo de vida e mesmo a intolerável convivência com os negros, agora livres, decidiram-se pela emigração. Desse contingente de emigrantes, muitos foram os que

decidiram vir para o Brasil e, em especial, para Santa Bárbara, interior do estado de São Paulo.

Este capítulo apresenta os antecedentes da imigração norte-americana para o Brasil. Começamos apresentando alguns pontos importantes relativos à Guerra Civil, buscando compreender os possíveis motivos que teriam levado esses sulistas a emigrar. Apresentamos os fatos relevantes que podem dar indicações acerca dessa importante decisão, bem como aqueles que possam indicar a razão da escolha do Brasil e, principalmente, daqueles que optaram por Santa Bárbara.

### **A secessão e a Guerra Civil Americana**

A Guerra Civil é considerada a mais violenta e sangrenta da história dos Estados Unidos da América. Durante quatro anos (1861-1865) a União e a Confederação (constituída pelos estados separatistas do sul), se confrontaram em várias batalhas, culminando na vitória da União e no fim da escravidão no país.

União e Confederação constituíam economias diferentes, com interesses e oligarquias também diferentes. A União era formada, grosso modo, pelos estados do norte, de Maine até Maryland. Dedicavam-se à manufatura e ao comércio, e sua elite era formada pela classe média urbana dos artesãos e profissionais liberais, e a classe rica, em geral ligada ao comércio de importação e exportação, às finanças e à atividade bancária. A Confederação era formada inicialmente pelos estados separatistas do sul: Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia. Aos poucos, mais estados juntaram-se à Confederação, até totalizarem treze estados. O sul prosperou com base na agricultura comercial para exportação, primeiro com o tabaco e, posteriormente, com o algodão, realizada com mão-de-obra escrava africana, no modelo da grande fazenda, a *plantation*. Portanto, é fácil perceber que a classe dominante no sul era a dos grandes proprietários de terras e de escravos, envolvidos com os lucros da grande lavoura mercantil.<sup>26</sup>

*“Assim, o algodão ficou ‘rei’, dominando a economia e a sociedade do sul, contribuindo com sete oitavos da produção mundial desta matéria-prima, e gerando quase dois terços da renda*

---

<sup>26</sup> P. L. Eisenberg. *Guerra Civil Americana*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Tudo é História n. 40, 1999, p. 14, 20, 21, 23 e 29.

*das exportações americanas nos anos 1836-40. A Inglaterra comprava dois terços deste algodão americano...”*<sup>27</sup>

Norte e sul eram, portanto, duas regiões distintas dentro de um mesmo país. As elites do norte e do sul conseguiram manter-se em equilíbrio não entrando num confronto direto durante quase todo o período pós Independência, pelo menos até o início dos anos 1860. Durante esse período, os interesses de ambos puderam sempre ser compatibilizados, com a adoção de várias medidas que visavam a conciliação.

Assim, podemos perceber que o simples fato das duas regiões serem econômica e socialmente diferentes, e ainda, o fato de possuírem interesses distintos não conduziria a uma guerra fratricida de tamanhas proporções. Dentro de um mesmo país sempre convivem interesses conflitantes, com um grupo sempre tentando fazer valer seus próprios interesses em detrimento dos demais grupos. Mas, isso não significa a ocorrência constante de guerras civis, e em todos os países. Em outras palavras, as acentuadas diferenças que marcaram a formação dessas duas regiões não bastam como causa explicativa da deflagração da guerra. Como bem lembra Moore Jr.:

*“... não há motivo geral abstrato para a luta entre o norte e o sul. Em outras palavras, era necessária a presença de circunstâncias históricas especiais para impedir o acordo entre uma sociedade agrária baseada em mão-de-obra escrava e um crescente capitalismo industrial”*<sup>28</sup>

Se a guerra não teve como causa principal as divergências em relação à questão das tarifas sobre importação – protecionismo do norte x livre-cambismo do sul –, o acesso às novas terras conquistadas a oeste, as relações entre bancos e dinheiro, e a questão dos melhoramentos internos,<sup>29</sup> causas comumente apontadas pela bibliografia, então, o que teria motivado de fato a guerra?

A guerra, na verdade, decorre de algo mais profundo, a questão do poder central. A mudança no jogo de forças políticas suscitou os ânimos de tal forma que culminou no confronto violento de um conflito que se arrastou por quatro anos. A escravidão é que teria suscitado as questões morais e também as paixões de ambos os lados.

---

<sup>27</sup> Eisenberg, op.cit., p. 23.

<sup>28</sup> B. Moore Jr. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 1967, p. 118.

<sup>29</sup> Cf. Eisenberg, op. cit., p. 39-43.

*“É impossível falar de fatores puramente econômicos como causas principais por trás da guerra, tal como é impossível falar da guerra como principal consequência das diferentes posições morais em relação à escravidão. As questões morais surgiram das diferenças econômicas. A escravidão era a questão moral que deu origem à maior parte da paixão de ambos os lados. Sem o conflito direto de ideais sobre a escravidão, os acontecimentos que levaram à guerra, e a própria guerra, são totalmente incompreensíveis. Ao mesmo tempo, é claro como a luz do sol que os fatores econômicos criaram uma economia de escravos no sul, tal como criaram estruturas sociais diferentes, com ideias contrastantes, noutras partes do país”.*<sup>30</sup>

É importante notar que tanto Moore Jr. quanto Eisenberg, Goldman e Oliveira (1995) ressaltam o fato de que os proprietários de escravos eram minoria no sul. No entanto, era uma minoria muito poderosa e influente.

*“Na sociedade sulista, os proprietários de plantações e de escravos constituíam uma minoria muito pequena. Por volta de 1850, devia haver menos de 350.000 proprietários de escravos, num total da população de cerca de seis milhões, nas áreas com regime de escravidão. Com as suas famílias, os proprietários de escravos constituíam talvez um quarto da população branca, no máximo. Mesmo dentro deste grupo, apenas uma pequena minoria possuía a maior parte dos escravos: uma contagem referente a 1860 confirma que apenas sete por cento dos brancos possuíam cerca de três quartos dos escravos negros”.*<sup>31</sup>

Segundo Eisenberg, metade dos senhores de escravos da área do algodão tinham entre 16 e 50 escravos, e somente um terço desses tinha mais de 50 escravos. Os escravos representavam um terço da população do sul em 1860.<sup>32</sup>

Mas, mesmo sendo uma minoria, essa era a elite sulista que submetia também um considerável contingente de pequenos proprietários da região, que, sem escolha, aceitavam o domínio político dos grandes plantadores.<sup>33</sup> Uma minoria forte o suficiente para eleger 10 dos 16 presidentes norte-americanos, no período de 76 anos compreendido entre o início da

---

<sup>30</sup> Moore Jr., op. cit., p. 127.

<sup>31</sup> Idem, Ibidem, p. 120. Segundo Goldman (1972), grande parte dos proprietários de escravos possuía de um a quatro escravos apenas, e cultivavam, juntamente com os negros, as suas próprias terras. Cf. F. P. Goldman. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972, p. 37. Ver também Oliveira (1995), p. 50 e 51.

<sup>32</sup> Eisenberg, op. cit., p. 26.

<sup>33</sup> Moore Jr., op. cit., p. 121; Goldman (1972), op. cit., p. 35; Oliveira (1995), op. cit., p. 51.

primeira presidência de George Washington (1789) e o mandato de Abraham Lincoln iniciado em 1861. Considerando que dos sete primeiros presidentes, a exceção de John Adams e J. Quincy Adams, cinco foram eleitos para o exercício de dois mandatos (G. Washington, T. Jefferson, J. Madison, J. Monroe e A. Jackson), além de três com um único mandato (Harrison-Tyler, Polk e Pierce) e da curta presidência de um ano de Z. Taylor, os sulistas ocuparam a presidência dos EUA por 53 anos.

Esse fato permite a Moore Jr. afirmar que: “*A escravidão não estava, certamente, prestes a desaparecer por razões internas. (...) Se a escravidão tinha de desaparecer da sociedade americana, só a força das armas o conseguiria*”.<sup>34</sup>

Para entender as causas da guerra, precisamos entender o que mudou no jogo de forças entre norte – ou leste – e sul. E nesse ponto o oeste teve um papel importante. O oeste, por volta de 1860, ainda era pouco ocupado, mas a sua conquista seguia acelerada. As forças dessa expansão territorial, sempre na direção de uma “fronteira em movimento”, formavam inicialmente os territórios que aos poucos iam sendo anexados à União; eram esses territórios que acabavam por se tornar novos estados. Havia uma clara complementaridade entre as regiões norte, sul e oeste. O norte prestava serviços de financiamento, transporte, venda e seguro dos gêneros exportados pelo sul (na década de 1860, o algodão principalmente). Além disso, o sul ainda era o comprador de produtos manufaturados e alimentos do norte e do oeste, já que sua economia era muito especializada. Assim, parte dos lucros dos fazendeiros sulistas acabava por ser gasta no norte e no oeste.

Para que se deflagra-se a guerra, seria necessário que esse equilíbrio de forças fosse rompido. Esse equilíbrio rompeu-se com o realinhamento das regiões, com o oeste passando a se identificar muito mais com o norte e, ambos, sentindo-se ameaçados pela força e pelas instituições sulistas, especialmente a escravidão. Criava-se assim o ambiente de medo e de desconfiança contra o sul, ganhando terreno o *Slave Power* (Poder da Escravidão). Este passou a ser o símbolo mais poderoso da ameaça que representava o despotismo sulista e a sua influência, ou da escravidão, sobre o governo.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Moore Jr., op. cit., p. 121.

<sup>35</sup> V. Izecksohn. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado antes da Secessão. *Topoi: Revista de História da UFRJ*. Rio de Janeiro, V. 6, 2003, p. 65.

No oeste predominavam duas atividades econômicas: uma bem-sucedida agricultura comercial, e a pecuária, ambas desenvolvidas por homens livres, de tal sorte que, em pouco tempo, começaram a aparecer os excedentes. A mudança do mercado consumidor desses produtos parece ter redirecionado as relações de poder nos Estados Unidos. Segundo Moore Jr.:

*“Até a década de 1830, esses excedentes foram encaminhados para o sul, para alimentar a economia mais especializada da zona, tendência essa que deveria continuar, mas que perdeu o seu significado quando o mercado do leste se tornou mais importante”.*<sup>36</sup>

Além disso, a questão da escravidão deixava receosos os agricultores livres do oeste, o que possibilitou o alastramento do sentimento antiescravista. A ligação entre o leste industrial e os agricultores do oeste nesse momento contribuiu para eliminar a hipótese de uma solução reacionária direta dos problemas econômicos e políticos do país, em favor das camadas econômicas dominantes, e por isso levou o país até o extremo de uma sangrenta Guerra Civil.<sup>37</sup>

Esse desequilíbrio acabou por provocar a guerra, de acordo com Izecksohn, porque os dois grupos políticos utilizavam a máquina estatal como forma de manutenção de seu poder. Por meio do sistema de espólios (*spoil system*) instituído por Andrew Jackson a política norte-americana não gerou uma burocracia independente, como na Europa, por exemplo. Os cargos e os postos governamentais eram prerrogativas do partido que estivesse no poder.<sup>38</sup>

*“O aspecto fundamental tornou-se cada vez mais o fato de a maquinaria do governo federal ter de ser usada para apoiar uma sociedade ou outra. Era esse o significado por trás de assuntos tão pouco interessantes, como a tarifa alfandegária e que pôs paixão na reclamação sulista, ao afirmar que estava pagando tributo ao norte. A questão do poder central tornou também crucial a questão da escravatura nos territórios. Os dirigentes políticos sabiam que a admissão de um estado de escravos ou de um estado de trabalhadores livres desequilibraria a balança para um lado ou para o outro”.*<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> Moore Jr., op. cit., p. 131.

<sup>37</sup> Idem, Ibidem, p. 135.

<sup>38</sup> Izecksohn, op. cit., p. 62.

<sup>39</sup> Moore Jr., op. cit., p. 139-140.

Deve-se somar a isso a incerteza e a desconfiança entre as forças políticas envolvidas, prova de que as forças de coesão dentro do país eram ainda muito fracas, o que favoreceu a deflagração da guerra. De acordo com Moore Jr:

*“Resumindo, com desesperada brevidade, as causas últimas da guerra residiam no desenvolvimento de sistemas econômicos diferentes, que levaram a civilizações diferentes (mas sempre capitalistas), com posições incompatíveis em relação à escravatura. A ligação entre o capitalismo do norte e a agricultura do oeste ajudou a tornar desnecessária, durante algum tempo, a coligação reacionária característica entre as élites urbanas e as proprietárias de terras e, portanto, o único compromisso que poderia ter evitado a guerra (foi também o compromisso que, eventualmente, liquidou a guerra). Mais dois fatores tornaram esse compromisso extremamente difícil. O futuro do oeste surgia incerto, de modo a tornar incerta a distribuição do poder central, intensificando e aumentando, assim, todas as causas de desconfiança e disputa. Em segundo lugar, como acabamos de notar, as principais forças de coesão da sociedade americana, embora estivessem se consolidando, eram ainda muito fracas”.*<sup>40</sup>

A guerra foi a saída encontrada, pelo norte e pelo sul, para tentar manter o seu poderio político e, com isso, defender as suas instituições. O sul lutava pela manutenção do seu poderio econômico, seu status social e, inclusive, a manutenção de sua riqueza e patrimônio. O mesmo se dava no norte. No entanto, o norte tinha interesses opostos, buscando o protecionismo para sua indústria, a manutenção da propriedade privada e das oportunidades. O norte argumentava lutar também para evitar a divisão da União, não tanto pelo espírito de fraternidade com relação aos seus concidadãos, mas pelo fato de assim poder garantir um mercado interno grande o suficiente para seus produtos e não ter que depender do mercado externo.

A guerra eclodiu após as eleições presidenciais de 1860, quando Abraham Lincoln, do partido Republicano foi eleito. Antes mesmo da posse do novo presidente, a Carolina do Sul, seguida por outros estados sulistas, votaram pela secessão. Foram criados, então, os Estados Confederados da América, com uma nova constituição e um novo presidente: o democrata e fazendeiro de algodão Jefferson Davis.

---

<sup>40</sup> Moore Jr., op. cit., p. 144.

A União, tentando evitar a secessão, enviou soldados ao Forte Sumter, localizado na Carolina do Sul. Antes mesmo que esses soldados conseguissem chegar, a guerra começou com um bombardeio e a destruição do forte pelos separatistas. No início da guerra, os confederados colheram importantes vitórias. A União usou a tática de atacar, enquanto o sul ficava na defensiva. Para tentar aniquilar o inimigo, a União assumiu o controle dos mares e decretou o bloqueio dos portos sulistas. Assim, o sul não teria ajuda de nenhum país e ainda sofreria com a falta de produtos manufaturados, que eles importavam. Contudo, sem um comando central, as tropas nortistas tiveram uma estratégia confusa e, por isso, a guerra demorou tanto para terminar.

Após essa estratégia confusa, do lado da União, o comandante-chefe das tropas passou a ser o general Ulisses S. Grant. Conhecido como o “açougueiro”, foi ele quem conduziu o norte à vitória.

*“Nomeado comandante-chefe de todos os exércitos federais, em março de 1864, Grant implementou uma estratégia mortal de dois objetivos. Primeiro, ele destruiria a base material do sul e com isso a moral da população civil. Segundo, ele atacaria continuamente os exércitos do sul sem se preocupar com as perdas nortistas, que podiam ser substituídas mais facilmente do que as perdas sulistas, o que logo lhe mereceu o apelido de ‘o açougueiro’”.*<sup>41</sup>

Do lado sulista, quem mereceu destaque foi o comandante-chefe general Robert E. Lee, responsável pelo relativo equilíbrio da guerra até 1863. Em julho desse ano, numa tentativa de conquistar a Pensilvânia, o coração industrial do norte, Lee conheceu a derrota em Gettysburg. Com o insucesso da ousada ação militar teve início a derrocada dos confederados. A guerra terminou em 9 de abril de 1865, com Lee assinando a rendição sulista em Appomatox. Cinco dias após o final da guerra o presidente Lincoln foi assassinado.

A população dos Estados Unidos, de uma maneira geral, estava exaurida, com centenas de milhares de mortos e inválidos, e o luto marcava quase todas as casas por um parente morto no conflito. Mas a unidade nacional estava mantida, a escravidão fora

---

<sup>41</sup> Eisenberg, op. cit., p. 76.

abolida e uma nova legislação sobre as terras do oeste estava em vigor desde 1863.<sup>42</sup> Numa citação de Eisenberg podemos perceber a violência dessa guerra civil.

*“O total dos mortos ajuda a apreciar a magnitude deste evento traumático para os EUA. Calcula-se que um total de 618.000 americanos combatentes morreram nos dois lados, um total que excede o de todos os mortos americanos na Primeira Guerra Mundial (1914-18, com 125.000 mortos americanos), na Segunda Guerra Mundial (1939-45, com 322.000 mortos americanos), na Guerra da Coreia (1950-53, com 55.000 mortos americanos) e na Guerra do Vietnã (1961-75, com 57.000 mortos americanos)”*.<sup>43</sup>

Além do alto número de mortos e feridos a guerra trouxe outro resultado que afetou sensivelmente a economia e a moral sulista: a abolição da escravidão. Proclamada por Lincoln em 1º de janeiro de 1863, e entrando em vigor apenas em 1865, a abolição deu a liberdade a aproximadamente quatro milhões de negros.<sup>44</sup> Os fazendeiros que possuíam escravos tiveram grandes perdas, uma vez que os escravos faziam parte de seu patrimônio e eles não tiveram nenhum ressarcimento. Eisenberg estima que os fazendeiros escravagistas perderam cerca de 46% da sua riqueza total com a abolição.<sup>45</sup>

*“De uma maneira geral, grandes e pequenos proprietários de terras ou lavradores pobres sulistas presenciaram uma forte destruição física aliada a uma completa desestruturação do sistema de produção agrícola. Segundo relatórios de jornalistas, de oficiais federais e de ministros evangélicos que percorreram o sul no imediato pós-guerra, restava uma região devastada: plantações arruinadas pelas batalhas, pelas secas que ocorreram no início de 1866 e pelos saques praticados em nome do confisco ou da própria fome; a destruição de construções nas fazendas, de estradas e linhas de ferro; a escassez de gado, mulas e aves; a falta de implementos técnicos e agrícolas; a desorganização de qualquer sistema de mão-de-obra ou de crédito comprometendo as produções; a ocupação militar; somas elevadas de dívidas; entre outros”*.<sup>46</sup>

Ao final da Guerra Civil, a União ocupou militarmente os estados do sul e deu início ao período conhecido como Reconstrução (1865-1876). Nesse período, os principais

---

<sup>42</sup> L. Schoultz. *Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru: EDUSC, 2000, p. 101 e 102.

<sup>43</sup> Eisenberg, op. cit., p. 7.

<sup>44</sup> R. B. Morris. *Documentos básicos da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964, p. 157-159.

<sup>45</sup> Eisenberg, op. cit., p. 79.

<sup>46</sup> Zorzetto, op. cit., p. 28.

cargos políticos do sul foram ocupados por políticos da União, ou nortistas. A orgulhosa aristocracia sulista perdera o poder de nomear juízes, coletores de impostos e até carteiros. Os negros foram incluídos entre os votantes, enquanto os brancos que tinham participado da rebelião perderam o seu direito de voto. Além disso, os negros começaram a participar da política. De uma só vez, a ordem política sulista estava de ponta cabeça: catorze negros foram eleitos como representantes federais e dois como senadores. Um foi nomeado governador e seis outros, vice-governadores. Vários serviram como secretários estaduais e muitos preencheram cargos locais.<sup>47</sup>

As condições no sul ficaram extremamente ruins para a antiga elite agrária. Isso feriu ainda mais o orgulho e a moral dos sulistas. Assim, alguns começaram a pensar que talvez fosse melhor recomeçar as suas vidas longe da sua terra natal, num lugar onde pudessem ter paz de espírito e menos constrangimentos. Passaram, então, a buscar possíveis locais para onde pudessem emigrar e reconstruir o seu modo de vida. Em nosso trabalho, nos deteremos nas pesquisas acerca do Brasil, embora eles tenham se interessado por outros países também, tanto na América Latina, em especial pelo México, além de Cuba e Venezuela, quanto na Europa e no Canadá.

### **Pesquisas acerca do Brasil**

A emigração dos sulistas para o Brasil não foi um ato impulsivo e impensado. Antes de se decidirem sobre o local para onde iriam, eles enviaram agentes para conhecer o grande Império da América do Sul. Estes tinham como missão pesquisar as condições de estabelecimento, as terras, o clima, a cultura, a liberdade política e religiosa, etc. Segundo Weaver: *“For the ex-Confederates, emigration from the United States to Brazil was not the spontaneous action of rash men; it was the result of study, thought, and deliberate planning. (...) many Southern libraries included books on Brazil”*.<sup>48</sup>

Além dos livros sobre o Brasil existentes nas bibliotecas sulistas, os americanos também tinham à sua disposição relatos de antigos viajantes que viveram ou haviam visitado e se interessado pelo Brasil, bem como os relatórios posteriormente publicados

---

<sup>47</sup> Eisenberg, op. cit., p. 100.

<sup>48</sup> B. H. C. Weaver. Confederate Emigration to Brazil. *The Journal of Southern History*. V. 27, nº 1, Fevereiro, 1961, p. 35. *“Para os ex-Confederados, a emigração dos Estados Unidos para o Brasil não foi o ato espontâneo de homens impulsivos; foi o resultado de estudo, reflexão e planejamento deliberado. (...) muitas bibliotecas sulistas incluíam livros sobre o Brasil”*. (Tradução livre).

pelos agentes das associações emigrantistas que para cá vieram para pesquisar as possíveis condições de estabelecimento. São de extrema importância os relatórios feitos pelos agentes após a Guerra Civil, no entanto, existem alguns trabalhos anteriores que também se destacam e podem ter influenciado os sulistas. É o caso dos relatórios de viagens escritos por missionários protestantes em suas campanhas evangelizadoras, como Kidder e Fletcher, que visitaram o Império do Brasil bem antes da Guerra Civil.

Daniel Parish Kidder, pastor metodista, chegou ao Brasil em 1838 como membro de uma missão da Igreja Metodista. Voltou aos Estados Unidos com seus dois filhos em 1840, quando sua esposa faleceu.<sup>49</sup> Em 1845 publicou um livro sobre o Brasil: *Sketches of Residence and Travel in Brazil*.<sup>50</sup> Em 1857, juntamente com o reverendo James Colley Fletcher, escreveu outro livro descrevendo suas experiências no Brasil.<sup>51</sup> Fletcher, um ministro da Igreja Presbiteriana Americana, estabelecido no Rio de Janeiro, veio para o Brasil em 1851. Mesmo sem uma real intenção, ambos acabaram por influenciar a emigração sulista para o Brasil, pois através de seus livros, os sulistas puderam saber um pouco mais sobre o país.

*“Kidder and Fletcher, at first unwittingly, gave great impetus to the emigration movement from the South to Brazil. As the idea of leaving the country began to grow among defeated Confederates, they read avidly these accounts of Brazil, its government, its people, and its customs. New editions of Brazil and Brazilians had to be run from the press in 1866, 1867, and 1868, and these included a section with information of special interest to emigrants”.*<sup>52</sup>

Segundo Jones, o Reverendo James Fletcher teria trabalhado ativamente na promoção da emigração de sulistas, auxiliando o estabelecimento de uma linha regular de vapores entre os dois países. A companhia estabelecida para esse fim era a *United States*

---

<sup>49</sup> B. H. C. Weaver. Confederate Immigrants and Evangelical Churches in Brazil. *The Journal of Southern History*. V. 18, nº 4, novembro, 1952, p. 450.

<sup>50</sup> Em 1940 esse livro foi traduzido para o português, sob o título *Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*.

<sup>51</sup> *Brazil and the Brazilians*, traduzido para o português em 1941, com o título *O Brasil e os Brasileiros*.

<sup>52</sup> Weaver (1952), op. cit., p. 451. “Kidder e Fletcher, de início involuntariamente, deram grande impulso ao movimento emigratório do Sul para o Brasil. Assim que a ideia de deixar o país começou a crescer entre os Confederados derrotados, eles liam avidamente esses relatos sobre o Brasil, seu governo, sua população e seus costumes. Novas edições de O Brasil e os Brasileiros tiveram que ser impressas em 1866, 1867 e 1868, e estas incluíam uma seção com informações de especial interesse para os emigrantes”. (Tradução livre).

*and Brazil Steamship Company*, subvencionada, segundo a autora, pelos governos dos dois países.<sup>53</sup>

Além dos escritos dos dois missionários, a principal fonte de informação dos sulistas que desejavam emigrar, foram os relatórios dos agentes norte-americanos e de exploradores individuais, os quais vieram pesquisar as condições no Brasil, e que foram publicados na imprensa sulista. Dentre eles, podemos destacar os panfletos de Joel E. Mathews, James Mac Fadden Gaston, General W. W. Wood, Reverendo Ballard S. Dunn and Lansford W. Hastings.

Esses agentes vinham, em geral, em nome de uma associação promotora de emigração. Muitas dessas associações formaram-se após o final da Guerra Civil e refletiam a desilusão e a decisão de emigrar dos sulistas.

*“Ao final da Guerra Civil norte-americana, objetivando desenvolver um sentimento emigrantista entre a população sulista, várias agências foram organizadas na maioria dos antigos Estados confederados da Carolina do Sul, Geórgia, Texas, Flórida, Virgínia, Tennessee, Mississipi e Alabama, tais como a Florida Emigration Society e a Southern Colonization Society. (...) Buscando convencer a população rumo à emigração, eles realizavam conferências públicas e publicavam artigos nos jornais sulistas enaltecendo as ‘atrocidades’ cometidas pelo governo federal, a ‘insuportável’ igualdade negra, o aumento dos impostos, os roubos e os ‘insultos’ aos brancos sulistas”.*<sup>54</sup>

Essas associações, primeiro estabeleceram contato com os consulados brasileiros em Nova Orleans e em Nova Iorque. Depois de um primeiro contato e, conforme receberam boas notícias, estreitaram as relações e enviaram os agentes a fim de explorarem o território brasileiro. De acordo com Zorzetto, durante o segundo semestre de 1865, pouco tempo após o final da Guerra, mais de vinte agentes chegaram ao Brasil para explorarem possíveis locais para o estabelecimento de sulistas. Esses agentes americanos foram acompanhados por engenheiros, intérpretes e guias fornecidos pelo Governo Imperial e saíram à procura de terras pelas províncias do Brasil.<sup>55</sup>

*“Envolvido durante todo o século XIX com propostas imigrantistas como solução para a implantação de um mercado de*

---

<sup>53</sup> Jones, op. cit., p. 60.

<sup>54</sup> Zorzetto, op. cit., p. 30.

<sup>55</sup> Idem, Ibidem, p. 31 e 32.

*mão-de-obra livre no Brasil, o governo financiou o transporte, a alimentação, guias, intérpretes e forneceu um certo pecúlio para os agentes explorarem os terrenos disponíveis para os imigrantes se estabelecerem. Dirigindo-se ao interior das Províncias do Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, eles levavam cartas de recomendação do Ministro da Agricultura às pessoas influentes das localidades. No caso de São Paulo, os agentes eram recomendados aos grandes proprietários agrícolas que lhes forneciam os auxílios necessários”.*<sup>56</sup>

Na província de São Paulo, além de terras particulares, os agentes exploraram terras devolutas localizadas no litoral. Essas terras eram oferecidas pela metade do preço das particulares, no entanto, tratavam-se de terras menos férteis e, muitas vezes, sujeitas à inundação.<sup>57</sup>

O Dr. James McFadden Gaston, nascido em Colúmbia, na Carolina do Sul, era médico-cirurgião e serviu como tal no exército confederado.<sup>58</sup> Ele foi o primeiro a vir para o Brasil pesquisar as condições que permitissem o estabelecimento dos norte-americanos. Chegou ao Rio de Janeiro em 12 de setembro de 1865, e no dia 21 do mesmo mês embarcou para Santos.<sup>59</sup> Daí, dirigiu-se para o interior da província de São Paulo, tendo ido de Jundiaí até Araraquara, ocasião em que encontrou o General Wood, que estava no Brasil desde o mês de outubro, indo com ele até Brotas.<sup>60</sup> Segundo Goldman (1972), o Dr. Gaston teria gostado das terras entre Campinas e Araraquara, porém, ao saber que Wood tinha escolhido terras nos campos de Araraquara, decidiu-se por outro lugar, já que possuía certa antipatia por ele. O curioso é que viajaram juntos por várias vezes em território nacional. Além disso, Wood nunca chegou a se transferir para o Brasil. No dia 26 de novembro o Dr. Gaston retornou ao Rio de Janeiro em companhia do General Wood.<sup>61</sup> Porém, faltava ainda ver as terras no litoral paulista, onde mais tarde ele se estabeleceria com outros compatriotas.

---

<sup>56</sup> Zorzeto, op.cit, p. 32.

<sup>57</sup> Com relação à qualidade das terras devolutas localizadas no litoral paulista, mais será dito adiante, no capítulo 2, quando analisarmos as colônias do Rev. Ballard S. Dunn e de Frank McMullan, que compraram terras e se estabeleceram com outros compatriotas no Vale do Ribeira.

<sup>58</sup> F. P. Goldman. Uma tentativa de colonização no litoral sul de São Paulo por imigrantes oriundos do sul dos Estados Unidos após a Guerra Civil. *Revista de História*, V. 14, janeiro-março, 1957, p. 5.

<sup>59</sup> B. A. de Oliveira. *Movimento de passageiros norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro, 1865-1890*. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1981, p. 5.

<sup>60</sup> Jones, op. cit., p. 63.

<sup>61</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 8

“Gaston voltou ao Rio, onde esteve com os Nathan<sup>62</sup> e por intermédio destes se encontrou com o Major Meriwether e o Dr. Shaw. Resolveram juntos voltar para Santos, ir de carroça e a pé até Conceição de Itanhaém. Lá se encontraram com o Cap. Buhlaw que vinha de Cananeia e dizia que as terras eram ótimas e o transporte por mar muito fácil”.<sup>63</sup>

No dia 1º de dezembro de 1865 o Dr. Gaston voltou para Santos, acompanhado de Robert Meriwether e do Dr. Shaw. Ele foi ver terras na região do Vale do Ribeira paulista. Ali, ele se encontrou com o Rev. Ballard S. Dunn, que estava se decidindo pela compra de terras na região. Gaston apresentou, então, um parecer favorável à emigração ao Ministro Paula Souza que acabou reservando-lhe uma gleba de terras em Xiririca<sup>64</sup>, aguardando a sua vinda com mais alguns compatriotas.

Voltando aos Estados Unidos o Dr. Gaston publicou um livro intitulado *Hunting a home in Brazil*, no qual procurou apresentar todas as facilidades e oportunidades existentes no país, de forma a tentar convencer seus compatriotas a transferirem sua residência para cá.<sup>65</sup> De acordo com Jones e Goldman (1972), o Dr. Gaston apadrinhou a vinda de uma centena de emigrantes da Carolina do Sul.<sup>66</sup> No entanto, conforme apresenta Oliveira (1995), o Dr. Gaston teria se estabelecido em Xiririca com mais sete compatriotas.<sup>67</sup> Um desses compatriotas era João Ridley Buford, que era sócio de Gaston em seus negócios. Segundo Jones, em abril de 1868 eles já tinham negociado trinta e seis rolos de fumo, um carregamento de mate e outro de toicinho. A família Demaret também se estabeleceu próxima a Gaston, e já na sua chegada compraram uma família de escravos (pai, mãe e filho).<sup>68</sup> Porém, com a desagregação da colônia, Gaston, Buford e Demaret vieram para a

---

<sup>62</sup> George e Charles Nathan eram irmãos e moravam no Rio de Janeiro. Apesar de serem ingleses, eram casados com moças do Alabama. Cf. Jones, op. cit., p. 60.

<sup>63</sup> Jones, op. cit., p. 64.

<sup>64</sup> Antigo aldeamento indígena, hoje município de Eldorado. Biblioteca do IBGE, disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>.

<sup>65</sup> J. M. F. GASTON. *Hunting a Home in Brazil... The agricultural resources and other characteristics of the country. Also, the manners and customs of the inhabitants*. Philadelphia: Ring & Baird, 1867.

<sup>66</sup> Jones, op. cit., p. 64; Goldman (1972), op. cit., p. 70.

<sup>67</sup> Oliveira (1995), op. cit., p. 111. No segundo capítulo não fazemos referência a esse agrupamento de Gaston; optamos por descrever apenas os mais relevantes, porém, sabemos que, assim como Dunn e McMullan, ele escolheu uma área sujeita a inundações. A primeira grande inundação em Xiririca ocorreu em 1807. Biblioteca do IBGE, op. cit.

<sup>68</sup> Jones, op. cit., p. 142.

região de Santa Bárbara. Gaston viveu em Campinas; Buford e Demaret em Santa Bárbara. João Ridley Buford, inclusive, deu nome a uma das ruas centrais de Santa Bárbara.

O General W. W. Wood, antes da Guerra de Secessão, atuara como advogado e jornalista no Mississippi, e assim como o Dr. Gaston, foi um dos primeiros agentes a visitar o Brasil em nome de um grupo, a fim de colher informações mais específicas sobre o país. Embarcando no navio Montana, em Nova Iorque, chegou ao porto do Rio de Janeiro em 3 de outubro de 1865. No dia 12 de outubro ele tomou um vapor até Santos, tendo procurado locais para estabelecimento de sulistas na província de São Paulo. No dia 26 de novembro partiu de Santos com destino ao Rio de Janeiro, e em sua companhia, a bordo do navio Santa Maria, estava nada mais nada menos que o Dr. James McFadden Gaston.<sup>69</sup> Wood foi muito bem recebido pelo Imperador, que o apresentou ao Ministro da Agricultura Paula Souza.<sup>70</sup> Ele retornou aos Estados Unidos a bordo do navio South America em 2 de janeiro de 1866.<sup>71</sup> Lá ele publicou um livro com o título *Ho! For Brazil*, incentivando seus compatriotas a emigrarem. Não conseguimos encontrar esse livro, ou talvez panfleto. Nem mesmo a bibliografia relevante sobre o tema tem conseguido encontrá-lo. No entanto, sabemos que Wood não promoveu, como líder de um grupo, a emigração de sulistas para o Brasil. De acordo com Weaver: *“Instead of returning to Brazil as the leader of a great emigration movement, he settled down as a country attorney in Adams County, Mississippi”*.<sup>72</sup> Nos registros do movimento de passageiros no porto do Rio de Janeiro, compilados por Betty Antunes de Oliveira, não há nenhum registro de Wood posterior ao seu retorno aos Estados Unidos, em 2 de janeiro de 1866, indicando que ele não voltou ao país. Seu incentivo à emigração limitou-se à publicação de um livro, não tendo ele próprio decidido emigrar. Segundo Hill:

*“Um desses homens comissionados por outros para vir investigar as condições locais foi o General W. W. Wood, do Mississippi e que já morava em New Orleans há muitos anos. O Dr. James McFadden Gaston encontrou-o em julho de 1865 em New Orleans e ele lhe contou que estava representando 500 famílias. Advogado, editor, e grande orador, o General Wood tanta lábia tinha que conseguiu que 19 companhias de emigração,*

---

<sup>69</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 6 e 8.

<sup>70</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 37 e 38.

<sup>71</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 11.

<sup>72</sup> Weaver (1961), op.cit., p. 38. *“Ao invés de retornar ao Brasil como o líder de um grande movimento emigratório, ele se estabeleceu como advogado no Condado de Adams, Mississippi”*. (Tradução livre).

*representando 7 estados, pusessem a sorte em suas mãos. Representando tanta gente e vestindo casaca e cartola, chegou aqui como grande personagem, foi recebido com as maiores honras e adulações pelo governo. A banda de música veio recebê-lo e tocaram 'Dixie', o hino oficial do sul, soltaram foguetes, fizeram banquetes, repicaram sinos... Uma carruagem foi posta à sua disposição para as viagens ao interior, intérpretes foram providenciados e bestas de carga para a imensa bagagem. Em Araraquara, Brotas, Botucatu, por onde passou, foi recebido com as maiores honras, mas, ao que parece, foi esforço perdido da parte dos brasileiros, pois nada resultou de tudo isso a não ser o grande passeio que o general fez".<sup>73</sup>*

Com relação ao Reverendo Ballard S. Dunn, sabemos que ele chegou ao Brasil em 28 de outubro de 1865, a bordo do navio Adelaide Pendergast. Ele visitou terras no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e no litoral paulista, tendo encontrado McMullan, Bowen e Gunther nessa última província. Ao retornar aos Estados Unidos publicou o livro intitulado *Brazil, the home for Southerners*<sup>74</sup>, incentivando a vinda de sulistas para o Brasil. Na capa desse livro há a indicação de que Dunn fez parte do exército Confederado. Dunn veio para o Brasil em 1867, acompanhado de aproximadamente 150 compatriotas, onde formou o agrupamento denominado *Lizzieland*, no Vale do Ribeira.<sup>75</sup>

Robert Meriwether e o Dr. H. A. Shaw representavam a *Southern Emigration Society*, de Edgefield, Carolina do Sul, uma das associações mais conhecidas nos Estados Unidos e no exterior.<sup>76</sup> Chegaram ao porto do Rio de Janeiro, vindos de Nova Iorque a bordo do navio North America, em 26 de novembro de 1865. Dali seguiram para Santos, no navio Santa Maria, em 1º de dezembro de 1865, acompanhados pelo Dr. James McFadden Gaston. Retornaram de Santos para o Rio de Janeiro em 21 de fevereiro de 1866, e devem ter embarcado em seguida para os Estados Unidos.<sup>77</sup> Lá chegando, eles publicaram os resultados dos levantamentos em um jornal de Edgefield.<sup>78</sup> Através da documentação pesquisada no 1º Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, sabemos que Robert Meriwether emigrou para Santa Bárbara. É dele a primeira escritura de compra e venda

---

<sup>73</sup> Hill, apud Jones, op. cit., p. 61.

<sup>74</sup> B. S. Dunn. *Brazil, the home for Southerners: or, a practical account of what the author, and others, who visited that country, for the same objects, saw and did while in that Empire*. New York: George B. Richardson, 1866.

<sup>75</sup> Oliveira (1995), op. cit., p. 111. Voltaremos a falar de *Lizzieland*, no segundo capítulo.

<sup>76</sup> Harter, op. cit., p. 50.

<sup>77</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 8 e 13.

<sup>78</sup> Harter, op. cit., p. 51.

registrada no cartório do município, entre os imigrantes norte-americanos. Meriwether veio ao Brasil com a família a bordo do navio Douro, chegando ao Rio de Janeiro em 1º de setembro de 1866. No dia 6 do mesmo mês ele tomou o navio Pirahy até Santos. Dali seguiu direto para Santa Bárbara, onde comprou, em 28 de outubro de 1866, um sítio de 315 braças de Joaquim de Godois Bueno e sua esposa, e de Firmino de Godois Bueno e sua esposa, por dois contos de réis.<sup>79</sup>

Lansford Warren Hastings também veio ao Brasil para pesquisar as condições de estabelecimento, porém, diferentemente de outros agentes, ele buscou terras na província do Pará. Nos Estados Unidos ele publicou o livro *The Emigrants Guide to Brazil*. Não tivemos acesso a esse livro, porém sabemos que em 1867 e 1868 o Major Lansford Warren Hastings estabeleceu um agrupamento em Santarém, com cerca de 300 compatriotas.<sup>80</sup>

Além desses agentes representantes de associações pró-emigração, encontramos alguns outros fazendeiros sulistas que vieram e fizeram pesquisas sobre as condições de estabelecimento. Dentre eles encontramos Frank McMullan e William Bowen, Charles Gunther e Joel Mathews.

Frank McMullan e William Bowen eram fazendeiros no Texas, e, de acordo com Jones: “McMullan era um rapagão de 1,86 de altura, com uma afecção no pulmão, muita facilidade para línguas; e o Coronel Bowen era veterano de três guerras: a do México, dos Índios e da Guerra Civil”.<sup>81</sup> No dia 9 de dezembro de 1865 chegaram ao Brasil, no mesmo navio em que estava o fazendeiro Charles Gunther acompanhado de seus quatro filhos.<sup>82</sup> McMullan e Bowen exploraram terras próximas às que Dunn escolhera para formar *Lizzieland*, em Iguape, com a garantia do governo brasileiro de que lhes seriam asseguradas as mesmas vantagens dadas a Gaston e Dunn: como título provisório das terras, medição e demarcação, isenção de impostos para implementos agrícolas, manufaturas e máquinas, além de hospedagem por conta do governo, quando da sua chegada.<sup>83</sup>

---

<sup>79</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 23 e 24; Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 12, p. 25 e 26. *Manuscrito*. No segundo capítulo voltaremos a falar de Robert Meriwether, na seção dedicada a Santa Bárbara.

<sup>80</sup> No segundo capítulo voltaremos a falar sobre esse agrupamento. Com relação ao livro publicado por Hastings, de acordo com Jones, o único exemplar desse livro de que se tem notícia pertence a um sobrinho neto de Hastings, que o emprestou ao diretor do Departamento de Arquivos e História do Estado do Alabama, que gentilmente lhe cedeu algumas anotações. Jones, op. cit., p. 124.

<sup>81</sup> Jones, op. cit., p. 71.

<sup>82</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 9.

<sup>83</sup> Goldman (1957), op. cit., p. 6 e 7.

*“McMullan e Bowen escolheram terras na bacia do Rio Juquiá, na Província de São Paulo, voltaram ao Rio, fizeram seu relatório para o governo em 24 de maio de 1866, naturalizaram-se brasileiros; depois McMullan voltou aos Estados Unidos para cuidar do transporte dos colonos, enquanto Bowen ficou para providenciar o seu alojamento”*.<sup>84</sup>

A viagem de volta de McMullan e seus compatriotas ao Brasil foi muito conturbada. O navio naufragou nas costas de Cuba, e os emigrantes perderam grande parte de seus pertences. Tiveram que retornar aos Estados Unidos e ali aguardar mais um mês até conseguirem outro navio. Acabaram, por fim, vindo no mesmo navio que Gaston e seus colonos, o North America, e estabeleceram-se próximos às terras de Dunn, em Iguape.<sup>85</sup> Frank McMullan, vítima da tuberculose, morreu cerca de seis semanas após chegar ao Vale do Ribeira, na casa do Coronel Bowen, seu amigo e sócio.<sup>86</sup> De acordo com Betty Antunes de Oliveira, como a lei brasileira não permitia sepultamentos de não católicos nos cemitérios do governo, uma família de imigrantes alemães dispôs-se a sepultá-lo no quintal de sua propriedade.<sup>87</sup>

Segundo Goldman (1957), os que seguiram o Dr. Gaston tiveram um pouco mais de sorte no começo, porém a colônia não prosperou, muito embora as terras fossem boas e as plantações feitas promettessem excelentes colheitas. E isso pela simples razão, de que *“as terras demarcadas por eles foram requeridas por brasileiros, as estradas prometidas [pelo governo] nunca foram construídas e as colheitas nunca foram vendidas”*.<sup>88</sup> Assim, as famílias da colônia do Dr. Gaston foram se dispersando; algumas voltaram aos Estados Unidos, outras teriam se misturado completamente à população brasileira e outras ainda teriam ido para Campinas, caso do próprio Dr. Gaston. Em nossa pesquisa não encontramos registro do seu estabelecimento na região de Santa Bárbara, a não ser um registro de 1885,

---

<sup>84</sup> Jones, op. cit., p. 71.

<sup>85</sup> Para maiores detalhes sobre as viagens de McMullan, ver Jones, op. cit., cap. 4 e W. C. Griggs. *The Elusive Eden. Frank McMullan's Confederate Colony in Brazil*. Austin: University of Texas Press, 1987.

<sup>86</sup> Cf. Goldman (1957), op. cit., p. 14 e 15.

<sup>87</sup> B. A. de Oliveira. *Alguns dados históricos da vinda de norte-americanos ao Brasil no século XIX*. Nov., 2008. Disponível em: <http://www.pibrj.org.br/historia/arquivos/DadosImigracaoAmericana.pdf>.

<sup>88</sup> Goldman (1957), op. cit., p. 18.

em que o doutor pagava à Câmara Municipal de Santa Bárbara, os impostos por um animal.<sup>89</sup>

No mesmo navio em que vieram Frank McMullan e William Bowen, no dia 9 de dezembro de 1865, estava também Charles Grandison Gunther, um fazendeiro sulista nascido na Carolina do Norte, mas que vivia no Alabama, onde já tinha sido eleito deputado. Viajou por várias províncias brasileiras, tendo gostado das terras localizadas no Espírito Santo, às margens do Rio Doce.<sup>90</sup> Tendo acertado tudo com o Governo brasileiro, retornou aos Estados Unidos e trouxe quatrocentos compatriotas consigo.<sup>91</sup>

Por fim, temos a curiosa figura de Joel E. Mathews, um fazendeiro do Alabama que veio ao Brasil em 13 de junho de 1866, a bordo do navio Izabella. Nesse mesmo navio estava Harvey Hall, membro do grupo de emigrados que se estabeleceu em Santa Bárbara. Chegando ao Rio de Janeiro, ele embarcou poucos dias depois para Santos, no mesmo navio em que estava Charles Gunther. Joel retornou aos Estados Unidos em 6 de outubro de 1866<sup>92</sup> e, em 1867, o jornal *Daily Times* de Selma, Alabama, publicou seus relatos sob o título *Brazil: Reflections on the Character of the Soil, Climate, Inhabitants, and Government*. Seu objetivo era divulgar características do país que pudessem ser interessantes aos agricultores interessados em emigrar para o Brasil.

*“Joel E. Mathews represented the aristocracy of Alabama cotton planters both in education and wealth. A native of Georgia, he acquired degrees in law and medicine from the University of Virginia, settling in Alabama about 1831. In 1860 he owned 284 slaves and a plantation of over 6,000 acres valued at \$152,625, while his personal property was appraised at \$404,760. He contributed \$15,000 for the defense of the state after its secession and equipped several military companies at his own expense”.*<sup>93</sup>

---

<sup>89</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro de Lançamento de Impostos da Câmara (1883-1894). *Manuscrito*.

<sup>90</sup> Jones, op. cit., p. 101.

<sup>91</sup> Oliveira (1995), op. cit., p. 111.

<sup>92</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 19, 20 e 25. Em todas as viagens realizadas por Joel Mathews no Brasil ele estava acompanhado pelo sr. H. J. F. Coleman. Provavelmente eram amigos e vieram juntos para pesquisar as condições do país.

<sup>93</sup> B. H. STEIN. Brazil Viewed from Selma, Alabama, 1867. A Bibliographical Survey. *The Princeton University Library Chronicle*. V. 27, nº 2, Winter, 1966, p. 65. “Joel E. Mathews representava a aristocracia dos plantadores de algodão do Alabama, tanto em educação quanto em riqueza. Nascido na Geórgia, ele obteve título de bacharel em Direito e em Medicina pela Universidade da Virgínia, estabelecendo-se no Alabama por volta de 1831. Em 1860 ele possuía 284 escravos e uma fazenda de mais de 6.000 acres avaliada em \$152.625, enquanto sua propriedade pessoal era estimada em \$404.760. Ele contribuiu com \$15.000 para a defesa do estado após a secessão e equipou muitas brigadas militares às suas custas”. (Tradução livre).

Não tivemos acesso ao original, porém, pelas citações apresentadas por Barbara Stein podemos perceber que as considerações de Joel incluíam a manutenção do sistema escravista no Brasil, que seria um ponto positivo e de atração aos ex-confederados. Mais do que isso, temos em Mathews um autêntico membro da elite sulista, pelo que se depreende da sua formação e de suas propriedades, cujo destaque é um plantel de 284 cativos.

*“Mathews had set out from Selma in 1866 to ‘seek a new Home, because of the utter and entire disorganization of the system of labor to which I have been accustomed’. He sought ‘a climate where I could plant and grow cotton... also, land, at once cheap and fertile’ with the ‘same system of labor (African slavery), and many of the peculiarities of social society which result from the ownership of slaves, which to me are so pleasant and agreeable and to which I had been all my life accustomed”.*<sup>94</sup>

No entanto, Mathews não escondia seu receio de que a emancipação pudesse ocorrer no Brasil; julgava, porém, que o abolicionismo não era ainda um movimento forte no país.

*“Emancipation was especially to be feared in Brazil ‘because the desire to have it done stimulated by that feeling which the Author of all sin has found means by which to infect to some degree most of the human family... (and which) is called in this country Democracy, in the Brazil it is called Liberalism – and in England it is called Reform – all men are of their party who think that all men are equal... Like all things which come from Satan, this is often shown in the world under many pleasing and alluring devices, first it shows a Banner inscribed with Liberty, Fraternity and Equality with the rights of man as a bar sinister. Next it appears with a banner on which is inscribed Paper money, Railways and the development of the resources. With the destruction of the right of property as a bar sinister... when seen in its third and last phase it waves a blood-red banner, with the words: Rapine, Robbery and Blood...”*<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> Stein, op.cit., p. 66. “Mathews partiu de Selma em 1866 para ‘procurar um novo Lar, por causa da absoluta e completa desorganização do sistema de trabalho ao qual eu estou acostumado’. Ele buscou ‘um clima no qual eu pudesse plantar e cultivar algodão... também terras ao mesmo tempo baratas e férteis’ com o ‘mesmo sistema de trabalho (escravidão africana) e muitas das peculiaridades sociais que resultam da propriedade de escravos, que para mim são tão agradáveis e apropriadas e às quais eu tenho estado acostumado durante toda a minha vida”. (Tradução livre).

<sup>95</sup> Idem, Ibidem. “A emancipação era particularmente de se temer no Brasil ‘devido ao desejo de realizá-la estimulado por aquele sentimento de que o Autor de todo o pecado encontrou meios de infectar em algum grau a maior parte da família humana... (e que) é chamado neste país Democracia, no Brasil é chamado Liberalismo – e na Inglaterra é chamado Reforma – todos os homens são da seguinte opinião, de que todos os homens são iguais... Como todas as coisas que vêm de Satanás isso é frequentemente mostrado ao mundo sob muitos artifícios prazerosos e atraentes; primeiro eles mostram uma bandeira com a inscrição Liberdade,

Barbara Stein, em suas pesquisas não conseguiu descobrir se Joel E. Mathews chegou a emigrar para o Brasil. Em nossas pesquisas também não foram encontrados registros de Mathews vivendo no Brasil e, principalmente, em Santa Bárbara. Após seu retorno aos Estados Unidos, em outubro de 1866, não há registros de Joel Mathews chegando novamente ao porto do Rio de Janeiro.

De acordo com Weaver (1961) esses livros que foram publicados na imprensa sulista tinham muito em comum e, principalmente, eram todos muito otimistas com relação ao Brasil.

*“There was great similarity in all of these books. They contained brief statements on the history and government of Brazil, accounts of the agents’ welcome to and travel in the country, glowing descriptions of the land and the people, of opportunities available for immigration, and of inducement offered by the government, and, finally, details of the particular project in which the author was interested. Each had the limitations of hastily written accounts based on superficial surveys of a foreign country, but the men who wrote were interested in Brazil, and their enthusiasm was limitless”.*<sup>96</sup>

Outro fazendeiro que veio pesquisar as condições de estabelecimento no país, porém sem representar um grupo e não tendo publicado nenhum livro com o resultado de suas pesquisas, foi o Coronel William H. Norris, que veio por conta própria, com seu filho Robert, para explorar terras no Brasil. Partindo de Nova Iorque no navio South America, eles desembarcaram no porto do Rio de Janeiro em 27 de dezembro de 1865. No dia 6 de janeiro do ano seguinte foram para Santos a bordo do Pirahy, de onde partiram para explorar terras no interior da província de São Paulo, decidindo estabelecer-se na região de Santa Bárbara, no lugar onde hoje fica a cidade de Americana. Assim que se acharam confortavelmente instalados, buscaram o restante da família que desembarcou no porto do

---

*Fraternidade e Igualdad, e com os direitos humanos como uma faixa ameaçadora. Depois eles aparecem com a bandeira com as inscrições Papel-moeda, Ferrovias e o desenvolvimento dos recursos. Com a destruição dos direitos de propriedade como uma faixa ameaçadora... quando visto em sua terceira e última fase eles tremulam uma bandeira vermelho-sangue, com as palavras: Saque, Roubo e Sangue...”.* (Tradução livre).

<sup>96</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 36. *“Havia grande similaridade em todos esses livros. Eles continham um pequeno resumo sobre a história e o governo do Brasil, relatos da recepção dos agentes e das viagens no país, descrições entusiasmadas da terra e da população, das oportunidades disponíveis para a imigração, e dos incentivos oferecidos pelo governo e, finalmente, detalhes do projeto particular no qual o autor estava interessado. Cada um tinha as limitações de relatos escritos apressadamente, baseados em pesquisas superficiais de um país estrangeiro, mas os homens que os escreveram estavam realmente interessados no Brasil e seu entusiasmo era sem limites”.* (Tradução livre).

Rio de Janeiro em 19 de abril de 1867.<sup>97</sup> O Coronel Norris incentivou outros compatriotas a emigrarem também, através de cartas enviadas a amigos e outros familiares, falando de seu sucesso na nova terra.<sup>98</sup>

Mas os Norris não foram os únicos a incentivar outros compatriotas a virem para o Brasil. Conforme outros grupos foram se estabelecendo, e tendo relativo sucesso nessa nova empreitada (ou apenas um alívio por fugir das tristes circunstâncias em que se encontravam nos Estados Unidos), mais propaganda foi sendo feita e mais norte-americanos decidiram emigrar para o Brasil.

*“As the first colonists began to reach their new homes, another medium of information about Brazil materialized, letters from and articles about Brazil sent back to the Southern newspapers. The emigrants wrote voluminous letters to friends and kin people, expressing either the joys and the disappointments connected with their new venture”.*<sup>99</sup>

## **Os esforços do Governo Imperial brasileiro e as associações de promoção à imigração no Brasil**

Com relação à posição do Governo Imperial no caso da imigração ou colonização norte-americana torna-se necessário, antes de mais nada, compreender dois momentos. No primeiro, que corresponde aos anos de 1850, havia o temor da presença norte-americana. Mais especificamente, no caso da abertura do rio Amazonas – questão que envolvia também países vizinhos como o Peru, o Equador, a Colômbia e a Venezuela – e, mesmo no estabelecimento de núcleos de colonização, também de norte-americanos, naquela região. Na sessão do Conselho de Estado, de abril de 1854, isso fica bem claro. Em primeiro lugar, havia a preocupação de que se repetisse o que ocorrera com o México no final da década anterior, onde desde 1821, com permissão do governo mexicano, colonos norte-americanos começaram a ocupar parte do seu território. Alguns anos depois, essa região foi declarada

---

<sup>97</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 10, 11 e anexo das p. 36 e 37.

<sup>98</sup> Os Norris foram os primeiros imigrantes norte-americanos a se estabelecerem na região de Santa Bárbara. No segundo capítulo voltaremos a falar sobre a família.

<sup>99</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 37. *“Assim que os primeiros colonizadores começaram a chegar a seus novos lares, um outro meio de informação sobre o Brasil se materializou; cartas do Brasil e artigos sobre o Brasil foram enviados aos jornais sulistas. Os emigrantes escreveram numerosas cartas para seus amigos e parentes, expressando tanto suas alegrias quanto suas desilusões com a sua nova aventura”.* (Tradução livre).

independente sob a denominação de República do Texas, com o claro propósito de se incorporar aos Estados Unidos da América, o que realmente ocorreu no final da década de 1840, depois da guerra entre norte-americanos e mexicanos. Ao final do conflito e vitoriosos, os Estados Unidos ampliaram o seu sudoeste, em detrimento do México, ocupando ainda os territórios da Califórnia, Novo México, Utah, Nevada e parte do Colorado.<sup>100</sup>

Da mesma forma, tinha-se presente o ocorrido na vizinha Colômbia, quando colonos norte-americanos emigraram para Nova Granada (1840) onde foram muito bem recebidos, pois a jovem República acreditava que poderia tirar proveito “*de seus capitais e de suas indústrias*”. Em setembro de 1850, esses mesmos colonos promoveram “*uma revolução pretendendo derrubar o governo e estabelecer um novo Estado, com o nome de Nova Columbia*”.<sup>101</sup>

Nessa mesma sessão, lembrou-se o discurso agressivo do presidente norte-americano Franklin Pierce, quando da sua posse, no início de março de 1853:

*“A política da minha administração não será influenciada pelos tímidos vaticínios dos males da expansão. Em verdade, não se pode ocultar que nossa atitude como Nação, e nossa posição no globo tornam a aquisição de certas possessões que não estão dentro da nossa jurisdição, eminentemente importante para a nossa proteção, se é que para o futuro não é essencial à manutenção dos direitos do comércio e da paz no mundo”*.<sup>102</sup>

Enfaticamente, o novo presidente ainda assegurava, que: “*Os direitos de cada cidadão em sua capacidade individual no país ou fora dele devem ser sagradamente mantidos, com a altiva consciência de que é um cidadão de uma nação de soberanos*”.<sup>103</sup>

Por fim, entendiam os conselheiros, conforme parecer do Conselho, que a imigração americana, e em especial no caso da região do Amazonas, “*seria um imenso perigo*”, pois diante dela, “*desapareceriam a nossa raça, nossa língua, nossa religião e nossas leis*”.

---

<sup>100</sup> *Atas do Conselho de Estado*. In: J. H. Rodrigues (Org.). Brasília: Senado Federal. V. 4, p. 140-159. Sobre a expansão norte-americana no século XIX, ver entre outros: F. J. Turner. O significado da fronteira no oeste americano. In: P. Knauss (Org.). *Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EDUFF, 2004; D. Van Every. *O desafio final: a fronteira americana, 1804-1845*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1967.

<sup>101</sup> *Atas do Conselho de Estado*, op. cit., p. 143.

<sup>102</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 147.

<sup>103</sup> *Idem*, *Ibidem*.

*Ativos e ousados, [os norte-americanos] auxiliados pelo seu governo, arredariam toda a concorrência de povoadores nossos, ou os sujeitariam”.*<sup>104</sup>

Nesse quadro não há como esquecer a intrigante figura de Matthew Fontaine Maury, tenente da marinha norte-americana, misto de militar, cientista, homem de negócios e visionário. Como homem do sul, pois nascera na Virgínia, Matthew tinha plena consciência dos problemas que afligiam a economia sulista, e desde o início da década de 1850, passou a alertar os seus concidadãos sobre as potencialidades da Amazônia, cuja colonização deveria ser feita pelos Estados Unidos. No contexto marcado pela disseminação da doutrina do Destino Manifesto, o imaginativo Matthew em seus estudos chegou a várias conclusões. A primeira era de que o rio Amazonas, o Caribe e as Antilhas eram partes constitutivas de um verdadeiro “Mediterrâneo Americano”, enquanto que a segunda era a possibilidade de colonização do território amazônico com negros africanos; evidentemente, esses seriam escravos ou negros libertos do sul, tendo em vista que se avizinhava a abolição da escravidão nos Estados Unidos. Quanto à primeira, e como parte do expansionismo norte-americano ardente naquele momento, Matthew propugnava a abertura à livre navegação e ao comércio do rio Amazonas, à época fechado para a navegação estrangeira. Quanto à colonização da região, essa deveria ser desenvolvida pelos Estados Unidos, e quem sabe, sob a forma de um Império escravista. Essas pretensões, encampadas por políticos e frações do governo norte-americano repercutiram negativamente no Império e geraram profundo mal-estar, uma vez que eram entendidas como uma ameaça à soberania brasileira.<sup>105</sup>

É curioso que dez anos antes da Guerra Civil, um norte-americano tenha se entusiasmado com o potencial das terras da região da Amazônia, seu clima e sua suposta fertilidade e levado adiante uma campanha junto aos políticos e autoridades americanas para a realização desse projeto; um projeto exposto no livro *The Physical Geography of the Sea*, de autoria do próprio tenente Maury, publicado em 1855 e que marcou sua época. O mais curioso ainda é que, naquele momento, talvez não passasse pela cabeça de ninguém que o Brasil pudesse ser o refúgio de norte-americanos brancos, desejosos de preservar o seu mundo ou construir um novo, mesmo que para isso tivessem que abandonar sua terra.

---

<sup>104</sup> Atas do Conselho de Estado, op. cit., p. 148.

<sup>105</sup> A respeito ver, principalmente, N. V. Luz. *A Amazônia para os negros americanos. (As origens de uma controvérsia internacional)*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

No segundo momento, que corresponde à década de 1860, os temores dariam lugar à esperança e, em especial a partir de 1865, quando a Guerra Civil Americana caminhou para o seu término, e entre os sulistas a derrota já se apresentava como um fato consumado. A partir disso, pelo que se percebe da leitura de documentos e relatórios ministeriais do Império, bem como pelas manifestações de políticos, a vinda de norte-americanos na condição de imigrantes era vista com bons olhos; mais do que isso, até com muita esperança. Basta ver os Relatórios do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que desde 1866 passaram a apresentar no título que tratava da “imigração e colonização” um subtítulo dedicado à “imigração norte-americana”. Desse ano em diante, pode-se dizer que o governo imperial procurou oferecer – ou pelo menos prometeu oferecer – inúmeros benefícios e vantagens àqueles que manifestassem o desejo de imigrar. O trecho do relatório ministerial de 1867, não esconde o regozijo com a presença norte-americana:

*“Reconhecido, como está, que a imigração mais conveniente ao Brasil é a que se compõe de indivíduos dedicados especialmente a vida agrícola, o governo, apressando-se em auxiliar o desejo manifestado por diversos habitantes da União Americana, de transferir-se para o nosso paíz, teve em mira os dos Estados do sul em que sobressahe aquella notável circunstancia. Como garantia de sua permanência em solo brasileiro, accresce o motivo político que actua em seus ânimos para expatriarem-se”*.<sup>106</sup>

Não foram poucas as vantagens oferecidas aos norte-americanos interessados em emigrar para o Brasil, pelas autoridades responsáveis (no caso o Ministério da Agricultura): título provisório das terras, prazo para pagamento dos lotes a preços acessíveis, medição e demarcação das terras oferecidas pelo Estado, isenção de tributos para implementos agrícolas ou máquinas que trouxessem consigo, hospedagem por conta do Governo Imperial quando aqui chegassem e, em alguns casos, o pagamento ou adiantamento das suas passagens para cá.

Mesmo com indefinições das políticas imigrantistas do Império, foi grande o empenho de muitos políticos da época no sentido de tornar a imigração estrangeira uma realidade, e, em especial, a norte-americana. Já na década de 1850, com a proibição do tráfico, ficava claro que o escravismo entrava num processo de lenta decomposição, e atrair

---

<sup>106</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1867, p. 37 e 38. Grafia do original.

o colono estrangeiro era uma solução para o problema da mão-de-obra. Nos anos 1860, organizaram-se associações imigrantistas às quais se vincularam importantes figuras da política brasileira, e, no caso norte-americano, tem que se destacar o papel de Tavares Bastos, incentivador e membro da Sociedade Internacional de Imigração, criada em 1866, no Rio de Janeiro. Deputado pela província de Alagoas e membro do Partido Liberal, Bastos era um grande admirador dos norte-americanos e de suas experiências políticas e econômicas, tendo os Estados Unidos da América exercido sobre ele um estranho fascínio desde os tempos da faculdade e, principalmente, pelas obras de Alexis de Tocqueville, que tão bem conhecia.<sup>107</sup> Por essa razão têm sentido seus escritos que tanto exaltam a grande República norte-americana:

*“Sou um entusiasta frenético da Inglaterra, mas só compreendo bem a grandeza desse povo, quando contemplo a República que ela fundou na América do Norte. Não basta que estudemos a Inglaterra; é preciso conhecer os Estados Unidos. É deste último país justamente que nos pode vir mais experiência prática a bem da nossa agricultura, de nossas circunstâncias econômicas que têm, com as da União, a mais viva semelhança”*.<sup>108</sup>

Tavares Bastos era um entusiasta da imigração, criticava a timidez da política brasileira e confessava sua crença nas “raças” vindas da Europa. Segundo ele:

*“E eu não conheço senão um meio eficaz para isso, a saber, abrir francamente as portas do Império ao estrangeiro, colocar o Brasil no mais estreito contacto com as raças viris do norte do globo, facilitar as comunicações interiores e exteriores, promover a imigração germânica, inglesa e irlandesa, e promulgar leis para a mais plena liberdade religiosa e industrial”*.<sup>109</sup>

Percebe-se, além disso que, como propugnador do pensamento liberal, via na subordinação da Igreja ao Estado um obstáculo à vinda de imigrantes. Exemplo disso é a máxima “Igreja livre num Estado livre”, a ele atribuída, como ferrenho defensor da liberdade de cultos, sem restrições, que adviria da separação entre a Igreja e o Estado. Entre outros escritos, sua admiração pelos Estados Unidos fica clara na obra “*Os males do*

---

<sup>107</sup> Cf. C. Pontes. *Tavares Bastos (Aureliano Cândido, 1839-1875)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Brasília: INL, 1975, p. 98.

<sup>108</sup> Apud Pontes, op. cit., p. 99.

<sup>109</sup> A. C. Tavares Bastos. *Cartas do Solitário*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975, p. 241.

*presente e as esperanças do futuro*”,<sup>110</sup> ou ainda sintetizada na célebre frase a ele atribuída: “*Queremos chegar à Europa? Aproximemo-nos dos Estados Unidos. É o caminho mais perto essa linha curva*”. Para ele, portanto, não bastava europeizar o país; era necessário trazer o colono de origem anglo-saxônica e junto com ele, a luz do protestantismo.

Durante a década de 1860, ao mesmo tempo em que recebia os agentes estrangeiros no Brasil, o Governo Imperial procurou manter agentes brasileiros nos Estados Unidos, com a missão, entre outras, de oferecer as informações iniciais aos interessados em emigrar, bem como estabelecer o primeiro contato entre os agentes das associações emigrantistas sulistas e o Ministro da Agricultura brasileiro. O mais conhecido agente foi Quintino Bocaiúva, sediado em Nova Iorque, que em caso de necessidade de se ausentar, para vir ao Brasil, por exemplo, era substituído pelo negociante Domingos de Gricouria.<sup>111</sup>

*“Para fiscalizar o contrato de importação e o transporte dos imigrantes, além dos funcionários consulares, foi escolhido pela companhia de navegação, e autorizado pelo governo imperial, o jornalista e membro de uma associação de apoio à imigração na corte Quintino Bocayuva. Sendo obrigatório aos imigrantes embarcarem no porto de Nova Iorque para obterem o financiamento das passagens, aquele agente de colonização instalou seu escritório junto ao consulado brasileiro naquela cidade, em setembro de 1866”.*<sup>112</sup>

Os agentes brasileiros tentaram de todas as formas incentivar a emigração do sulista norte-americano. No entanto, os incentivos oferecidos foram em certa medida exagerados (ou generosos demais) e com isso, não apenas sulistas desiludidos com a guerra decidiram emigrar. Weaver (1961) cita que alguns alemães e irlandeses, recém-chegados aos Estados Unidos, também resolveram embarcar nessa aventura.

*“When Bocayuva opened the emigration agency in New York and announced a generous offer of passage and land, more than one thousand persons presented themselves as prospects within the first week. Four hundred of these were Germans and Irishmen who had just arrived in America”.*<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> A. C. Tavares Bastos. *Os males do presente e as esperanças do futuro*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. Na obra há em anexo o opúsculo Memórias sobre a Imigração, também de sua autoria.

<sup>111</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1866, p. 68.

<sup>112</sup> Zorzetto, op. cit., p. 37.

<sup>113</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 44. “*Quando Bocaiúva abriu a agência de emigração em Nova Iorque e anunciou uma generosa oferta de passagem e de terras, mais de mil indivíduos se apresentaram como*

Dentre os incentivos oferecidos pelo Governo Imperial, como mencionado, estavam adiantamento das passagens nos Estados Unidos, medição e demarcação das terras no Brasil, transporte até as terras devolutas compradas a prazo do Governo, etc. O parcelamento do pagamento das terras era feito em até cinco anos, e o imigrante recebia na sua chegada o título provisório das terras.

*“De acordo com cada contrato celebrado entre os agentes e as autoridades imperiais, estas forneceriam um vapor para cada dois alugados pelos agentes para o transporte de imigrantes; medição e demarcação das terras escolhidas; isenção de pagamento de impostos alfandegários sobre ferramentas e implementos agrícolas trazidos pelos imigrantes; transporte gratuito entre o porto de desembarque e as colônias; fornecimento de alimentação por seis meses; construção de alojamentos provisórios e vias de comunicação”*.<sup>114</sup>

*“Contracts were all in principle the same, varying only in minor details. Loans for transportation were made, usually allowing the colonist five years in which to repay. Contracts guaranteed free entry of personal belongings and agricultural implements, board and lodging for twenty days in Rio, and free transportation to a second destination. The agent obtained provisional title to the colonization site with the right to determine the purchasers. The head of a family received one square mile of land and a single person one half of that amount, the price, including surveying, ranged from twenty-two to forty-two cents an acre. Individuals could obtain permanent title upon payment of the total amount, with five years as the usual time limit. Some contracts provided that the government would build a temporary shelter at the site of the colony and furnish provisions for a stated time, for which the colonists would eventually pay”*.<sup>115</sup>

---

*interessados na primeira semana. Quatrocentos destes eram alemães e irlandeses, que tinham acabado de chegar à América”*. (Tradução livre).

<sup>114</sup> Zorzetto, op. cit., p. 33.

<sup>115</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 47. *“Os contratos eram todos, em princípio, os mesmos, variando apenas em detalhes secundários. Empréstimos para os transportes eram feitos, geralmente concedendo ao colono cinco anos para pagá-los. Os contratos garantiam livre entrada para os pertences pessoais e implementos agrícolas, alojamento e alimentação por vinte dias no Rio, e livre transporte para um segundo destino. O agente obtinha o título provisório do local de colonização, com o direito de determinar os compradores. O chefe de uma família recebia uma milha quadrada de terra, e uma pessoa solteira, metade dessa quantia; os preços, incluindo demarcação, variavam de vinte e dois a quarenta e dois centavos o acre. Os indivíduos podiam obter o título permanente mediante o pagamento do montante total, sendo cinco anos o limite de tempo mais comum. Alguns contratos estipulavam que o governo construiria um abrigo temporário no local da colônia e forneceria provisões por um tempo determinado, os quais os colonos iriam conseqüentemente pagar”*. (Tradução livre).

Como o Governo Imperial tinha interesse em trazer agricultores, ofereceu-lhes também a isenção do pagamento de impostos sobre as ferramentas agrícolas que eles trouxessem. O que mais aborreceu o Governo foi o fato de que poucos agricultores sulistas estavam imigrando. Segundo o relatório do Ministério da Agricultura de 1867, esse problema se deu porque os imigrantes, para obterem as facilidades prometidas pelo Governo Imperial tinham que embarcar no porto de Nova Iorque, o que, além de ser oneroso, os expunha ao contato com os nortistas.

*“Resulta dahi que poucos se animam a buscar aquelle porto para seguir viagem em demanda do Brasil; e por muito forte que seja o seu pendor para este paiz, adiam ou renunciãam a idéa de mudança. O facto confirmou esta verdade. Dos immigrants que aqui chegaram a bordo dos paquetes daquela companhia, poucos eram do sul: a maioria compoz-se de forasteiros recém-chegados ao norte, ou de indivíduos destituídos absolutamente de propensão para os hábitos ruraes. Não era, por certo, esta a immigração mais útil ao paiz”*.<sup>116</sup>

Além disso, nem todos os emigrantes eram pacíficos e houve alguns problemas após sua chegada ao Brasil.

*“In general, German families settled peaceably, but other groups were dissatisfied and created disturbances, including the burning of a sawmill belonging to an ex-Confederate. Some even refused their colonization sites and were turned on the streets to beg; some lived off the colonization society; some were jailed; others set off to fight the Paraguayans”*.<sup>117</sup>

Isso provocou uma propaganda negativa do Brasil nos Estados Unidos. Na tentativa de consertar o erro e promover a emigração de agricultores (essa era a verdadeira intenção do Governo brasileiro), foi determinado que o transporte de sulistas agricultores, com adiantamento das passagens garantido pelo Governo Imperial, passaria a ser feito diretamente dos portos do sul, como Mobile e Nova Orleans.<sup>118</sup> Apesar dos problemas iniciais com o recrutamento, o Governo Imperial acreditava na vinda de sulistas

---

<sup>116</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1867, p. 38. Grafia do original.

<sup>117</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 44. “Em geral, as famílias alemãs estabeleceram-se pacificamente, mas outros grupos estavam insatisfeitos e criaram desordens, incluindo a queima de uma serraria pertencente a um ex-confederado. Alguns inclusive recusaram seus locais de colonização e foram para as ruas mendigar; alguns viveram às custas da sociedade de colonização; alguns foram presos; outros partiram para combater os paraguaios”. (Tradução livre).

<sup>118</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1867, p. 38 e 39.

agricultores para o país, e, em 1868, ressaltava a superioridade da imigração de pessoas dos estados do sul dos Estados Unidos, e afirmava que, apesar de ter atraído poucos imigrantes espontâneos, esses já haviam desenvolvido e impulsionado as lavouras, nos lugares onde haviam se estabelecido. E isso se devia ao fato de terem trazido consigo algum capital inicial, o que lhes permitiu escolher o local de estabelecimento, independentemente das terras devolutas oferecidas pelo Governo, realizar as despesas do estabelecimento e ainda obter os primeiros resultados de suas atividades.<sup>119</sup>

E não era apenas o Governo Imperial que tinha interesse na imigração dos sulistas. Homens de negócios e poderosos fazendeiros, no Rio e em São Paulo, também tinham interesse nessa imigração e, para incentivá-la, criaram duas associações de apoio, uma em cada localidade.

Em São Paulo, foi fundada em novembro de 1865, a *Associação Auxiliadora da Imigração para São Paulo*, a AAISP. Era formada pelos mais abastados e influentes fazendeiros e capitalistas da província. Seu presidente era Antonio da Silva Prado, o barão de Iguape, e o vice-presidente era o comendador Vicente de Souza Queiroz, o barão de Limeira. Seus membros apoiavam a imigração sulista, pois viam a possibilidade de vender suas terras pelo dobro ou até o triplo do preço aos imigrantes e, aqueles que possuíam casas de exportação, anteviam os lucros que poderiam ser gerados através da comercialização da produção desses imigrantes.<sup>120</sup>

*“Portanto, a vinda dos imigrantes norte-americanos abria a possibilidade da venda de terras particulares em qualquer localidade da Província. Porém, como vimos, os agentes vinham a São Paulo com cartas de recomendação destinadas às pessoas influentes. Neste sentido, em suas viagens eram guiados por indivíduos ligados à AAISP, tais como Joaquim Pinto Júnior e John Aubertin, que ‘coincidentemente’ visitavam áreas nas quais os membros daquela associação possuíam fazendas”*.<sup>121</sup>

A associação paulista não chegou a exercer grande influência sobre a imigração norte-americana, já que logo foi criada a associação carioca, que teve maior proeminência que a primeira.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1868, p. 64 e 65.

<sup>120</sup> Zorzetto, op. cit., p. 62, 63, 67, 69, 73, 74 e 77.

<sup>121</sup> Idem, Ibidem, p. 73.

<sup>122</sup> Idem, Ibidem, p. 134.

No Rio de Janeiro, foi criada em janeiro de 1866, a Sociedade Internacional de Imigração, composta principalmente por homens de negócios ligados à Praça do Comércio carioca. Segundo Zorzetto, a maior parte dos membros dessa associação era composta por estrangeiros.<sup>123</sup>

*“Entre os 150 acionistas inscritos na primeira chamada para a organização daquela sociedade, encontramos 131 estrangeiros exercendo as funções de banqueiros, diretores de bancos, agentes de companhias de seguro, gerentes e proprietários de companhias de navegação, acionistas e organizadores de estradas de ferro, contadores públicos, comissários de importação e exportação, advogados e editores dos três principais jornais cariocas. Além destes membros diretamente ligados à Praça, encontramos vários políticos imperiais, tais como os deputados Aureliano Cândido Tavares Bastos e Silveira da Motta, o senador Teófilo Ottoni, o agente de colonização imperial, Ignácio da Cunha Galvão, e o próprio ministro da agricultura o senador paulista Antônio Francisco de Paula Souza”.*<sup>124</sup>

Além dos políticos acima citados, encontramos também Quintino Bocaiúva como um dos diretores dessa associação.<sup>125</sup> Como mencionado anteriormente, ele havia sido nomeado pelo Governo Imperial para atuar como promotor da imigração sulista a partir de seu escritório, em Nova Iorque.

A Sociedade Internacional de Imigração teve um curto período de existência, tendo sido encerrada em 1867, devido à falta de recursos decorrente de uma crise financeira, e ao desânimo, ao perceber que o Governo Imperial não atendia às suas reivindicações de reformas legislativas, que atuariam em favor da imigração sulista. Sua atuação limitou-se à intermediação entre os imigrantes e o Governo Imperial brasileiro durante um ano de funcionamento.<sup>126</sup>

## **A emigração sulista**

*“Os pássaros não cantavam mais. A derrota tinha coberto o sul com a triste palidez da desesperança. A paisagem sulista estava em ruínas. Praticamente cada família chorava a perda de no mínimo*

---

<sup>123</sup> Zorzetto, op.cit., p. 41 e 42.

<sup>124</sup> Idem, Ibidem, p. 42.

<sup>125</sup> Idem, Ibidem, p. 44.

<sup>126</sup> Idem, Ibidem, p. 61. Para maiores detalhes sobre as associações imigrantistas paulista e carioca, ver especialmente o cap. 2 de Zorzetto.

*um parente na guerra. As ferrovias estavam desativadas. As igrejas e escolas estavam fechadas. Todos os bancos estavam insolventes. Casas, fazendas e plantações destruídas. Cidades inteiras reduzidas a escombros. A economia tinha ruído. O mercado de trabalho tinha desaparecido enquanto homens e mulheres sem rumo, brancos e negros, perambulavam pelos campos”.*<sup>127</sup>

Foi diante dessa situação que os sulistas decidiram emigrar dos Estados Unidos. A situação de dominação e humilhação que se seguiu à guerra os levou à decisão de deixar seu país de origem, para tentar recomeçar suas vidas num lugar onde tivessem melhores condições e oportunidades. Não conseguiam enxergar tais oportunidades no sul derrotado.

Os norte-americanos que decidiram emigrar foram para a Europa, e países como México, Honduras, Venezuela e, claro, o Brasil.<sup>128</sup> Entre 1864 e 1874, 3.691 norte-americanos entraram no porto do Rio de Janeiro.<sup>129</sup>

*“Durante anos foi útil para a América minimizar o êxodo dos sulistas no pós-guerra para o Brasil, ou descartá-lo como uma simples viagem realizada por aventureiros loucos. A América do século XIX resolveu acreditar que apenas alguns poucos participaram do êxodo e que aqueles tolos tinham, sem dúvida alguma, desaparecido nas selvas úmidas e infestadas de insetos do interior do Brasil. Através dos anos, apareceram poucas notícias em jornais, com um número total dos emigrantes profundamente variável, e que geralmente subestimava a quantidade certa, dando a impressão de que eram apenas umas poucas centenas”.*<sup>130</sup>

Segundo Harter, o número dos que vieram para o Brasil é muito incerto, porém, calcula-se que cerca de vinte mil sulistas se dirigiram ao país, e que esse grupo seria formado principalmente por fazendeiros e agricultores.<sup>131</sup> Já para Goldman esse número é bem menor, ou seja, cerca de dois mil imigrantes, sendo que oitocentos deles ficaram na província de São Paulo e, além disso, estava longe de ser um grupo homogêneo quer seja pela origem – nem todos eram sulistas – ou pela ocupação, pois era pequeno o número de fazendeiros, e muitos sequer eram agricultores.<sup>132</sup>

---

<sup>127</sup> Harter, op. cit., p. 20.

<sup>128</sup> Hill (1927), op. cit., p. 192.

<sup>129</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 33.

<sup>130</sup> Harter, op. cit., p. 25.

<sup>131</sup> Idem, Ibidem, p. 26 e 27.

<sup>132</sup> Goldman (1957), op. cit., p. 7 e 8.

Para o México dirigiram-se, sobretudo, os líderes políticos e militares da Confederação. Tinham a intenção de esperar que os ânimos esfriassem nos Estados Unidos e enfim, retornar à sua terra natal, podendo, talvez, reassumir suas carreiras.<sup>133</sup>

Para parte da bibliografia, especialmente os descendentes dos imigrantes, a razão para a decisão de emigração seria decorrente das ações desenvolvidas pelo governo da União após o final da Guerra Civil. As humilhações a que submeteram os sulistas e o espírito de vingança que passou a dominar as ações no sul os teriam motivado a emigrar. Em duas palavras, a causa última para a emigração seria o orgulho ferido. Dentre os autores que defendem tal ideia estão Hill, Jones e Harter.

De acordo com Hill (1927), o motivo da emigração seria o fato de que os sulistas não suportavam a igualdade de direitos entre brancos e negros.<sup>134</sup> “... *a desire to get out from under a government controlled by Brownlows, ‘niggers’, and Yankees*”.<sup>135</sup>

Para Jones, as humilhações impostas ao sul, a pilhagem e o desrespeito, eram as razões para a decisão de emigrar. Tanto Jones quanto Harter descrevem uma triste situação para os sulistas no pós-guerra. A desilusão, a derrota, as humilhações, as privações, são descritas em várias passagens, levando a crer que a situação era realmente insuportável para esses ex-combatentes, homens de bem que queriam apenas conservar seu modo de vida.

*“O sul era rebelde e houve da parte do norte um esforço muito grande para subjugá-lo. A terra ocupada foi submetida a toda sorte de humilhações. Bandos de oportunistas da pior espécie invadiram o sul e ocuparam posições de mando. A pilhagem às propriedades e o desrespeito às famílias eram feitos com a polícia de olhos fechados. Os impostos aumentaram extorsivamente e a política era das mais enojantes”*.<sup>136</sup>

Para Harter, era o receio da mudança que adviria da vitória da União sobre os estados do sul, bem como o desejo de manter um modo de vida que não existiria mais, que fez com que os sulistas decidissem emigrar.

*“O receio das mudanças que a vitória ianque traria e o forte desejo de manter seu modo de vida, proporcionaram a muita gente*

---

<sup>133</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 30 e 32.

<sup>134</sup> Hill (1927), op. cit., p. 193 e 209. Lembrando que essa igualdade de direitos só foi alcançada recentemente, e após muitas lutas.

<sup>135</sup> Idem, Ibidem, p. 193. “... *um desejo de se livrar da sujeição a um governo controlado por pretos, negros e nortistas*”. (Tradução livre).

<sup>136</sup> Jones, op. cit., p. 50.

*uma profunda confiança, necessária para abandonar o sul, partindo para um país desconhecido e distante da América Latina. Diversamente dos Confederados de altas patentes que rumaram para o México buscando um paraíso temporário de onde pudessem retornar e novamente instalar-se, aqueles que partiram para o Brasil nunca esperaram tornar a ver seu torrão natal”.*<sup>137</sup>

De acordo com Zorzetto, os descendentes dos primeiros imigrantes seguiram uma linha épica ou romancista, tornando os imigrantes verdadeiros heróis de seu tempo.<sup>138</sup> Para esses autores, a derrota na guerra e as ações que se seguiram a ela, explicam a decisão de emigrar dos sulistas. Os emigrantes seriam, portanto, ex-Confederados, constituindo parte representativa da sociedade sulista, formada por fazendeiros e agricultores.

E há ainda dois autores que minimizam a importância da Guerra Civil na decisão de emigrar dos norte-americanos: Goldman (1972) e Oliveira (1995). Segundo esses autores, a decisão de emigrar adviria do desejo dos sulistas de reproduzir em outro lugar o seu modo de vida, inclusive com a instituição da escravidão, “*embora alguns dos que os chefiavam já tivessem previsto que também no Brasil a escravidão estava prestes a extinguir-se*”.<sup>139</sup> É o que Oliveira denomina o “mito do eterno retorno”. Eles emigravam na tentativa de “*voltar ao ambiente religioso, político, econômico de antes; voltar às condições de vida dos ‘tempos faustos’.* (...) *No psiquismo coletivo dos imigrados se instalava o mito do eterno retorno*”.<sup>140</sup> Segundo a autora, havia na bagagem psicológica dos imigrantes algo que os levava à expansão territorial, tendo como pano de fundo a Doutrina Monroe e o Destino Manifesto.

A escolha do Brasil seria decorrente dos já mencionados incentivos do Governo Imperial brasileiro, bem como da leitura dos livros e panfletos dos agentes emigrantistas sulistas que vieram ao Império pesquisar as condições de estabelecimento para os interessados em emigrar. Acredita-se que o fato do país ser escravista teria sido um fator positivo, porém, como bem afirma Harter, esse não foi o fator mais importante na decisão de emigrar. Os interessados tinham a consciência de que a escravidão estava prestes a desaparecer também no Brasil.

---

<sup>137</sup> Harter, op. cit., p. 37.

<sup>138</sup> Zorzetto, op. cit., p. 18.

<sup>139</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 10.

<sup>140</sup> Oliveira (1995), op. cit., p. 109.

*“À primeira vista o Brasil parecia, na melhor das hipóteses, uma perspectiva secundária para a colonização. Ainda contava com a escravidão – e isto era atraente para muitos Confederados – mas estava passando por um processo para se livrar deste hábito. A importação de escravos tinha sido proscrita em 1850. De qualquer forma, se o desejo de continuar a possuir escravos tivesse sido o único motivo para se emigrar para o Brasil, os sulistas teriam achado muito mais fácil estabelecerem-se em Cuba, distante apenas um dia de viagem da Flórida, do que num país que se localizava a oito mil quilômetros de distância. A escravidão existia em Cuba onde a abolição aconteceu em 1886 e no Brasil em 1888. E desde o início os emigrantes foram informados que no Brasil havia ‘igualdade racial’, mas isto não serviu para desencorajá-los. Era melhor conviver com negros do que com os ianques”*.<sup>141</sup>

Os sulistas fugiam, na verdade, de uma situação pós-guerra que para eles tornou-se insuportável. Era o fim da sua importância política e das tradições com as quais estavam acostumados.

*“Estavam envolvidos na lembrança da guerra e ressentidos com a proximidade dos ianques. Seu plano era isolarem-se e estabelecerem comunidades que preservassem os costumes sulistas – uma Confederação mental”*.

*“A emigração começou a parecer a única saída para uma situação insuportável”*.<sup>142</sup>

Zorzetto acredita que eles escolheram o Brasil pela possibilidade de aquisição de terras, já que a aquisição de escravos seria algo difícil para muitos, devido à extrema pobreza em que se encontravam.

*“Embora a possibilidade de se tornar proprietário de escravos no Brasil tenha sido um forte incentivo para muitos escolherem o Império, é necessário atentarmos para a condição de extrema pobreza em que se encontrava a maior parte da população sulista após o conflito civil. (...) acreditamos que uma parcela daquela população que resolvera emigrar possuía pouco ou nenhum pecúlio. Reservando este capital para a compra de terras, os sulistas vinham impulsionados pela possibilidade de adquirirem terras”*.<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Harter, op. cit., p. 37.

<sup>142</sup> Idem, Ibidem, p. 38 e 22.

<sup>143</sup> Zorzetto, op. cit., p. 35.

Porém Silva (2007), é enfático ao afirmar que a escolha do Brasil como destino pelos sulistas tinha a ver com a existência da escravidão: “Argumentamos que o principal fator para a escolha do Brasil como destino incluía a existência de uma estrutura social hierarquizada cuja base residia na escravidão”.<sup>144</sup>

Há a tentativa da bibliografia de identificar os imigrantes à Confederação, bem como identificá-los como grandes fazendeiros sulistas escravocratas. De acordo com Zorzetto:

*“Por outro lado, apesar das imensas diferenças metodológicas e teóricas, a maioria da bibliografia referente à imigração norte-americana, busca elos culturais de identificação entre os primeiros imigrantes. Caracterizando-os como sulistas que faziam parte de uma ‘nação confederada’, os autores realizam uma associação imediata entre ‘imigrantes sulistas’ e ‘cidadãos confederados’”.*<sup>145</sup>

Porém, como bem apontado por Alcides Gussi, a origem confederada dos imigrantes é, na verdade, uma reconstrução idealizada do passado por parte dos descendentes, reconstrução essa nem sempre verdadeira.

*“Mas, os imigrantes foram confederados no Brasil, como pretendem atribuir a eles hoje os seus descendentes, reforçados pela literatura que se sustenta no mito da reprodução de um modo de vida sulista e no pretense isolamento?”*

*Se, de fato, existiu por parte de uns poucos imigrantes um projeto confederado – o que parece ser mais uma estória que os descendentes contam hoje sobre o que imaginam que foram seus antepassados – este naufraga no contexto dos processos de negociações identitárias. Primeiro, porque os grupos de imigrantes eram bastante heterogêneos, não necessariamente aristocratas e confederados; e, também, porque a conjuntura do Brasil no final do século XIX, com a Abolição e a República, exorcizava de vez um projeto aristocrático-escravista, mais bem contextualizado na Monarquia. Estes imigrantes deixavam de ser confederados – o que muitos nunca o foram – para se tornarem, também, americanos no Brasil”.*<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> C. A. A. Silva. *Quando mundos colidem: a imigração confederada para o Brasil (1865-1932)*. Campinas, IE/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 2007, p. V.

<sup>145</sup> Zorzetto, op. cit., p. 20. A autora cita como exemplos desses autores, Hill (1927), Weaver (1961), Jones, Goldman (1972), Harter (1985), etc.

<sup>146</sup> A. F. Gussi. *Identidades no contexto transnacional: lembranças e esquecimentos de ser brasileiro, norte-americano e confederado de Santa Bárbara d’Oeste e Americana*. Campinas, IFCH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 1996, p. 97.

Além disso, o fato de a maioria dos imigrantes ser proveniente do Texas (69%) permitiu a Frank Goldman (1972) relativizar a origem sulista dos imigrantes. Segundo o autor, o Texas, por ter sido anexado somente em 1840 aos Estados Unidos, teria a maior parte da sua população formada por antigos habitantes locais, e por pioneiros, vindos de outras regiões dos Estados Unidos e da Europa.<sup>147</sup> Porém, como aponta Zorzetto, o fato de os imigrantes serem provenientes do Texas não significa, necessariamente, que eles não fossem sulistas. Como já mencionado, muitos sulistas tinham ido para o México; os que estavam no Texas poderiam ser sulistas em trânsito.

*“Recentes pesquisas demonstram o constante movimento migratório no interior dos Estados sulistas após a Guerra de Secessão, à medida que o exército da União tomava posse do leste e sul dos Estados confederados. Desse modo, a migração interna permitiu a existência de uma boa parte da população do Alabama, Geórgia, Carolina do Sul, entre outros, como moradores do Texas por volta do final de 1865. Assim, ao identificarem o imigrante norte-americano como originário do Texas, as fontes não significam, necessariamente, que ele tivesse habitado o lugar por toda a sua vida e sim que o último local de sua moradia, ou mesmo o porto do qual embarcou, estava situado no Texas”.*<sup>148</sup>

De acordo com Zorzetto, Griggs seria o único autor que teria trabalhado com fontes norte-americanas (censos de população) buscando a origem social dos emigrantes. Em seu trabalho Griggs caracteriza os emigrantes como pequenos proprietários agrícolas. Através da bibliografia e do tipo de projeto imigrantista existente no Brasil, Zorzetto, em seu trabalho, conclui que os imigrantes norte-americanos que vieram para o Brasil tinham uma origem social bastante heterogênea.<sup>149</sup> Essa heterogeneidade dos imigrantes já havia sido apontada anteriormente por Hill (1927) e por Goldman (1972).<sup>150</sup> Segundo Hill (1927), até mesmo vagabundos fariam parte desse grupo:

*“Included among the self-imposed exiles, were people of almost every social and economic class then existing in the United States. There were generals, colonels, doctors, lawyers, merchants, planters, ministers, teachers, barroom loafers, bounty jumpers, and vagabonds. As it was later discovered, not all who went were*

---

<sup>147</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 10.

<sup>148</sup> Zorzetto, op. cit., p. 22.

<sup>149</sup> Idem, Ibidem, p. 29 e nota de rodapé nº 43.

<sup>150</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 9 e 10; Hill (1927), op. cit., p. 196.

*American citizens, for some of the émigrés were of English and of Irish lineage and had never become naturalized”*.<sup>151</sup>

Temos aqui, a mesma postura de Zorzetto, Hill, Goldman e Gussi, que apontam a origem heterogênea dos imigrantes. Através de nossas pesquisas, encontramos imigrantes das mais variadas profissões, e pudemos perceber que alguns jamais se dedicaram ao cultivo da terra, demonstrando, de certa forma, sua inaptidão para esse tipo de atividade. Além disso, o fato de dois imigrantes norte-americanos terem trabalhado como empreiteiros para um fazendeiro de Monte Mor, demonstra que, se eles fossem realmente grandes fazendeiros sulistas, jamais se envolveriam nesse tipo de atividade, a menos que tivessem perdido totalmente os seus valores morais. Aqui não queremos afirmar que todos os imigrantes não eram grandes fazendeiros sulistas, apenas queremos demonstrar que o grupo era muito heterogêneo, e que, se havia entre eles antigos fazendeiros sulistas, proprietários de grandes fazendas, denominadas *plantation*, com um grande plantel de escravos, estes não se constituíam a regra. Conforme apontado por Griggs, os imigrantes seriam, em sua maior parte, pequenos proprietários. Considerando que muitos trabalharam em suas próprias terras, não é difícil aceitar essa hipótese. Porém, encontramos em nossas pesquisas, imigrantes que compraram grandes extensões de terras e escravos, demonstrando que, provavelmente, tentaram reproduzir uma relação de produção que já conheciam em sua terra natal. Deviam ser fazendeiros no sul. O fato de alguns imigrantes terem trazido consigo dinheiro suficiente para comprar terras e escravos, em um momento de extrema pobreza nos Estados Unidos, é indicativo de que eles poderiam ser possuidores de grandes fortunas e, mesmo depauperados, ainda conseguiram trazer uma reserva consigo.

*“Ainda que obtendo severas perdas em função da libertação dos escravos e da desvalorização em dois terços das terras após o fim do conflito, os imigrantes trouxeram quantias consideráveis ao Brasil que, de acordo com Tavares Bastos, variavam entre 1 e 2 contos, ou até mais para os que haviam se estabelecido inicialmente. Nos cálculos de Laura Jarnagin, essa quantia seria de 500 a 1000 dólares, sendo que Charles G. Gunther, líder da colônia próxima a*

---

<sup>151</sup> Hill (1927), op. cit., p. 196. “Incluídos entre os autoexilados, estavam pessoas de quase todas as classes sociais e econômicas então existentes nos Estados Unidos. Havia generais, coronéis, médicos, advogados, comerciantes, lavradores, ministros, professores, bêbados, salteadores e vagabundos. Como depois foi descoberto, nem todos eram cidadãos americanos, alguns dos emigrantes eram de linhagem inglesa e irlandesa, que nunca haviam se naturalizado”. (Tradução livre).

*Linhares, no Espírito Santo, teria trazido 3000 libras esterlinas e 2000 dólares consigo*".<sup>152</sup>

E com relação à origem confederada dos imigrantes, acreditamos que nem todos o eram, porém, uma parte dos imigrantes havia feito parte do exército. Sabemos, por exemplo, que Dunn fez parte do exército sulista, bem como os filhos do cel. William H. Norris. Silva (2007) aponta outros imigrantes que também tiveram papel ativo na Confederação:

*“Além de ex-oficiais, filhos de políticos pró-escravidão proeminentes como John Ridley Bufford, Dalton e Benjamin Yancey, além de William Hutchinson Norris e seu filho Robert C. Norris, eram oriundos de famílias que possuíram papéis ativos e decisivos na área política e militar confederada. Defendiam uma postura agressiva diante da ameaça de desequilíbrio de forças em relação ao norte”*.<sup>153</sup>

No site da Fraternidade Descendência Americana, entidade existente em Santa Bárbara desde 1954, que busca conservar a memória dos imigrantes na cidade, existe a menção de trinta e seis veteranos confederados no Brasil, a maioria deles em Santa Bárbara. São eles: **Albert G. Carr**, Benjamin C. Yancey, **Benjamin Norris**, **Calvin McKnight**, Capt. William A. H. Terrell, Dalton Yancey, Dr. Joseph Pitts, **Ezekiel B. Pyles**, Frank McMullan, George S. Barnsley, George Washington Carr, **Green Ferguson**, **Henry Clay Norris**, **Henry Farrar Steagall**, John Barkley MacFadden, John Henry Rowe, **John Henry Scurlock**, **John R. Bufford**, Jonathan Ellsworth, **Joseph E. Whitaker**, **Joseph Long Minchin**, Joseph Meriwether, **L. S. Bowen**, **Louis Demaret**, Lucien Barnsley, **Napoleon Bonaparte McAlpine**, Raibon Steagall, **Robert Cicero Norris**, **Robert Cullen**, **Robert Meriwether**, Robert Porter Thomas, **Thomas Lafayette Keese**, **Thomas Stewart McKnight**, **William A. Prestrige**, **William F. Pyles**, **William Meriwether**.<sup>154</sup>

Portanto, acreditamos que os imigrantes eram, em grande parte, sulistas. E que, além disso, eles possuíam algum vínculo com a Confederação. Além dos já citados veteranos da guerra, cremos que outros fossem simpatizantes da causa, embora não

---

<sup>152</sup> Silva (2007), op. cit., p. 38.

<sup>153</sup> Idem, Ibidem, p. 36.

<sup>154</sup> Fraternidade Descendência Americana, disponível em: <http://www.confederados.com.br/pindex.htm>. Em negrito, os nomes dos que se estabeleceram em Santa Bárbara.

tivessem participado ativamente na secessão. E acreditamos que a maioria dos que decidiram emigrar, o fez para fugir de uma situação que eles julgavam humilhante demais. Emigrar para um lugar tão longínquo como o Brasil, com oportunidades econômicas e de manutenção da escravidão semelhante às de países mais próximos, só se justificaria como forma de se afastar do país, já que eles poderiam ter encontrado condições semelhantes em Cuba, por exemplo, que na época ainda era colônia da Espanha, onde ainda persistia a escravidão.

## CAPÍTULO 2

### Imigração norte-americana para o Brasil e para Santa Bárbara

A partir de fins de 1865 e início de 1866, os norte-americanos começaram a chegar ao Brasil, decididos a refazerem a sua vida no país. Uma vez aqui, acabaram por se estabelecer em Santarém (no Pará), nas províncias do Espírito Santo, Paraná, e no litoral e interior da província de São Paulo. Nessas províncias formaram-se os principais agrupamentos e colônias<sup>155</sup>, no entanto, há notícias de norte-americanos também em Minas, na Bahia e em Pernambuco, segundo citação de Mark Jefferson, que nos ajuda a apreciar o número dos primeiros imigrantes a chegarem ao país.

*“Captain Richard F. Burton<sup>156</sup> was in Brazil at that time and expected great results to flow from the immigration of Confederates to the Empire. He gives the number of arrivals from the States for 1867 as 2700 persons: 200 in Paraná, 800 in São Paulo, 200 in Rio de Janeiro, 100 in Minas Gerais, 400 in Espírito Santo, 100 in Bahia, 70 in Pernambuco, and 200 in Pará, Southerners who had, he says ‘exchanged their desolate homes for happier regions’. The 200 settlers in Paraná were ‘principally Missourians, who come with considerable capital, and who in a few years will make this center very important’”.*<sup>157</sup>

À exceção dos que foram para Santarém, a maioria dos imigrantes chegou pelo porto do Rio de Janeiro e dali é que foram, de vapor, para as demais regiões do Império. No Rio de Janeiro recebiam comida e hospedagem, principalmente na Hospedaria do Morro da Saúde, que desde março de 1867 funcionava como hotel ou hospedaria dos imigrantes. De acordo com Blanche Weaver, era um sulista, o coronel Charles Matheus Broome, quem

---

<sup>155</sup> Observamos que grande parte dos autores utiliza o termo colônia. Aqui utilizamos esse termo apenas para aquelas que se estabeleceram enquanto colônias governamentais, com facilidades e em locais designados pelo Governo Imperial. Santa Bárbara fugiu deste padrão, por isso optamos por utilizar a expressão agrupamento, que melhor identifica a formação de Santa Bárbara.

<sup>156</sup> Richard Burton nessa época trabalhava como diplomata inglês em Santos.

<sup>157</sup> Jefferson, op. cit., p. 227. “O Capitão Richard F. Burton estava no Brasil àquele tempo e esperava grandes resultados advindos da imigração dos Confederados ao Império. Ele fornece o número de chegadas dos Estados Unidos em 1867 como 2700 pessoas: 200 no Paraná, 800 em São Paulo, 200 no Rio de Janeiro, 100 em Minas Gerais, 400 no Espírito Santo, 100 na Bahia, 70 em Pernambuco, e 200 no Pará, sulistas que tinham, dizia ele, ‘trocado seus lares desolados por regiões mais felizes’. Os 200 colonizadores no Paraná eram ‘principalmente do Missouri, que vieram com capital considerável, e que em poucos anos farão esse núcleo muito importante’”. (Tradução livre).

tomava conta da hospedaria, que na ocasião recebeu pela primeira vez a visita do Imperador, D. Pedro II.<sup>158</sup>

Ali os imigrantes ficavam alguns dias, até se restabelecerem e decidirem para onde iriam realmente. Muitos imigrantes só tiveram a certeza de seus destinos no hotel, conversando com outros imigrantes, e com os próprios agentes norte-americanos que começavam a chegar com seus primeiros grupos.

Muitos seguiram esses agentes norte-americanos que haviam conseguido concessões de terras do Governo Imperial, na promessa de trazerem compatriotas de boa índole, e que, com sua capacidade física e intelectual, poderiam promover o desenvolvimento do país. Esses foram para o litoral de São Paulo, Santarém (PA), Lagoa de Juparanã (ES), etc.

*“Apesar dos esforços empreendidos pelos particulares a fim de venderem suas terras aos imigrantes, as facilidades fornecidas pelo governo imperial aos que viessem se estabelecer em áreas devolutas, fez com que agentes norte-americanos as escolhessem”.*<sup>159</sup>

Outros, porém, não ficaram satisfeitos com as terras oferecidas pelo Governo brasileiro, e decidiram buscar melhores opções dentro do país; é nesse grupo de insatisfeitos que encontramos o Cel. William Hutchinson Norris, do Alabama. Tendo vindo ao Brasil por iniciativa própria, sem contratar e nem confiar em nenhum agente de emigração norte-americano, ele veio com seu filho mais velho Robert e buscou terras que lhe parecessem mais adequadas para se estabelecer com sua família. Assim, acabou chegando à região de Santa Bárbara, no lugar onde hoje é a cidade de Americana, naquela época parte do município de Santa Bárbara, e que depois ficou pertencendo ao termo de Campinas, numa disputa constante entre as duas municipalidades pela questão dessa divisa. Tendo o coronel se estabelecido, muitos outros compatriotas vieram atrás, estabelecendo-se onde hoje é Americana e em boa parte de Santa Bárbara. Alguns dos que haviam ido para outras localidades, especialmente para o litoral paulista, acabaram indo também para Santa Bárbara, a partir das notícias atraentes que recebiam dos imigrantes já estabelecidos ali.

A província de São Paulo concentrou a maior parte dos imigrantes norte-americanos. Mas o agrupamento que se formou em Santa Bárbara foi, sem dúvida, o de maior sucesso relativo. A bibliografia disponível sobre o assunto é unânime quanto a essa

---

<sup>158</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 47.

<sup>159</sup> Zorzetto, op. cit., p. 33.

questão; mesmo Mark Jefferson, um autor muito pessimista, que considera que os norte-americanos só tiveram fracassos no Brasil, reconhece o sucesso relativo do grupo que se estabeleceu em Santa Bárbara.<sup>160</sup>

Neste capítulo, tratamos da chegada dos imigrantes norte-americanos ao Brasil, e das colônias e agrupamentos que se formaram a partir de então. Após um breve resumo sobre esses principais assentamentos, passaremos a nos dedicar exclusivamente ao de Santa Bárbara, analisando a chegada dos primeiros imigrantes, as condições materiais em que viviam e as relações econômicas desenvolvidas, utilizando nessa parte o material empírico obtido a partir das fontes primárias pesquisadas no município.

De acordo com Ana Maria de Oliveira, a distribuição dos imigrantes norte-americanos no território brasileiro deu-se da seguinte forma:

**Quadro 2.1. Imigrantes norte-americanos em território brasileiro: principais agrupamentos e líderes**

Colônia <sup>1</sup>	Data de estabelec.	Líderes	Nº de colonos	Estado precedente	Embarcação
Santarém (Pará)	1867/68	Major Lansford W. Hastings	109/200	Alabama, Tennessee	"Red Gauntlet", "South America"
Juparanã (Linhares - Espírito Santo)	1867	General Charles G. Gunther	400/200	Alabama	"Marmion"
Cidade do Rio de Janeiro e arredores	1867	-	200	-	-
Lizzieland (Vale do Ribeira - São Paulo)	1867	Reverendo Ballard Dunn	150	Louisiana	"Derby"
Xiririca (Vale do Ribeira - São Paulo)	1867	James McFadden Gaston	7	Texas	"Derby", "North America"
Juquiá (Vale do Ribeira - São Paulo)	1866/1867	Major Frank McMullen e William Bowen	-	Texas	"North America"
Santa Bárbara/Americana (São Paulo)	1865 1867	Major Robert Meriwether W. Norris e Robert Norris	800	Alabama e outros	"Tartar", "Marmion", etc
Baía de Paranaguá (Paraná)	1866	Coronel M. S. Swain e H. Lane	400	Louisiana, Missouri	-
Rio das Velhas (Minas Gerais)	1867	-	100	-	-
Bahia	1867	-	100	-	-
Pernambuco	1867	-	70	-	-

**Fonte: Oliveira (1995), p. 111.**

1- Foi mantido o termo utilizado pela autora; aqui, por opções metodológicas utilizamos o termo agrupamento.

<sup>160</sup> Jefferson, op. cit., p. 228.

## Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro não se formou nenhuma colônia, nem mesmo um agrupamento organizado, porém a capital do Império abrigou, ao longo do tempo, muitos imigrantes norte-americanos, localizados de forma dispersa. A Corte servia também como ponto de partida e chegada para esses imigrantes.

*“Throughout the history of the Confederate colonies in Brazil, Rio de Janeiro was the center of activity. With the exception of those who went to Santarém, all the settlers passed through the capital en route to their respective homes; business transactions of many varieties, such as the purchase of slaves, caused many to frequent the same city; those who returned to the United States temporarily or permanently passed the same way. But in addition to the sojourners, were those who lived in and around the city for considerable periods of time”*.<sup>161</sup>

Esses imigrantes que viveram no Rio de Janeiro dedicaram-se a profissões liberais, como medicina, odontologia, entre outras. Na listagem de imigrantes norte-americanos apresentados por Betty Antunes de Oliveira, pudemos identificar 30 desses profissionais morando e trabalhando na Corte entre 1866 e 1888.<sup>162</sup> Outros ainda compraram terras e fazendas nos arredores da cidade e dedicaram-se ao cultivo de produtos agrícolas, como açúcar, café e laranja, utilizando o trabalho escravo.<sup>163</sup>

O Dr. Keyes, por exemplo, mudou-se com toda a sua família, pouco tempo depois de se estabelecer no Espírito Santo, para o Rio de Janeiro, passando a exercer a sua profissão de dentista. Em 1870, após três anos da sua chegada ao Brasil, ele voltou com a família para o Alabama (EUA).<sup>164</sup>

---

<sup>161</sup> L. F. Hill. Confederate Exodus to Latin America. *Southwestern Historical Quarterly Online*. V. 39, nº 3, original de 1936. “Ao longo da história das colônias Confederadas no Brasil, o Rio de Janeiro foi o centro de atividade. Com exceção daqueles que foram para Santarém, todos os colonizadores passaram pela capital em rota para os seus respectivos lares; vários tipos de negócios, tais como a compra de escravos, fizeram com que muitos frequentassem a cidade; aqueles que retornaram aos Estados Unidos temporaria ou permanentemente também passaram por ali. Além desses imigrantes em trânsito, estavam aqueles que viveram na cidade e nos seus arredores por períodos consideráveis de tempo”. (Tradução livre).

<sup>162</sup> Oliveira (2008), op. cit., p. 10-17.

<sup>163</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>164</sup> Idem, *Ibidem*.

## Pará (Santarém)

A colônia de Santarém surgiu sob a liderança do Major Lansford Warren Hastings, nascido em Knox County, Ohio, em 1819.<sup>165</sup> Em 1842, ele havia sido eleito líder de uma das primeiras viagens de comboios de carroças para o Oregon. De lá, seguiu para a Califórnia. Hastings almejava derrotar os mexicanos e se tornar presidente da República da Califórnia.<sup>166</sup> Ele era casado com uma jovem do Alabama e defendeu a causa confederada durante a Guerra Civil.<sup>167</sup> De acordo com Hill (1927) o grupo liderado por Hastings era formado por fazendeiros do Alabama e do Tennessee, que estavam descontentes com as condições que passaram a vigorar após a derrota na Guerra Civil.

*“Not many months after the surrender at Appomattox a company of Tennessee and Alabama planters, ‘disgusted with free niggers, the United States government, the defeat, and everything connected with the country’, assembled farming implements and provisions for six months at Montgomery preparatory to a journey to Brazil as soon as their agent, the above named major, should return with the announcement of a site”.*<sup>168</sup>

O grupo acabou tendo vários problemas na viagem para o Brasil. Na primeira tentativa, em março de 1866, com trinta e cinco emigrantes, poucos dias depois de zarpar, houve uma epidemia de bexiga (varíola) a bordo e eles tiveram que voltar para Mobile, onde foi feita a quarentena e onze pessoas morreram. Na segunda, em julho de 1867, zarparam de Mobile com cento e nove emigrantes. Conseguiram chegar até a Ilha de Saint Thomas, no arquipélago das Ilhas Virgens Americanas. Ali o vapor precisou de reparos e a viagem não pôde prosseguir. Tiveram, então, que comprar passagens para o vapor da linha regular até o Pará.<sup>169</sup> De acordo com Hill (1927), já haviam se passado dois anos dos preparativos até a chegada a Santarém: *“Thus, in September, 1867, after two years of hope*

---

<sup>165</sup> Silva (2007), op. cit., p. 46.

<sup>166</sup> W. C. Griggs. A migração dos colonizadores de McMullan e a evolução das colônias no Brasil. In: J. C. Dawsey, C. B. Dawsey e J. M. Dawsey (Orgs.). *Americans, Imigrantes do Velho Sul no Brasil*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005, p. 105.

<sup>167</sup> Harter, op. cit., p. 42.

<sup>168</sup> Hill (1927), op. cit., p. 197. *“Não muitos meses após a rendição em Appomattox um grupo de fazendeiros do Tennessee e do Alabama, ‘descontentes com os negros livres, o governo dos Estados Unidos, a derrota, e tudo relacionado ao país’, juntaram implementos agrícolas e mantimentos para seis meses em Montgomery, preparatórios para uma viagem ao Brasil, assim que seu agente, o major acima citado, retornasse com o anúncio do local”.* (Tradução livre).

<sup>169</sup> Jones, op. cit., p. 121 e 122; Oliveira (1995), op. cit., p. 117.

*and anxiety, the first of the Hastings followers, numbering about 115 weary and downcast souls, reached the scene of their El Dorado – if such it remained”.*<sup>170</sup>

Segundo Jones, o Governo brasileiro deu muitas vantagens para esse grupo: as terras só deveriam ser pagas a partir do terceiro ano após o estabelecimento do grupo, e ainda assim em três vezes. Além disso, receberam os títulos provisórios das terras que lhes custaram vinte e dois centavos o acre. O Governo brasileiro concedeu também a isenção de impostos sobre os pertences trazidos consigo e isenção do serviço militar, mesmo para aqueles que se nacionalizassem. Por fim, foi concedida uma verba de vinte e seis contos de réis para a construção de abrigos e um caminho até Santarém.<sup>171</sup>

Em suas pesquisas, Hill encontrou duas versões para a colônia de Santarém: os que tiveram sucesso e os que fracassaram. Existem relatos dessas duas versões publicados em jornais nos Estados Unidos. Hill atribui essa divergência aos tipos de pessoas que vieram para Santarém. As que tinham pouco dinheiro e pouca vontade de trabalhar arduamente acabaram fracassando, enquanto as que tinham um pouco mais de dinheiro e, além disso, muita energia para trabalhar, prosperaram.<sup>172</sup> As condições na região da Amazônia eram muito mais difíceis para o grupo de imigrantes, pois eram áreas, em geral, muito isoladas e com muito a ser feito para torná-las um bom lugar para se viver: *“Most of the group did not act precipitately; they had made preparations for more than a year before departure. But many were unused to the hard conditions that had to be faced in the Amazon wilderness”.*<sup>173</sup>

Mesmo contando com a ajuda dos indígenas<sup>174</sup> (mão-de-obra disponível na região), os imigrantes não tiveram êxito nas terras selvagens amazônicas. Apenas seis meses após a chegada do primeiro grupo a Santarém, imigrantes norte-americanos já estavam buscando ajuda junto ao cônsul norte-americano no Pará.

---

<sup>170</sup> Hill (1927), op. cit., p. 198. *“Assim, em setembro de 1867, após dois anos de esperança e ansiedade, os primeiros seguidores de Hastings, contando cerca de 115 almas cansadas e desanimadas, alcançaram a cena de seu Eldorado – se é que ele assim se parecia”.* (Tradução livre).

<sup>171</sup> Jones, op. cit., p. 112 e 122.

<sup>172</sup> Hill (1927), op. cit., p. 200 e 201.

<sup>173</sup> Hill (1936), op. cit. *“A maior parte do grupo não agiu precipitadamente; eles tinham feito os preparativos por mais de um ano antes de partirem. Mas muitos não estavam acostumados às condições difíceis que eles tiveram que enfrentar na selva amazônica”.* (Tradução livre).

<sup>174</sup> Cf. Oliveira (1995), op. cit., p. 118.

*“Under the circumstances it is not surprising that before the expiration of six months many of the exiles were appealing to the American consul at Pará for relief. In the communications they alleged that the Brazilian government had failed to carry out the terms of the contract entered into with Major Hastings in November, 1866, and that to this fact was attributable much of the impending suffering”*.<sup>175</sup>

A colônia, ao final, parece não ter tido êxito. Segundo Hill, apenas um dos imigrantes realmente obteve sucesso material.

*“As late as 1874 there were still at Santarém some fifty of the two hundred Americans who had attempted to establish themselves on the Amazon. But at this time, according to Roy Nash, the half hundred were ‘burdened with debts, living in squalor, with broken-down bodies and discouraged hearts’. Still a half century and two years later (1926) found a dozen or fifteen of the southerners, or their descendants, living at Santarém, though only one is said to have made a success in this land of jungles. Perhaps it should be said that only one had accumulated a large share of material possessions – the yardstick by which most Yankees measure their fellowmen”*.<sup>176</sup>

O Major L. W. Hastings adoeceu e faleceu antes de retornar ao Brasil com o segundo grupo de imigrantes sulistas que tentava trazer para a região, em 1868.<sup>177</sup> Com o fracasso do Pará, o Coronel White e William Barr acabaram transferindo-se para Santa Bárbara.<sup>178</sup> Os que permaneceram em Santarém, como a família Riker, foram totalmente incorporados à sociedade local, descaracterizando completamente a sua origem norte-americana.<sup>179</sup>

---

<sup>175</sup> Hill (1927), op. cit., p. 199. *“Sob essas circunstâncias, não é surpreendente que antes do decorrer de seis meses muitos dos exilados estavam fazendo apelos ao cônsul americano no Pará para obterem ajuda. Nas comunicações eles alegavam que o governo brasileiro não tinha cumprido os termos do contrato celebrado com o Major Hastings em novembro de 1866, e que a esse fato era atribuído muito do sofrimento iminente”*. (Tradução livre).

<sup>176</sup> Hill (1936), op. cit. *“Em 1874 ainda havia em Santarém cinquenta dos duzentos americanos que haviam tentado se estabelecer na Amazônia. Mas, à essa época, de acordo com Roy Nash, esses cinquenta estavam ‘sobrecarregados de dívidas, vivendo na miséria, com corpos desanimados e com os corações desencorajados’. Meio século e dois anos depois (1926) ainda encontraram doze ou quinze desses sulistas, ou seus descendentes, vivendo em Santarém, embora apenas um seja citado como tendo feito sucesso nessas selvas. Talvez devesse ser dito que apenas um tinha acumulado uma grande parcela de bens materiais – o critério pelo qual a maioria dos nortistas mede o sucesso de seus semelhantes”*. (Tradução livre).

<sup>177</sup> Hill (1936), op. cit.; Jones, op. cit., p. 122; Oliveira (1995), op. cit., p. 119.

<sup>178</sup> Jones, op. cit., p. 124.

<sup>179</sup> Oliveira (1995), op. cit., p. 127 e 131; Harter, op. cit., p. 47.

## **Espírito Santo (Linhares)**

No Espírito Santo, estabeleceu-se uma colônia de imigrantes norte-americanos ao redor da Lagoa Juparanã, próxima ao Rio Doce. A lagoa localiza-se na atual cidade de Linhares. O líder do grupo era o Coronel Charles G. Gunter, do Alabama.

O grupo dividiu-se em mais ou menos vinte estabelecimentos. Eram emigrantes que fugiram do Alabama, Flórida, Louisiana, Mississippi, Texas e Virgínia.<sup>180</sup> De acordo com Harter, o grupo era formado por advogados, médicos e fazendeiros sulistas.<sup>181</sup> Como outros imigrantes, foram recebidos na Hospedaria dos Imigrantes no Rio de Janeiro ao chegarem ao Brasil.

As terras puderam ser compradas através de um crédito concedido pelo Governo, que deveria ser pago em até quatro anos. O preço da terra era de vinte e dois centavos por acre. O Coronel Charles G. Gunter, em carta enviada a um amigo, afirma que gostaria que ele viesse se juntar à colônia, e aconselhava que, se o amigo desejasse vir, que trouxesse consigo todas as suas ferramentas, que eram melhores que as que podiam ser compradas aqui no Brasil, e ainda os seus móveis mais leves, e os mais variados tipos de sementes e mudas de figo e de uvas. Comentava ainda sobre a liberdade de culto existente no Brasil e sobre o Governo brasileiro. Concluía dizendo que quase já havia perdoado seus inimigos *yankees* por terem-no forçado a emigrar a um país tão melhor do que aquele em que ele vivia.<sup>182</sup>

Outra importante fonte para se conhecer a vida dos norte-americanos na região da Lagoa Juparanã, é a carta de Josephine Foster, datada de 1º de dezembro de 1867 e que foi publicada em 1868, no jornal sulista *Times*.<sup>183</sup> Josephine embarcou em Nova Orleans com sua família, para o Brasil, no dia 16 de abril de 1867. Chegaram ao Rio de Janeiro um mês depois, no dia 17 de maio de 1867.<sup>184</sup> Foram recebidos no Hotel dos Imigrantes, onde estavam alguns norte-americanos que haviam chegado há pouco no país e sua família ainda não sabia para que lugar do Brasil iria. Em conversas com o Dr. Keyes decidiram-se pela região do Rio Doce, ao redor da Lagoa Juparanã, no Espírito Santo.<sup>185</sup>

---

<sup>180</sup> Hill (1927), op. cit., p. 201.

<sup>181</sup> Harter, op. cit., p. 70.

<sup>182</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>183</sup> Tivemos acesso à carta através do texto de Hill (1936), op. cit.

<sup>184</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 39.

<sup>185</sup> Hill (1936), op. cit.

Josephine Foster descreve com detalhes os dias que ela e sua família passaram na hospedaria do Rio de Janeiro. Enquanto estavam ali hospedados, encontraram-se com um grupo que vinha acompanhando o Major Frank McMullan, e que se dirigia para o Vale do Ribeira, na província de São Paulo.

Josephine Foster afirma que, em determinado momento, durante a estadia de sua família na hospedaria, quinhentos imigrantes sulistas ocupavam suas dependências. Ela também registra a visita do Imperador aos imigrantes, acompanhado de alguns dos seus oficiais.

*“A splendid looking man he is; dressed on that occasion in a plain suit of black cloth, with nothing to designate his rank except a star on his left breast, thereby showing his appreciation of our poverty-stricken condition. He passed through some of our rooms – dining and storerooms, kitchen, etc., to see if we were comfortable. History bears no record of any more noble and generous heart than that of Don Pedro II”.*<sup>186</sup>

Na carta, Josephine reforça que, para se fazer fortuna no país tem-se que estar preparado para o trabalho manual pesado. Muitos, quando se dão conta disso, acabam por desanimar. De acordo com Hill (1936), o trabalho escravo foi adotado por alguns imigrantes no Espírito Santo, dado que eles não estavam acostumados a esse tipo de trabalho.

*“Notwithstanding the fact that the new settlers on Lake Juparanao had plenty of arduous labor for employment – much more than they had ever known in their former homes – they found servants to aid them. Old Seraphim, wife and two daughters served the Keyes family, though they were not as useful as had been the Alabama Negroes. Their chief service was as teachers of Brazilian ways and customs. Indeed, in one sense the Brazilian slaves were masters of former slave owners”.*<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> Hill (1936), op. cit. “Um homem de aparência esplêndida ele é; vestido naquela ocasião em um terno simples de tecido preto, sem nada para designar sua posição, exceto uma estrela no seu peito esquerdo, demonstrando assim sua consideração pela nossa condição de indigência. Ele passou por alguns dos nossos quartos – sala de jantar e dispensa, cozinha, etc., para ver se estávamos confortáveis. A história não guarda nenhum registro de um coração mais nobre e generoso que o de Dom Pedro II”. (Tradução livre).

<sup>187</sup> Idem, Ibidem. “Apesar do fato dos novos colonizadores na Lagoa Juparanã terem abundância de trabalho árduo para empregarem – muito mais do que eles já tinham conhecido em seus antigos lares – eles encontraram criados para ajudá-los. O velho Serafim, sua esposa e suas duas filhas, serviram à família do Dr. Keyes, embora eles não fossem tão proveitosos quanto tinham sido os negros do Alabama. Seus principais trabalhos eram como professores dos costumes e modos brasileiros. Na verdade, em um sentido, os escravos brasileiros foram professores dos primeiros proprietários de escravos”. (Tradução livre).

No seu início, essa foi considerada a colônia de maior sucesso. Porém, havia uma série de dificuldades na região, como a proliferação da malária, que acometeu muitos imigrantes, e secas muito severas que destruíram as plantações e as colheitas.<sup>188</sup> Com o passar do tempo, muitos colonizadores (*settlers*) mudaram para o interior de São Paulo, indicando que a prosperidade não continuou: “*If Espírito Santo could claim for a time the most successful of the confederate settlements, São Paulo could claim the largest number, and ultimately the most prosperous*”.<sup>189</sup>

## Paraná

No Paraná, o Coronel M. S. Swain e Horace Lane, ambos da Louisiana, estabeleceram uma colônia no Rio Assungui, que faz parte da baía de Paranaguá. Depois chegaram o Dr. H. Blue e o Juiz John Guillet, de Missouri. De acordo com Hill (1936), pouco tempo depois já havia trinta e cinco sulistas do Mississippi na região.<sup>190</sup> A baía de Paranaguá era o núcleo dessa colônia, embora houvesse outros norte-americanos espalhados pela província do Paraná. Dentre os imigrantes, havia não apenas sulistas, mas também americanos de Illinois, Nebraska e Califórnia.<sup>191</sup>

O Dr. Blue exerceu a medicina na cidade de Paranaguá. Isaac Young, que veio do Missouri para o Brasil, dedicou-se ao cultivo da terra, explorando o trabalho dos escravos para produzir cana, milho, feijão, batata, mandioca, etc. Ele tinha um moinho e duas destilarias. Outros colonizadores, que se estabeleceram na cidade de Paranaguá, tinham interesse pelas manufaturas. Um deles, James K. Miller, construiu uma serraria e dedicou-se a produzir barris e tambores para armazenar a erva-mate, gênero comercial muito importante para a economia paranaense da época.<sup>192</sup>

A colônia não obteve êxito e muitos desses imigrantes voltaram para as suas antigas casas nos Estados Unidos já nos anos de 1869 e 1870.<sup>193</sup>

---

<sup>188</sup> Cf. Harter, op. cit., p. 83.

<sup>189</sup> Hill (1927), op. cit., p. 202. “*Se o Espírito Santo podia reivindicar por um período ser o agrupamento Confederado de maior sucesso, São Paulo podia reivindicar o maior número, e, finalmente, o mais próspero*”.. (Tradução livre).

<sup>190</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>191</sup> Idem, Ibidem.

<sup>192</sup> Idem, Ibidem.

<sup>193</sup> Idem, Ibidem.

*“Charles Nathan, agente de imigração, afirmava que diante da inteligência do Dr. Blue, Isaac Young e dos irmãos Miller, a colônia de Paranaguá era a mais próspera do Brasil. No entanto, de acordo com Hill a morte de W. P. Budd em 1869 e o retorno de James K. Miller e M. S. Fife, além de outros colonos menos prósperos, para os EUA, a colônia se desagregou entre 1869 e 1870. A inteligência superior de seus membros não foi suficiente para evitar a derrocada do grupo”*.<sup>194</sup>

## **São Paulo**

### **Vale do Ribeira – Lizzieland – Rev. Ballard S. Dunn**

O Reverendo Ballard S. Dunn, da Louisiana, veio ao Brasil em outubro de 1865, para visitar terras nas províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. Ele se interessou particularmente por terras nas proximidades de Iguape, província de São Paulo. Tendo se naturalizado cidadão brasileiro, obteve do Governo Imperial a escritura provisória das terras localizadas próximas ao Rio Juquiá, um tributário do Rio Ribeira, nas proximidades de Iguape. Estabeleceu-se ali com um grupo de aproximadamente cento e cinquenta compatriotas<sup>195</sup>, onde formou a colônia que denominou *Lizzieland*, em homenagem à sua primeira esposa.<sup>196</sup>

O grupo partiu de Nova Orleans no dia 30 de janeiro de 1867 e, ao chegarem ao Rio de Janeiro, alguns desistiram de prosseguir a viagem e se juntaram a outros imigrantes que estavam indo para o Espírito Santo. Os imigrantes que foram para o Vale do Ribeira eram mais pobres que a maioria dos que vieram para o Brasil. A compra das terras foi feita a prazo, com parcelamento de até cinco anos. Os imigrantes recebiam o título provisório das propriedades e, após pagamento integral, receberiam os títulos definitivos de propriedade.<sup>197</sup>

Porém, a colônia não prosperou. Como já mencionado, esses imigrantes vieram com pouco dinheiro, e, quando esperavam pelos resultados dos seus trabalhos na terra, foram surpreendidos por inundações (o local que foi escolhido pelo Rev. Ballard S. Dunn era sujeito a inundações nas épocas de chuvas, pois os rios transbordavam), e por febres. Isso tudo causou mortes e o desmembramento da colônia. Desses imigrantes, alguns voltaram

---

<sup>194</sup> Silva (2007), op. cit., p. 50.

<sup>195</sup> Hill (1936), op. cit.; Oliveira (1995), op. cit., p. 111.

<sup>196</sup> Jones, op. cit., p. 67.

<sup>197</sup> Zorzetto, op. cit., p. 33.

para os Estados Unidos, outros foram para outros locais do território nacional, como Santa Bárbara e Espírito Santo; e alguns foram ainda para o Rio de Janeiro, para encontrar com outros americanos conhecidos domiciliados na capital.<sup>198</sup> O próprio Dunn desanimou após a morte de sua esposa e voltou para os Estados Unidos.<sup>199</sup> Segundo Harter, Dunn voltou para os Estados Unidos apenas três meses depois de ter fundado *Lizzieland*. Houve suspeitas com relação ao reverendo, de que teria retornado aos Estados Unidos com dinheiro de alguns colonos, que ele nunca mais pagou. Seus objetivos e sua idoneidade parecem ter sido questionados tanto aqui no Brasil quanto na imprensa dos Estados Unidos.<sup>200</sup>

### **Vale do Ribeira – Major Frank McMullan e William Bowen**

O Major Frank Mc Mullan e William Bowen, ambos do Texas, estabeleceram-se com outros compatriotas em terras próximas a *Lizzieland*, na comarca de Iguape. Segundo o Relatório do Ministério da Agricultura de 1866, eles compraram terras de particulares, além de requerer e obter a concessão de terras devolutas situadas às margens dos rios S. Lourenço e Juquiá. O engenheiro Street foi incumbido pelo Governo Imperial para demarcar e medir essas terras.<sup>201</sup>

Dentre os imigrantes, a maior parte era composta por texanos, exceto por dois imigrantes, os irmãos Barnsley, que eram da Geórgia. Porém, quase todos eram nascidos no sul, com exceção de Calvin<sup>202</sup> e Thomas McKnight, que eram nascidos na Pensilvânia, mas que viviam no Texas há algum tempo. De acordo com Griggs, a maior parte desses imigrantes que o Major McMullan trouxe era composta de pequenos fazendeiros de origem sulista.<sup>203</sup> Porém Harter afirma que dentre os imigrantes que acompanharam McMullan e Bowen, estavam alguns dos mais prósperos fazendeiros sulistas, com uma riqueza bruta que totalizava mais de um milhão de dólares. No entanto, estavam completamente depauperados quando da sua vinda, resultado da Guerra Civil.<sup>204</sup>

A viagem de vinda de McMullan e seus compatriotas ao Brasil foi muito conturbada. O navio naufragou nas costas de Cuba, e os emigrantes perderam grande parte

---

<sup>198</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>199</sup> Jones, op. cit., p. 67.

<sup>200</sup> Harter, op. cit., p. 84.

<sup>201</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1866, p. 64.

<sup>202</sup> Calvin era o pai de Wilber McKnight; eles depois vão se estabelecer em Santa Bárbara.

<sup>203</sup> Griggs (1987), op. cit., p. 50.

<sup>204</sup> Harter, op. cit., p. 65.

de seus pertences.<sup>205</sup> Por isso, eram ainda mais destituídos de posses que seus vizinhos de *Lizzieland* (que já eram considerados mais pobres que os imigrantes americanos estabelecidos em outras localidades no Brasil).

*“A primeira expedição feita por aquelle, não foi feliz. Os imigrantes que a bordo do brigue Derby vinham em demanda do Brasil, naufragaram a 10 de fevereiro nas costas da ilha de Cuba. Se nenhum morreu, todos ficaram reduzidos à maior miséria, pela perda de quanto possuíam”.*<sup>206</sup>

O Governo brasileiro, interessado em trazer esses imigrantes ao país, pagou um vapor para buscá-los na costa de Cuba e levá-los até Nova Iorque.<sup>207</sup> Ali, tiveram que aguardar mais um mês até conseguirem outro navio. Vieram no mesmo navio que Gaston e seus colonos, o *North America*.<sup>208</sup>

Estabeleceram-se nas terras escolhidas por McMullan, recebendo o título provisório das mesmas, cujo pagamento foi parcelado em até cinco anos. Após o pagamento integral receberiam também o título definitivo de propriedade.<sup>209</sup>

A colônia, como era de se esperar, não prosperou. À falta de dinheiro, somaram-se a falta de meios de comunicação (que provocou o grande isolamento dessa colônia), doenças e a morte do líder Frank McMullan.<sup>210</sup> Segundo Jones, após a morte do líder, em outubro de 1867, houve um rompimento do elo que unia esse grupo e depois disso cada um tomou o seu rumo por conta própria.<sup>211</sup> Muitos voltaram para suas antigas casas nos Estados Unidos e outros foram para Santa Bárbara, e outros assentamentos espalhados pelo Brasil.<sup>212</sup> As famílias Tarver, Bowen e Bony McAlpine foram para Santa Bárbara depois da desagregação da colônia de McMullan.<sup>213</sup>

---

<sup>205</sup> Hill (1927), op. cit., p. 204.

<sup>206</sup> Relatórios dos Ministérios – Ministério da Agricultura, ano de 1866, p. 64. Grafia do original.

<sup>207</sup> Idem, Ibidem, p. 65.

<sup>208</sup> Para maiores detalhes sobre as viagens de McMullan, ver Jones, op. cit., cap. 4; Griggs (1987), op. cit.; Griggs (2005), op. cit.

<sup>209</sup> Zorzetto, op. cit., p. 33.

<sup>210</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>211</sup> Jones, op. cit., p. 134.

<sup>212</sup> Hill (1927), op.cit., p. 204.

<sup>213</sup> Jones, op. cit., p. 135.

## Interior de São Paulo – Os norte-americanos de Santa Bárbara

Mais para o interior da província de São Paulo, em Santa Bárbara, é que vamos encontrar o maior agrupamento de norte-americanos formado no Brasil.

*“O interior e o litoral de S. Paulo receberam a maior parte dos imigrantes. Colônias se estabeleceram nas Províncias do Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Pará e Bahia. Uma após outra, todas malograram. Mas uma leva de americanos, não destinados à colonização, conseguiu manter-se em Santa Bárbara e Americana, e para ali atrair os imigrantes das colônias mal-sucedidas”.*<sup>214</sup>

Santa Bárbara, hoje Santa Bárbara d’Oeste, localiza-se a 150 km a oeste da capital paulista. Pertence à região metropolitana de Campinas (RMC) e atualmente se separa da cidade vizinha, Americana, apenas por ruas. Há, inclusive, ruas que pertencem metade a um município e metade ao outro.

Santa Bárbara foi fundada em 1818, a partir da doação de terras da sesmaria de D. Margarida da Graça Martins, para a construção de uma capela, o que lhe confere uma origem diferenciada, já que sua fundadora foi uma mulher. Das informações que temos, essa foi a única cidade da região fundada por uma mulher.

*“A doação é comprovada pelo livro de registros de Capelas, CM23, que está no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, nestes termos: ‘Santa Bárbara dos Toledos, povoação fundada por Dona Margarida da Graça Martins, para nela ser ereta uma capela sob a evocação de Santa Bárbara. Ano de 1818’”.*<sup>215</sup>

Em 16 de abril de 1839, a capela foi curada transformando-se no Quarto Distrito de Vila Nova Constituição (atual Piracicaba). Em 18 de fevereiro de 1842 a capela curada foi elevada a freguesia. Em 1844, Santa Bárbara passou a pertencer à comarca de Campinas, voltando a pertencer à de Piracicaba em 1846. Em 1869 a freguesia é elevada à categoria de Vila, ganhando a autonomia municipal e, com isso, desmembrando-se de Piracicaba.<sup>216</sup>

Americana tem como data de sua fundação 27 de agosto de 1875, quando foi inaugurada a estação ferroviária, denominada Estação Santa Bárbara. Aos poucos, por

---

<sup>214</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 10.

<sup>215</sup> J. P. S. Martins. *História de Santa Bárbara d’Oeste*. Campinas: Editora Komedi, 2007, p. 30.

<sup>216</sup> Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d’Oeste, disponível em: <http://www.santabarbara.sp.gov.br>; Martins, op. cit., p. 35.

influência dos americanos que viviam ao redor da Estação, passou a chamar-se Vila dos Americanos.

*“Quando a ferrovia paulista foi concluída, nos anos de 1870, os Confederados começaram a construir suas casas perto da estação ferroviária, a muitas milhas a leste de Santa Bárbara. Durante cerca de vinte e cinco anos o punhado de casas e lojas cresceu e o local ganhou o nome de Estação. Contudo, os brasileiros sempre chamaram a cidade de Vila Americana, numa reação óbvia às características étnicas da maioria de sua população”*.<sup>217</sup>

Desde sua fundação até o início do século XX, Santa Bárbara e Campinas se envolveram em diversas disputas para saber a qual município caberiam os impostos cobrados na vila dos americanos. Por conta disso, ora Americana pertencia à Vila Santa Bárbara e ora à comarca de Campinas, até que, em 30 de julho de 1904 o Dr. Jorge Tibiriçá, presidente do estado de São Paulo criou o povoado de Santo Antonio de Villa Americana, no município e comarca de Campinas, um distrito de paz com a denominação de Villa Americana. A elevação de vila à categoria de município se deu em 28 de outubro de 1924.<sup>218</sup> Quando foi criado o distrito de paz, os primeiros juízes nomeados foram Basílio Bueno Rangel, Basílio Duarte do Pateo e Charles Hall.<sup>219</sup> Pela nomeação de Charles Hall como juiz em 1904, podemos perceber como ele, para não falar de outros norte-americanos, já se destacava na região. Neste e no próximo capítulo voltaremos a falar de Charles Hall, que foi um importante comerciante na região, tendo inclusive atuado como credor, tanto de americanos quanto de brasileiros.

À época da chegada dos primeiros imigrantes (1866), Santa Bárbara era uma pequena vila agrícola, dedicada ao cultivo da cana-de-açúcar, com pequenos e médios produtores. Nas palavras de Zorzetto e Zaluar:

*“Apesar de estar localizada na região cafeeira de Campinas, e talvez influenciada por esta proximidade, Santa Bárbara estava longe de se dedicar ao café. Descrita por Augusto Zaluar, como ‘uma pequena povoação sem edifícios importantes e adornada apenas com algumas casas de aspecto pobríssimo, em completa analogia com os trajes e os costumes de seus habitantes’, ela seria uma pequena vila agrícola”*.<sup>220</sup>

---

<sup>217</sup> Harter, op. cit., p. 93.

<sup>218</sup> Prefeitura Municipal de Americana. Disponível em: <http://americana.sp.gov.br>.

<sup>219</sup> Jones, op. cit., p. 347.

<sup>220</sup> Zorzetto, op. cit., p. 85.

Contudo, o Almanak da província de São Paulo para 1873 apresenta para Santa Bárbara, uma importante mudança, pois, o “*desenvolvimento que tem tido a lavoura em seu Município, principalmente na cultura do algodão, café, cana de assucar e fumo tem sido extraordinário, desde a vinda dos imigrantes norte-americanos...*”<sup>221</sup>

Além disso, por estar localizada em uma área que não fazia parte dos interesses do Governo Imperial para fins de povoamento, as terras do município de Santa Bárbara não foram oferecidas aos agentes norte-americanos. Seu preço era maior que as terras do litoral paulista, por exemplo, e, além disso, não havia as mesmas facilidades de pagamento concedidas para os imigrantes que foram para os núcleos de povoamento. No entanto, os norte-americanos que vieram à região em busca de terras julgaram-nas férteis e adequadas para o plantio de algodão que pretendiam fazer, e também para o estabelecimento de suas famílias.

No início de 1866 chegaram os Norris (Cel. William Hutchinson Norris e seu filho Robert). Eles eram do Alabama e Robert havia servido no Exército Confederado. Suas terras localizavam-se a alguns quilômetros da Vila Santa Bárbara, onde atualmente é a cidade de Americana. A escritura de compra dessas terras, segundo Zorzetto, está no Primeiro Cartório de Notas de Campinas<sup>222</sup>, porém, não conseguimos encontrá-la nos arquivos desse cartório, que atualmente estão sob a guarda do Centro de Memória da Unicamp (CMU). Silva (2007), em conversa com a autora, também confirmou não ter encontrado essa escritura nos cartórios de Campinas. Em Santa Bárbara ela não se encontra. O primeiro registro de norte-americanos comprando terras no cartório de Santa Bárbara é de Robert Meriwether, que o fez em 28 de outubro de 1866.<sup>223</sup>

No entanto, sabemos pela bibliografia que eles foram os primeiros a chegar aos arredores de Santa Bárbara e se estabelecer na região. Chegaram ao porto do Rio de Janeiro a bordo do South America em 27 de dezembro de 1865, e embarcaram para Santos em 6 de janeiro de 1866.<sup>224</sup> Subindo a Serra do Mar, foram ver terras primeiro na cidade de São Paulo. Ali lhes foram oferecidas terras onde hoje é o Brás e São Caetano, porém eles as recusaram, pois ali era brejo. Seguiram, então, com seus pertences em carroções de bois

---

<sup>221</sup> Almanak da Província de São Paulo para 1873. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1985, p. 465-466. Grafia do original.

<sup>222</sup> Zorzetto, op. cit., p. 87, nota de rodapé nº 156.

<sup>223</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 12, p. 25 e 26. *Manuscrito*.

<sup>224</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 10 e 11.

para Campinas, porém ainda não tinham encontrado as terras que desejavam. Avançando um pouco mais, na direção de Piracicaba, compraram terras da Fazenda Machadinho, pouco antes da Vila de Santa Bárbara.<sup>225</sup> Compraram ainda três escravos, sendo dois para os trabalhos no campo e a cativa Olímpia para ajudar nos afazeres domésticos.<sup>226</sup> Assim, depois de estarem estabelecidos enviaram carta pedindo que a família viesse. O restante da família chegou em 19 de abril de 1867, a bordo do Talisman (sua esposa Mary Black e os filhos).<sup>227</sup>

Nos seis meses subsequentes à chegada dos Norris, cerca de cinquenta famílias vieram se estabelecer nos arredores de Santa Bárbara. Essas famílias eram principalmente do Alabama, Tennessee e Texas.<sup>228</sup> Zorzetto, da mesma forma, aponta a origem sulista da maior parte dos imigrantes que se localizaram em Santa Bárbara.

*“Por fim, através de listas enviadas pelos imigrantes de Santa Bárbara ao consulado norte-americano (contendo seus nomes e Estados de origem), inscrições de lápides de seu cemitério particular, testamentos, inventários e procurações, entendemos que os imigrantes norte-americanos da região de Santa Bárbara seriam provenientes dos Estados sulistas”.*<sup>229</sup>

Acreditamos que a maioria dos imigrantes fosse mesmo dessa origem. Claro que acreditamos que pessoas de estados do norte e também pessoas de origem inglesa e irlandesa, chegados há pouco aos Estados Unidos, tenham vindo junto, na tentativa de encontrarem algo melhor para as suas vidas. Entendemos que um acontecimento tão trágico quanto uma guerra, seu desfecho desfavorável e as condições de reconstrução seriam fortes o suficiente para impelirem tantos norte-americanos a deixarem sua terra de origem, na fuga para um país de pouco prestígio e tão diferente da sua terra natal.

Segundo Zorzetto, a maioria dos imigrantes veio com suas famílias. Apenas uma pequena parte (16%) seria de imigrantes solteiros, que permaneceram solteiros durante todo o período. Nas palavras da autora:

*“Entre 1866 e 1870, período em que chegaram os primeiros imigrantes, a colônia de Santa Bárbara aglutinou cerca de 200*

---

<sup>225</sup> Segundo Jones, as terras foram pagas em dólares de ouro. O preço das mesmas não foi informado pela autora. Jones, op. cit., p. 150.

<sup>226</sup> Idem, Ibidem, p. 66.

<sup>227</sup> Oliveira (1981), op. cit., anexo p. 36/37.

<sup>228</sup> Hill (1927), op. cit., p. 206.

<sup>229</sup> Zorzetto, op. cit., p. 23.

*indivíduos. Ao longo de toda a segunda metade do século XIX, o número de imigrantes norte-americanos nesta região oscilou entre os que se fixaram definitivamente e os que se estabeleceram temporariamente, mobilidade espacial comum para os que buscavam melhores condições de vida. Entre os que permaneceram tempo suficiente para terem seus nomes registrados nos documentos cartoriais, fosse como proprietários, testemunhas ou procuradores, cerca de 84% estavam reunidos em famílias. Além de núcleos contendo pai, mãe e filhos solteiros, elas se estendem a filhos e filhas recentemente casados, irmãos dos chefes das famílias ou outros indivíduos sem vínculos de parentesco direto mas, provavelmente, ligados às famílias por relações de amizade (...) Obviamente, tal predomínio de famílias, não impediu que se estabelecessem em Santa Bárbara imigrantes sem qualquer vínculo familiar com outros norte-americanos. Totalizando 16% dos norte-americanos, eles permaneceram solteiros durante todo o período em que desenvolveram suas atividades profissionais nos arredores. Comprando seus imóveis, animais ou simplesmente trabalhando para outros indivíduos, eles se integraram à vida social e econômica da localidade”<sup>230</sup>.*

No Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872, Santa Bárbara aparece com um total de 2.589 almas, sendo 2.376 livres e 213 escravos. Os norte-americanos formavam o maior grupo de estrangeiros com um total de 100 indivíduos, seguidos dos imigrantes alemães que eram 50. A população masculina nessa centena de norte-americanos apresentava 26 solteiros, 11 casados e 3 viúvos, enquanto a feminina constituía-se de 43 solteiras, 13 casadas e 4 viúvas; quanto à religião, todos são registrados como acatólicos.<sup>231</sup>

Durante o período de análise desse trabalho, de 1866 a 1900, e pelas Tabelas 2.1 e 2.2, que se seguem, encontramos nos livros<sup>232</sup> do 1º Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste cerca de 200 americanos envolvidos em transações econômicas e pessoais, como compra e venda de terras e casas no meio rural e urbano, compra e venda de escravos, hipotecas (que com frequência eram realizadas quando da compra de um imóvel), contratos de venda de aguardente, contratos de arrendamento e empreitadas, procurações,

---

<sup>230</sup> Zorzetto, op. cit., p. 87 e 88.

<sup>231</sup> Recenseamento Geral do Império do Brasil, 1872, disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>.

<sup>232</sup> É importante destacar aqui que a série não está completa. Alguns livros não encontravam-se no acervo do Cartório, sendo que por isso temos uma lacuna nos dados, tanto na compra e venda de escravos (há um livro desaparecido) e com relação às demais transações, que inexistem para os anos 1877, 1878 e 1879. Porém, consideramos que o material existente nos dá uma ideia bem aproximada das relações que existiram durante o período considerado.

testamentos, contratos de liberdade condicional, permutas, constituição de sociedades agrícolas, distratos, etc. Dentre todas as modalidades citadas, encontramos os norte-americanos envolvidos em 505 transações de 1866 a 1900, sendo 234 de escrituras de compra e venda de imóveis, o que representa quase 50% de todas as transações do período, 26 registros envolvendo negócios com escravos – dois de liberdade condicional –, 72 hipotecas, 35 quitações de hipotecas, 6 permutas, 7 divisões amigáveis, 2 distratos, 90 procurações, 3 contratos de locação de serviços, 10 relativos a testamentos com 2 quitações e 1 desistência de herança, 6 contratos de arrendamento, 2 de empreitada e 3 contratos de constituição de sociedade.

Dos registros que encontramos na documentação cartorial, em suas várias modalidades, 83 deles envolviam casais de norte-americanos adquirindo ou vendendo bens, contraindo e quitando dívidas com hipoteca, constituindo procuradores para os mais variados fins ou tratando da disposição de bens em testamentos, no caso de morte de um dos cônjuges, ou ainda modificando decisão anteriormente tomada pelo casal.

Do total de 505 transações, 173 foram feitas entre norte-americanos, e as demais entre norte-americanos e a população das redondezas, tanto brasileiros quanto outros imigrantes que também vieram para essa região. Além de alemães, Santa Bárbara recebeu um grande fluxo de imigrantes italianos em fins do século XIX, afora outros imigrantes que vieram isoladamente. Pudemos identificar também 15 transações de norte-americanos que já haviam se mudado para outras cidades; Campinas aparece com 11 nomes, enquanto Limeira, Rio Claro, Araraquara e Torrinha com 1 cada. Eram pessoas que mesmo vivendo fora, continuavam a ter bens, negócios ou até interesse em adquirir alguma coisa em Santa Bárbara. É o caso de Joseph John Lang, morador de Campinas que, além de comprar 2 escravos em Santa Bárbara, no ano de 1870 entrou com um distrato da compra de terras que fez de Henry White, em 1868, alegando que o vendedor “reservara para si o melhor quinhão das terras por ele oferecidas”; o mesmo Lang adquiriu em 1872 o sítio de Henrique Blue e esposa, por 500\$000. Outro caso, para exemplificar, é o de Guilherme Smith que, vivendo em Torrinha, constituía Charles Hall como procurador para vender uma casa de sua propriedade em Vila Americana. O imóvel foi vendido por 1:000\$000, em 1900. Com Eduardo Lane, por sua vez, temos um exemplo intrigante: em 1887 vivia em Campinas e constituiu João Domm para representá-lo como testamenteiro de Edwin G. Britt, cuja

quitação ocorreu um ano depois. Curiosamente, Britt, que era solteiro e não tinha nenhum herdeiro, havia deixado 287\$000 para 5 de seus escravos distribuídos entre Manoel Grande e Manoel Pequeno, cada um com 82\$000, e Francisca Maria, Rosa Moçambique e Cândido Antônio, com 41\$000 cada. No testamento original, Manoel Grande e Manoel Pequeno deveriam receber 100\$000 cada, cabendo a cada um dos outros três a quantia de 50\$000. O restante dos bens, dos quais identificamos uma porção de terra adquirida em 1867 e um sítio em Piracicaba, seriam deixados para o seu irmão John G. Britt que vivia nos Estados Unidos, no estado da Carolina do Norte, e foram vendidos pelo herdeiro no mesmo ano.

Quanto à compra e venda de escravos arrolamos 64 cativos de ambos os sexos, transacionados entre 1866 e 1887, boa parte em compra ou venda direta entre dois interessados, e dois apenas, em que essas operações foram feitas por intermédio de procuradores; há um caso de compra feita junto a um procurador de um pretense vendedor do Rio de Janeiro, com a clara intenção de fugir do pagamento do tributo que incidia sobre cada operação envolvendo um escravo. Uma grande operação de compra e venda, nos dois primeiros anos, envolveu os americanos Harvey Hall e Joseph Daniel, Em 1866, ambos compraram em sociedade 7 escravos pelo valor de 11:900\$000, além de uma grande porção de um sítio em Santa Bárbara. No ano seguinte, Joseph Daniel comprou de Harvey uma parte do lote de 7 escravos, pelo valor de 5:950\$000.

**Tabela 2.1. Transações envolvendo norte-americanos – 1866 a 1900 (Parte 1)**

	<b>Compra e venda</b>	<b>Escravos</b>	<b>Liberdade Condicional</b>	<b>Distrato</b>	<b>Divisão amigável</b>	<b>Permuta</b>	<b>Hipoteca</b>	<b>Quitação de hipoteca</b>
1866	3	1						
1867	9	3						
1868		2						
1869		3						
1870	2	3		1				
1871	8							
1872	7							
1873	12	1			1		1	
1874	4						1	
1875	3	6			1		1	
1876	2	2					3	
1877								
1878								
1879								
1880		1						
1881	8				1	2	5	
1882	3					1	4	1
1883	5						1	
1884	6						1	
1885	10	1			1			
1886	7	1	1			1	7	
1887	10		1				2	1
1888	6						1	1
1889	15						5	
1890	12						6	4
1891	11						2	3
1892	2			1	1		7	2
1893	9						2	4
1894	14				1		4	
1895	22						3	4
1896	11						4	2
1897	5						4	6
1898	15					1	5	4
1899	5						2	3
1900	8				1	1	1	
<b>Total</b>	<b>234</b>	<b>24</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>72</b>	<b>35</b>

Fonte: Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste.

**Tabela 2.2. Transações envolvendo norte-americanos – 1866 a 1900 (Parte 2)**

	Procuração	Locação de serviço	Testamento	Quitação de testamento	Desistência de herança	Arrendamento	Empreitada	Constituição de sociedade
1866								
1867								
1868								
1869								
1870								
1871								
1872								
1873								
1874	1	2						
1875	13		1					
1876	2							
1877								
1878								
1879								
1880	3		1					
1881		1						
1882	4							
1883	3		2			1		
1884	1		1					
1885	2							
1886	4		1					
1887	8		1			1		
1888	7			1			1	
1889	1				1	1		
1890	6							1
1891	4							
1892	1							1
1893	3					1		
1894	5					1		
1895	5			1				1
1896	4					1		
1897	4						1	
1898	6							
1899	3							
1900								
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>3</b>

Fonte: Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste.

Os preços variavam muito, sendo que em 1867 e 1868 um cativo valia de 1:500\$000 a 2:000\$000; em 1870 oscilava entre 1:000\$000 e 1:600\$000, e com escravas sendo negociadas por 500\$000 ou 600\$000; cinco anos depois, o Dr. George Coulter, o boticário

da vila, pagava por uma escrava 2:000\$000. Também em 1875, Henrique, um escravo de 25 anos era vendido por 2:200\$000, dois outros eram negociados por 3:300\$000.

Ainda com relação aos escravos, no que diz respeito à concessão de liberdade condicional, identificamos os casos de Orville Whitaker (1886) e de Sarah Amanda Strong (1887). O primeiro, ao lado de Dursila D. Oliver, a segunda esposa do Coronel Asa Thompson Oliver, parece ter possuído muitos escravos; ele com 9 e ela, com pelo menos 10, revelados pela documentação que trabalhamos. Whitaker e sua esposa concediam, em documento lavrado em cartório, a liberdade condicional a Biath, Laurindo, Diogo, Emília, Genoveva, Lúcio, Manoel, Joana e Jerônimo com a condição de prestarem serviços por seis anos e meio, devendo servir aos herdeiros caso a morte do casal ocorresse dentro desse prazo. A exceção aplicava-se ao cativo Jerônimo, que deveria trabalhar apenas três anos antes de obter a sua liberdade. Sarah Strong dava a liberdade aos escravos Pedro e Ephigenia. Ele, com 25 anos, seria libertado depois de três anos de trabalho, e, ao final desse prazo, por bom comportamento e dedicação ganharia ainda duas bestas e um arado. Ephigenia, por sua vez, com 40 anos, seria emancipada de imediato. Em 1894, quando da abertura do testamento de Whitaker e da mulher, em Piracicaba, a liberta Emília constituiu procuradores para representá-la e receber o que lhe caberia na herança deixada pelos finados.

As 90 procurações encontradas envolvendo norte-americanos, estão relacionadas à cobrança de dívidas, compra e venda de terras, escravos ou imóveis urbanos, representação em testamentos ou inventários, disputa por questões de limites e outros litígios, alguns com aparente gravidade. Em 1881, Edwin G. Britt junto com William (Guilherme) Patton Mc Fadden, Roberto Wilson Mc Fadden, e respectivas esposas, constituíam um procurador para a divisão amigável das terras que tinham em Piracicaba, numa demanda contra Mariano José de Camargo, um proprietário da região. O procurador no caso, e que aparece em muitos outros documentos, inclusive na defesa individual de Britt, em 1882, contra as invasões cometidas em suas terras pelo mesmo Mariano: Prudente José de Moraes Barros. O futuro presidente da República, um maçom ligado à Loja Maçônica Sete de Setembro de Piracicaba, tinha estreitas relações com os norte-americanos de Santa Bárbara, dos quais muitos também eram maçons. Daí, talvez, sua presença constante como advogado, representando seus vizinhos barbarenses em vários casos, o que pode ser constatado pela

documentação pesquisada. A importância da Maçonaria em Santa Bárbara pode ser entendida pela presença de nomes como Robert Norris, João Domm, Patrick H. Scurlock, Bony H. Green e João E. Steagall, representando a Loja Maçônica Sociedade Washington na cidade, na compra e venda de imóveis urbanos, em 1888 e 1900.

Das 234 escrituras de compra e venda registradas no período, apenas 78 foram entre norte-americanos. Nas demais, os norte-americanos transacionaram com a população local, sendo que das 156 escrituras restantes os norte-americanos aparecem como compradores em 113 delas. Ou seja, durante todo o período houve mais compras que vendas de imóveis por parte dos americanos, demonstrando que os que se estabeleceram em Santa Bárbara tiveram realmente um êxito relativo. A segunda geração de imigrantes permaneceu no município, onde constituíram família e desenvolveram laços de amizade e relações econômicas e sociais com a população local, chegando mesmo a se integrar totalmente ao novo meio.<sup>233</sup> As compras de imóveis urbanos se acentuaram a partir do final dos anos 1880 e durante a década de 1890, nos levando a concluir que essas compras foram, em grande parte, feitas pela segunda geração de imigrantes, que estava agora constituindo seus próprios lares, separados dos seus pais.

As hipotecas envolvendo norte-americanos só aparecem nos livros do cartório a partir de 1873, indicando que, provavelmente, os primeiros norte-americanos que se estabeleceram na região compraram suas terras com dinheiro próprio; por isso acredita-se que os primeiros a se estabelecerem nessa região trouxeram alguma reserva (ainda que modesta) consigo, diferentemente daqueles que vieram para o litoral paulista (grupos do Rev. Ballard S. Dunn e de Frank McMullan).

Das 72 hipotecas registradas no período, 35 foram realizadas entre norte-americanos. Essas hipotecas entre americanos se intensificaram a partir dos anos 1880, indicando, novamente, que os que aqui se estabeleceram foram obtendo sucesso em sua inserção econômica local, a ponto de poderem emprestar dinheiro aos demais compatriotas na tentativa de adquirirem seu pedaço de terra e/ou expandirem seus negócios. A maior parte das hipotecas foi feita para a compra de sítios, dando o próprio sítio como garantia. No entanto, existiram também empréstimos aos compatriotas em dificuldades e também para aqueles que queriam expandir seus negócios, visto que já haviam comprado suas terras

---

<sup>233</sup> Mais será dito adiante, no capítulo 3, acerca da integração dos norte-americanos ao meio barbareense.

há algum tempo. O primeiro caso é ilustrado por D. Sarah Elizabeth Tarver. Viúva de Nelson Tarver, ela deve ter passado por dificuldades, já que em 1874 realiza uma hipoteca “em gêneros e dinheiro que retirou na casa de negócio do credor”. Seu credor foi Guilherme Wise. Provavelmente o inventário estava correndo no termo de Piracicaba e, nesse intervalo de tempo, teve que se virar como pôde, contraindo dívidas sob hipoteca. Para o segundo caso podemos citar Thomas Alonso Keese, que adquire um sítio em 1887, e em 1897 realiza uma hipoteca. Em 1900, ele aparece, junto com seu irmão, nos registros de impostos de indústria e profissão, solicitando autorização para abertura de um depósito de aguardente.<sup>234</sup> Provavelmente o empréstimo com hipoteca foi feito para pagar investimentos nos maquinários e demais utensílios para a formação de um engenho. Essa hipoteca foi quitada em 1899. Das 37 hipotecas realizadas entre norte-americanos e a população local, em 18 delas os norte-americanos foram os credores e nas demais, eles aparecem como devedores (19 no total).

Os principais credores, tanto de outros norte-americanos quanto da população local, foram Benjamin Francisco Tarver, que aparece como credor em 12 hipotecas, sendo que em 8 delas os devedores não eram norte-americanos. Benjamin era comerciante em Santa Bárbara, tendo pago impostos por armazém de secos e molhados de 1881 a 1883 e por um açougue em 1887, 1891 e 1892. Sendo proprietário de um armazém de secos e molhados, ferragens, louças e aguardente,<sup>235</sup> isso deveria facilitar seu contato com a população local, a ponto de ter sido credor de vários deles ao longo desse tempo.

Charles Hall também foi um importante homem de negócios em Santa Bárbara, tendo sido credor em 8 hipotecas, metade das quais com norte-americanos como devedores e as demais constituíam-se empréstimos aos moradores locais. Green Ferguson, também foi credor em 5 hipotecas, sendo todas para outros norte-americanos. Por sua vez, João Domm, que não era norte-americano, mas que veio junto com os americanos para Santa Bárbara, e esteve o tempo todo ligado a esse agrupamento por laços de amizade e também pelo casamento de sua filha Helena Paulina com Abraham Whitaker Currie, aparece como credor em 4 hipotecas, sendo que em apenas uma delas uma brasileira era a devedora. Caso

---

<sup>234</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata de registro de alvará e outros atos de Intendência da Câmara Municipal. Data: 28/01/1899 a 1900. O livro possui estatísticas até 1914. *Manuscrito*.

<sup>235</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata para registro de alvará de licença para funcionamento de comércios. Data: 03/01/1878 a 04/07/1893. *Manuscrito*.

curioso é o que aparece em 1884, em que Junius Eastham Newman (ministro metodista), Ezequiel Bento Pyles, João Wesley Weissinger, Wilber Fish McKnight e respectivas esposas, juntamente com o brasileiro Benedito G. de Oliveira e a mulher Rita Maria Rodrigues, constituem como procuradores James Abraham Holland e Adoniram Judson Pyles “para o fim especial de por eles fazer empréstimos e para garantia hipotecar os bens de raiz, podendo assinar escritura de hipoteca (grifo nosso) e aceitar juros de 12% a.a.”.

Datada de 5 de fevereiro de 1867, há uma carta de Harvey Hall, que foi publicada no *Sun and Times* da Geórgia<sup>236</sup>. Nessa carta ele procura esclarecer aos amigos, familiares e conhecidos como está sendo sua vida junto com outros norte-americanos no agrupamento nos arredores de Santa Bárbara. Ele fala sobre a fertilidade do solo, o bom clima da cidade, os seus lucros e o retorno do investimento, alerta os compatriotas para a dieta mais pesada adotada pelos brasileiros e ainda dá alguns aconselhamentos para os que porventura estivessem interessados em se juntar a esse grupo. Segundo Harvey Hall, ele recuperaria o investimento feito muito rapidamente, mas ele advertia aos seus compatriotas de que isso só era possível aos que estivessem dispostos a trabalhar a terra com o seu próprio esforço.

*“... in less than two years we will have paid for the place, with the addition of a gin, ginhouse and screw, and such other improvements as may be needed, and eight valuable Negroes, and all the stock we need besides. (...) Now I do not wish to be understood that everyone who has bought here is doing as well, or that all who may come hereafter can do so. On the contrary, I believe that the majority of those who are settled here or may settle here in the future, will not make more than a support the first year, and very little more the second; but after that, with industry and economy, their advance will be rapid. The mistake that our people have made is, that they have expected to make a living here without a personal labor or the means to buy labor with”.*<sup>237</sup>

Harvey Hall dá o mesmo conselho dado por Josephine Foster, na citação que vimos acima. Parece-nos que esse foi o principal motivo do insucesso de grande parte dos

---

<sup>236</sup> Tivemos acesso a essa carta através do artigo de Hill (1936), op. cit.

<sup>237</sup> Hill (1936), op. cit. “... em menos de dois anos já teremos pago pelo lugar, com o acréscimo de um descaroador de algodão e seu depósito, e algumas outras benfeitorias que possam ser necessárias, e oito valiosos negros, e todo o suprimento que necessitamos além disso. (...) Agora, eu não quero dizer que todos que aqui compraram estejam assim tão bem, e nem que todos que possam vir depois possam ficar da mesma forma. Ao contrário, eu acredito que a maioria dos que estão estabelecidos ou possam se estabelecer aqui no futuro, não farão mais que se sustentar no primeiro ano, e um pouco mais no segundo; mas depois disso, com esforço e economia, seu avanço será rápido. O erro que o nosso povo tem cometido é o de ter a expectativa de viver aqui sem o trabalho pessoal ou os meios de comprá-lo”. (Tradução livre).

imigrantes no Brasil: eles não sabiam trabalhar a terra com seus próprios esforços, e vieram de pauperados demais para poderem contratar quem o fizesse. Os que tinham saúde e disposição suficientes para trabalhar a terra ou puderam contratar quem o fizesse conseguiram, em geral, prosperar. Voltando à carta de Hall, ele dá conselhos inclusive de quanto dinheiro os que desejassem emigrar deveriam trazer:

*“Every man of family coming here should first secure a home, either by coming himself or sending an agent. He should have money enough to subsist upon for one year, and also to buy what labor he expects to employ, or else come with his mind made up to labor with his own hands. No single man (unless a mechanic) should come with the expectation of setting up for himself without money enough to buy a farm and purchase his subsistence for one year, say two thousand dollars (\$2,000).*

*Of mechanics, none are needed, except house builders, furniture makers, blacksmiths, wagon makers, shoemakers and ginhouse and screw builders. They should come with money enough to furnish themselves with tools and stocks, and to subsist for one year. Industrious single men who would be willing to work for fifteen dollars (\$15) per month and their board, could find employment with Americans who are here, or will soon be here”.*<sup>238</sup>

Estabelecidos em Santa Bárbara, esses imigrantes se tornaram pequenos e médios proprietários, de acordo com Zorzetto:

*“... entre os poucos registros cartoriais que apresentaram propriedades com mais de 80 alqueires de terras, observamos que a compra destas áreas mais extensas foi uma prática utilizada, principalmente, pelos primeiros imigrantes que chegaram entre 1866 e 1867: todos os oito primeiros registros públicos de compra de terras eram de propriedades com, pelo menos, mais de 80 alqueires. Consideradas estéreis pela maior parte dos habitantes locais, estas terras foram compradas por baixos preços pelos imigrantes”.*<sup>239</sup>

---

<sup>238</sup> Hill (1936), op.cit. “Cada homem de família que venha para cá deve primeiro garantir um lar, vindo ele mesmo ou enviando um agente. Ele deve ter dinheiro suficiente para a sua subsistência durante um ano, e também para comprar o trabalho que ele espera empregar, ou então vir decidido a trabalhar com as suas próprias mãos. Nenhum homem solteiro (exceto um mecânico) deve vir com a expectativa de se estabelecer sem dinheiro suficiente para comprar um sítio e garantir a sua subsistência por um ano, ou seja, dois mil dólares. Mecânicos não são necessários, exceto construtores de casas, fabricantes de móveis, ferreiros, construtores de vagões, sapateiros e construtores de descarçadores. Eles devem vir com dinheiro suficiente para se suprir de ferramentas e suprimentos, e para a sua subsistência durante um ano. Homens solteiros esforçados que desejem trabalhar por quinze dólares por mês e alojamento, podem encontrar emprego com os americanos que estão ou que logo estarão aqui”. (Tradução livre).

<sup>239</sup> Zorzetto, op. cit., p. 96.

Observamos que esses primeiros imigrantes, ao comprarem terras, compraram extensões maiores, e, ao longo do tempo, foram vendendo partes de seus sítios a outros compatriotas e também a habitantes locais. Nas escrituras de compra e venda de terras, praticamente não temos as dimensões das terras transacionadas, sendo muito comuns expressões como “parte do sítio”, “duas pequenas partes” ou “porção de terras” do sítio ou fazenda tal. Tampouco encontramos menção da existência de alguma plantação nas terras adquiridas pelos norte-americanos. Zorzetto, tendo também analisado os documentos cartoriais aqui utilizados, chegou às mesmas conclusões<sup>240</sup>:

*“Seja como for, ao adquirirem suas propriedades, os imigrantes encontraram a maior parte das terras em sapé. Entre as escrituras de compra de unidades agrícolas, 90% não mencionam a existência de qualquer plantação nas terras compradas. Para as propriedades restantes, 6% apresentavam plantações de milho e arroz e terras aradas, 3% tinham terras aradas, aves e porcos e 1% terras incultas, criação de porcos, cabras e aves”.*<sup>241</sup>

Em suas pesquisas com inventários Zorzetto concluiu que os imigrantes que vieram para Santa Bárbara optaram pelo cultivo de gêneros comerciais que, ao serem vendidos, lhes propiciaram comprar os alimentos para sua subsistência. De acordo com a autora, apenas 25% dos imigrantes norte-americanos que se dedicaram ao cultivo do gênero comercial produziam simultaneamente com esse produto, o milho, o feijão e o arroz. E apenas 6% dos norte-americanos concentravam suas lavouras em alimentos.<sup>242</sup> Conforme já mencionado, D<sup>a</sup>. Sarah Elizabeth Tarver, durante o processo de inventário de seu falecido marido Nelson Tarver, comprou gêneros e emprestou dinheiro de um comerciante em Santa Bárbara, podendo isso ser um sinal de que em sua fazenda não se produzia para subsistência.

Foi no cultivo de gêneros comerciais que os norte-americanos encontraram seu meio de vida, produzindo primeiramente o algodão e, em seguida, a cana e a melancia. Acredita-se que eles tenham vindo para o Brasil com o conhecimento do plantio do algodão, já que a

---

<sup>240</sup> Segundo informações obtidas dos funcionários do cartório, quando Zorzetto realizou suas pesquisas ainda estavam todos os livros no acervo. Ao que tudo indica, alguns livros se perderam após um empréstimo realizado à Prefeitura Municipal. No entanto, ainda não há certeza acerca disso. De qualquer forma, tomamos algumas estatísticas de Zorzetto, na tentativa de cobrir a lacuna existente em nossas pesquisas, especialmente na parte que se refere à compra de escravos, que foi muito prejudicada pelo extravio desses livros.

<sup>241</sup> Zorzetto, op. cit., p. 98.

<sup>242</sup> Idem, Ibidem, p. 101 e 102.

maioria deveria ser sulista. A cana-de-açúcar eles aprenderam a plantar e beneficiar com seus vizinhos barbarenses. E a melancia, eles próprios trouxeram sementes de uma variedade não conhecida no Brasil. O plantio foi um sucesso e suas vendas só não foram melhores devido a um surto de febre amarela.

*“Aliada à produção de alimentos ou não, os norte-americanos escolheram a agricultura comercial como meio de sustento para si e suas famílias. Entre seus inventários e testamentos, encontramos 51% das propriedades produzindo algum gênero comercial, fosse algodão, cana ou melancia. Ao ampliarmos nossas fontes, incluindo registros de hipotecas e compra e venda de propriedades, encontramos 79% das famílias norte-americanas praticando a agricultura comercial”.*<sup>243</sup>

### **Cultivo do algodão**

Conforme mencionado no primeiro capítulo, a vinda dos imigrantes norte-americanos para o Brasil veio ao encontro dos desejos do Governo Imperial de fomentar o cultivo de algodão no país. Com o auxílio da Associação do Manchester, o governo distribuiu sementes em vários locais do país.<sup>244</sup> Segundo Zorzetto, entre os envolvidos na distribuição das sementes, estavam membros da associação de apoio à imigração de São Paulo (AAISP), como pessoas da família Souza Queiroz e John Aubertin, que, envolvidos também com a imigração norte-americana, teriam fornecido sementes aos imigrantes norte-americanos de Santa Bárbara. Em 1870 já havia 40 norte-americanos produtores de algodão em Santa Bárbara. Nem todos produziam o gênero em suas próprias terras; alguns plantavam nos sítios de seus sogros, pais e amigos.<sup>245</sup>

O cultivo do algodão deu-se com o auxílio de membros da família, especialmente para os que possuíam filhos maiores de 10 anos e não dispunham de recursos financeiros suficientes. Os que possuíam algum recurso valeram-se do trabalho livre, através do sistema de empreitada e da contratação de camaradas para as épocas de colheita e plantio, e também do trabalho escravo.<sup>246</sup>

---

<sup>243</sup> Zorzetto, op. cit., p. 104.

<sup>244</sup> Canabrava, op. cit., p. 10.

<sup>245</sup> Zorzetto, op. cit., p. 105 e 106.

<sup>246</sup> Para maiores detalhes, ver Zorzetto, op. cit., p. 107-110.

Nos registros cartoriais por nós pesquisados, existem dois registros de empreitada, mas nesse caso os imigrantes norte-americanos eram os empreiteiros. Em um desses casos, os imigrantes estavam trabalhando para um fazendeiro de Monte Mor, no ano de 1888, quando o plantio do algodão já havia sido interrompido em Santa Bárbara. E com relação aos contratos de locação de serviços, encontramos 7, sendo dois em 1874 e outros cinco em 1875, todos com os norte-americanos contratando “camaradas” para trabalharem em suas plantações.<sup>247</sup> Esses camaradas eram contratados por um valor estipulado e, caso não o tivesse pago em serviços da lavoura até o final da colheita, ele ficava com a dívida e, dessa forma, sempre iniciava seus trabalhos com uma dívida quando contratado por um novo fazendeiro.

Porém, a partir de 1872, houve uma queda nos preços internacionais do algodão, associada à recuperação da produção nos Estados Unidos, e isso prejudicou a produção brasileira, fazendo com que muitos produtores fossem afetados, inclusive os imigrantes norte-americanos de Santa Bárbara e Americana. Zorzetto menciona que, como forma de tentar sanar a queda nas vendas, alguns negociantes, associados a um imigrante norte-americano, organizaram uma manufatura de algodão em Santa Bárbara e Constituição que, infelizmente, não foi suficiente para absorver a produção dos fazendeiros da região.

*“Em Santa Bárbara e em Constituição, alguns membros da antiga AAISP, integrantes da família Souza Queiroz, organizaram uma manufatura de algodão em sociedade com um imigrante norte-americano. Empregando 34 imigrantes, entre norte-americanos e alemães, tal empreendimento forneceu trabalho e um mercado consumidor às lavouras dos norte-americanos durante toda a segunda metade do século XIX”.*<sup>248</sup>

A partir das dificuldades encontradas pelos imigrantes norte-americanos no cultivo do algodão, muitos decidiram plantar outro gênero comercial, na busca de melhores

---

<sup>247</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 16, 2ª parte, p. 40, 44 e 47; livro 17, p. 34, 40, 41 e 48; livro 26, p. 26. *Manuscritos*.

<sup>248</sup> Zorzetto, op. cit., p. 112. A autora não menciona quem seria esse imigrante norte-americano que ajudou a fundar uma manufatura de algodão. Acreditamos que seja William Pultnei Ralston e que, apesar da autora afirmar que essa manufatura estaria localizada em Santa Bárbara e Constituição, cremos que, na verdade, essa era a Carioba, indústria têxtil localizada em Americana, bem próxima a Santa Bárbara. Queremos ressaltar também que Ralston, ao contrário do que a bibliografia aponta, não era norte-americano. Ele era inglês, porém veio ao Brasil procedente dos Estados Unidos. Ele, contudo, nada tem a ver com os imigrantes que se estabeleceram em Santa Bárbara, exceto pelo fato de que, anos mais tarde, seu sobrinho se casaria com Helen Miller, filha de norte-americanos que se estabeleceram ali.

oportunidades econômicas, já que o preço do algodão não estava compensando. Dessa forma, influenciados pelos fazendeiros da região, que já se dedicavam ao cultivo da cana-de-açúcar, muitos imigrantes decidiram pelo cultivo desse produto, que estava com a cotação elevada no mercado internacional.

### **Cultivo da cana-de-açúcar**

O número dos produtores de cana foi inferior ao dos produtores de algodão; porém, é interessante o fato de que grande parte dos produtores de cana eram ex-produtores de algodão. Foram 29 produtores de cana, sendo que 64% já havia experimentado o cultivo de algodão antes disso.

*“O número dos norte-americanos que trocaram o cultivo do algodão pelo da cana-de-açúcar se torna mais significativo quando lembramos que entre os 43 imigrantes que se dedicaram à produção de algodão até 1870, 21 faleceram ou deixaram a região de Santa Bárbara durante os anos 1870. Entre os 22 restantes, 14 se dedicaram à cana”.*<sup>249</sup>

A maioria dos imigrantes que se dedicou ao cultivo da cana-de-açúcar o fez em terras próprias. Os que não possuíam terras próprias, dedicaram-se ao cultivo da cana-de-açúcar sob o regime de sociedades agrícolas.

*“Fosse entre irmãos, amigos norte-americanos ou brasileiros, eles se reuniam em sociedades agrícolas para a organização de engenhos. Geralmente formadas por dois indivíduos, cada um dos sócios tinha a posse individual, mas o uso da terra e dos instrumentos necessários ao cultivo e beneficiamento dos canaviais era coletivo: as terras, os instrumentos agrícolas, os animais de trabalho ou os maquinismos das moendas e dos alambiques”.*<sup>250</sup>

Como exemplos de sociedade agrícola para o cultivo de cana-de-açúcar, encontramos Lingard Miller, que fez sociedade com José Machado de Campos, e a sociedade de Ricardo Crisp com Guilherme Pierce Steagall. No primeiro exemplo, foi José Machado de Campos quem arrendou o sítio, de posse de José Belchior Toledo Martins, com engenho e pertences para moagem da cana e fabrico de aguardente e de açúcar, tendo cedido também a lenha para o consumo do engenho. A Lingard Miller coube o cultivo de

---

<sup>249</sup> Zorzetto, op. cit., p. 114, nota de rodapé nº 204.

<sup>250</sup> Idem, Ibidem, p. 115.

pelo menos vinte quartéis de cana por ano; eram de sua posse os animais, o arado e o carroção, com o qual se obrigava a transportar toda a cana da roça para o engenho. Lingard Miller era ainda uma espécie de administrador, já que era ele quem contratava os empregados que fossem necessários, apresentava as contas das despesas mensais e ainda poderia fazer outros tipos de negócios em benefício da sociedade (como moer cana de outros, repartindo os lucros). No segundo caso, Ricardo Crisp era o proprietário do sítio denominado Brejo. Guilherme Steagall era o gerente de tal sociedade, sendo proprietário de todos os maquinários e animais.<sup>251</sup>

Para o cultivo da cana-de-açúcar utilizaram mão-de-obra escrava – 46% até a abolição – e livre, sob os regimes de empreitada e contratação de “camaradas”,<sup>252</sup> denominação dada aos homens livres e despossuídos de bens que se dedicavam a uma série de trabalhos residuais.

Segundo Zorzetto, apesar da existência de mercado consumidor para a cana e a aguardente, os pequenos produtores norte-americanos decidiram abandonar a cana-de-açúcar nos anos 1880 e passaram a se dedicar ao cultivo de um novo produto que surgia no mercado paulista: a melancia, de uma variedade existente nos Estados Unidos.<sup>253</sup> Através de nossas pesquisas sabemos que até 1900 alguns imigrantes norte-americanos ainda estiveram envolvidos no cultivo de cana e fabrico de aguardente. Em 1898 e 1899 Leonidas Sanders Bowen e Wilber Fish McKnight possuíam contratos de venda de aguardente com Joaquim Fernandes Estrada, um negociante de São Paulo.<sup>254</sup> Em 1900 há o registro de Alonso Keese & Irmão solicitando licença para abrir seu negócio de Depósito de Aguardente junto à Câmara Municipal de Santa Bárbara.<sup>255</sup>

### **Cultivo da melancia**

Ainda na década de 1870 alguns imigrantes norte-americanos passaram a se dedicar ao cultivo da melancia. A variedade plantada em Santa Bárbara era a “cascavel da Geórgia”, típica dos Estados Unidos, cujas sementes foram trazidas no bolso de um

---

<sup>251</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 30, p. 13 e livro 37, p. 127. *Manuscrito*.

<sup>252</sup> Zorzetto, op. cit., p. 119-121.

<sup>253</sup> Idem, *Ibidem*, p. 121.

<sup>254</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 40, p. 90, 91 e 181. *Manuscrito*.

<sup>255</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata de registro de alvará e outros atos de Intendência da Câmara Municipal. Data: 28/01/1899 a 1900. O livro possui estatísticas até 1914. *Manuscrito*.

imigrante: Joe Whitaker. Joe era conhecido entre os americanos de Santa Bárbara por “Uncle Joe”.<sup>256</sup>

Dentre os produtores de melancia, 76% eram filhos dos primeiros imigrantes.<sup>257</sup> Em geral, cultivaram pequenas extensões de terras (em média dois alqueires), utilizando o próprio trabalho e o de familiares.

*“Assim, sendo a lavoura de melancia uma cultura de poucas extensões, a maior parte dos produtores utilizavam somente o próprio trabalho, auxiliados por suas esposas e filhos, quando existiam. Por sua vez, entre os maiores lavradores, os quais cultivavam também a cana, a mão-de-obra provinha do serviço de trabalhadores livres contratados pela locação de serviços ou por empreitada”.*<sup>258</sup>

De início, encontraram como mercado para esse gênero as cidades e vilas vizinhas e os brasileiros passaram a preferir essa variedade de melancia à variedade aqui existente. Assim que a ferrovia chegou a Santa Bárbara, os imigrantes americanos começaram a enviar sua produção para ser comercializada em Santos, e dali, para São Paulo e Rio de Janeiro. No início do século XX os italianos passaram a dominar o cultivo de melancias em Santa Bárbara e Americana.<sup>259</sup>

*“For a season of three months, 50 to 100 carloads of watermelons a day were shipped out of Santa Barbara by rail (...) For twenty-five years the business lasted and was the basis of general prosperity for the American colonists. The most profitable period was from 1890 to 1900. Finally the soil became exhausted, and the Italians who had come into the neighborhood took up the business on fresh land. The Americans agree in hating the Italians!”.*<sup>260</sup>

Apesar de Mark Jefferson mencionar a exaustão do solo como um dos fatores que teria interrompido a produção de melancias em Santa Bárbara e Americana, a maior parte da bibliografia menciona uma epidemia de febre amarela como a causa para as frustrações

---

<sup>256</sup> Hill (1927), op. cit., p. 206.

<sup>257</sup> Zorzetto, op. cit., p. 122.

<sup>258</sup> Idem, Ibidem, p. 123.

<sup>259</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>260</sup> Jefferson, op. cit., p. 230. Como destacado anteriormente, Mark Jefferson é muito pessimista e preconceituoso. “Por uma temporada de três meses, de 50 a 100 carregamentos de melancia eram embarcados por dia, pela via férrea em Santa Bárbara (...) O negócio durou vinte e cinco anos e foi a base para a prosperidade geral dos colonizadores norte-americanos. O período mais lucrativo foi de 1890 a 1900. Por fim, o solo ficou esgotado, e os italianos que tinham vindo para a região assumiram os negócios. Os americanos têm razão em odiar os italianos!”. (Tradução livre).

dos produtores americanos de Santa Bárbara. Essa epidemia deu-se em meados de 1890, e foi proibida a comercialização de frutas verdes em Santos, onde os imigrantes comercializavam seu produto.

*“Sendo proibido o comércio de frutas verdes, foram apreendidos e destruídos todos os carregamentos de melancias enviados pelos norte-americanos. Tendo investido nos serviços de limpeza da terra, de uso do arado, de adubagem e na compra de sementes, os lavradores recorreram às autoridades públicas pedindo indenizações a fim de não comprometerem suas unidades agrícolas (...) Apesar de cerca de 33 norte-americanos enviarem requerimentos com pedidos de indenizações às autoridades públicas, nenhum deles foi atendido temendo-se que tal atitude incentivasse outros produtores. Diante das dificuldades, alguns lavradores resolveram vender suas propriedades, outros pegaram dinheiro emprestado, particularmente dos produtores de cana, para investirem em plantações diversas, enquanto outros foram trabalhar em sítios e fazendas locais”.*<sup>261</sup>

Porém, a produção de melancias não foi totalmente abandonada pelos norte-americanos. No início do século XX havia vários deles plantando melancias em Santa Bárbara. Como houvesse uma produção agrícola grande no município, em 22 de março de 1899 foi criado o Clube da Lavoura local. O major João Frederico Rehder (que mais tarde fundaria a Usina Santa Bárbara, grande indústria canavieira, que servirá como importante motor da economia local) foi eleito presidente e Charles Hall o vice-presidente. Guilherme Keese foi eleito primeiro secretário, Wilber McKnight o tesoureiro e John Steagall (João Eduardo Steagall nos documentos manuscritos), o procurador.<sup>262</sup>

### **Outras atividades exercidas pelos imigrantes**

Os primeiros imigrantes norte-americanos que se estabeleceram em Santa Bárbara, dedicaram-se, predominantemente, a atividades rurais. Porém, além do trabalho e da produção no campo, eles também desenvolveram outras atividades econômicas na cidade. (Ver tabelas 2.3, 2.4 e 2.5). Dentre as atividades urbanas, uma que é destacada é o comércio com armazéns de secos e molhados, de gêneros da terra e lojas de fazendas e armarinhos, exceção feita a uma botica (1880) e uma padaria (1885). No período de 1879 a 1898 são

---

<sup>261</sup> Zorzetto, op. cit., p. 123 e 124.

<sup>262</sup> Jones, op. cit., p. 340.

treze norte-americanos envolvidos com armazéns de secos e molhados, e até 1887, era somente a essa atividade mercantil urbana que eles se dedicavam. Em 1887 encontramos o registro de alvará de funcionamento de um açougue para Benjamin Francisco Tarver.<sup>263</sup>

*“Concentrados em negócios de ‘secos, molhados e gêneros da terra’, encontramos estes comerciantes divididos em iguais proporções de casados e solteiros. Se estabelecendo tanto independentemente quanto em sociedade com algum familiar ou amigo, norte-americano ou brasileiro, eles vendiam desde sal, açúcar e milho até ferragens, louças e adornos como chapéus, luvas e enfeites de cabelos. Entre as ferramentas agrícolas vendidas nestes armazéns, encontramos machados, serrotes e enxadas, além de pregos, espingardas e pólvora. A maioria dos fregueses era composta de norte-americanos, o que indica a existência de laços de solidariedade entre os que moravam na região e compravam em armazéns de propriedade de seus compatriotas”.*<sup>264</sup>

A partir de 1894, os imigrantes diversificaram ainda mais suas atividades urbanas, passando a se dedicar a um número maior de atividades, dentre elas a do fabrico de aguardente, tenda de ferreiro, funilaria, depósito de arados, serraria de madeiras e olaria. No Almanak da província de São Paulo para 1873, João Domm e Thomaz Mac Knight aparecem como ferreiros, de um total de quatro.<sup>265</sup> De 1895 até 1900, João Domm foi quem dominou o negócio com sua tenda de ferreiro, mesmo com o aparecimento de outros como João Christopher Clark e Carlos Wingeter.<sup>266</sup>

Alguns imigrantes também procuraram diversificar as suas atividades, por exemplo, Charles M. Hall e os irmãos Pyles. Nos documentos do município que foram analisados, encontramos Charles Hall como um homem de negócios e exercendo várias atividades simultaneamente. Possuía registro para o negócio de secos e molhados de 1895 a 1898; em associação com Portugal, foi proprietário de um depósito de arados de 1897 a 1900; de 1897 a 1900 também consta registro para uma serraria de madeiras; para o ano de 1900, há registro de um depósito de aguardente. Os irmãos Pyles também são um bom exemplo dessa diversificação, já que atuaram em várias atividades simultaneamente, assim como

---

<sup>263</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata para registro de alvará de licença para funcionamento de comércios. Data: 03/01/1878 a 04/07/1893. *Manuscrito*.

<sup>264</sup> Zorzetto, op. cit., p. 128.

<sup>265</sup> Almanak, op. cit., p. 468.

<sup>266</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata destinado a registros de ofícios e registros expedidos pela Câmara de Santa Bárbara (1893-1899). Livro de lançamento de impostos da Câmara (1883-1894). *Manuscritos*.

Charles Hall. Em 1894, há registro dos irmãos como fabricantes de aguardente; em 1900 eram proprietários de uma olaria; de 1894 a 1898 um registro para o negócio de secos e molhados e de 1898 a 1900, o registro de uma serraria de madeiras.<sup>267</sup>

**Tabela 2.3. Licenças para funcionamento de comércios (1878 a 1893)**

Negócio de Secos e Molhados	Açougue
D <sup>a</sup> . Salli Rebeca Bankstom (1879, 1880) Abraão Whitaker Currie (1881, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889) Lingard Miller (1881) B. Francisco Taver (1881, 1882, 1883, 1891, 1892, 1893) João Taver Tanner (1881, 1882) Abner Davis Tarver (1884, 1885, 1886, 1887) Tarver & Ferguson (1886, 1888) João Christopher Clark (1888, 1889, 1891) James Tarver & Guilherme Godfrey (1890) João Pyles (1891) Bento Pyles (1891) J. Whitaker (1893)	Benjamin Francisco Taver (1887)

Fonte: Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro ata para registro de alvará de licença para funcionamento de comércios. Data: 03/01/1878 a 04/07/1893. (Manuscrito).

**Tabela 2.4. Registros de ofícios (1893-1899)**

Negócio de Secos e Molhados	Fabricantes de aguardente	Tenda de Ferreiro	Depósito de Arados	Serraria de Madeira
Benjamim Francisco Taver (1894, 1895, 1896, 1897) Pyles & Irmão (1894, 1895, 1896, 1897, 1898) Charles M. Hall (1895, 1896, 1898)	Charles Hall & Anderson (1894) Pyles & Irmão (1894) William Mc Knight (1894) Henrique Norris (1894) Roberto Daniel (1894)	Carlos Wingetter (1895, 1897) João Domm (1895, 1896) João Domm & Niels Nielsen (1898)	Charles M. Hall & Portugal (1897, 1898, 1899)	Leroy King Bookwalter (1897) Charles M. Hall (1897) Steagall & Irmão (1898)

Fonte: Livro Ata destinado a registros de ofícios e registros expedidos pela Câmara de Santa Bárbara de 1893-1899. (Manuscrito).

<sup>267</sup> L. Aguiar. *Imigrantes norte-americanos em Santa Bárbara d'Oeste, 1866-1920*. Araraquara, FCL/UNESP, Monografia, 2004, p. 43.

**Tabela 2.5. Registros para funcionamento de comércios (1899-1900)**

Depósito de Aguardente	Depósito de Arados	Serraria de madeiras	Olaria
Alonso Keese & Irmão (1900)	Charles Hall & Portugal (1900)	Charles M. Hall (1899, 1900)	Pyles & Irmão (1900)
Charles Hall & Portugal (1900)		Pyles & Irmão (1899, 1900)	

**Fonte: Livro ata de alvará e outros atos da Intendência da Câmara Municipal (28/01/1899 a 1900). As estatísticas estão disponíveis até 29/01/1914. (Manuscrito).**

Outra função importante assumida pelos comerciantes foi a de fornecimento de crédito, através de dívidas com hipotecas. Esses comerciantes passaram a conceder crédito a outros norte-americanos e também para a população local, com a cobrança de juros. Esse era o caso, por exemplo, de Benjamin Francisco Tarver, João Domm, Green Ferguson e Charles Hall.<sup>268</sup> Segundo Zorzetto, esses comerciantes conseguiram ganhar bastante dinheiro com essa função:

*“Além de ampliarem suas atividades, estes comerciantes diversificaram seus métodos de negociação. Empréstimo de dinheiro a juros eles exigiam hipotecas sobre os imóveis dos devedores como garantia do pagamento das dívidas. Diante de eventuais dificuldades agrícolas dos devedores, muitos norte-americanos prosperaram rapidamente durante os anos de 1890 recebendo e comercializando terras, casas, maquinismos ou plantações. Em outras situações, quando seus empréstimos eram pagos, eles lucravam com os juros cobrados nos valores iniciais”*.<sup>269</sup>

Os descendentes dos primeiros imigrantes, de acordo com Gussi, mencionam que poucos norte-americanos em Santa Bárbara se dedicaram ao comércio, e isso porque eram “honestos demais”. Isso tinha a ver com os valores protestantes que eles seguiam. Segundo Jones, “poucos se dedicaram ao comércio ou à indústria”.<sup>270</sup> Mas Gussi, em sua análise, contesta essa afirmação:

*“Todavia, eles, estrategicamente, se esquecem que os seus antepassados, em grande parte, viveram dos negócios e foram rompendo com os valores protestantes. O que os descendentes fazem é constituir lembranças de uma conduta no trabalho, - lembranças estas que têm autenticidade porque vinculam-se à sua ancestralidade*

<sup>268</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livros diversos. *Manuscritos*.

<sup>269</sup> Zorzetto, op. cit., p. 130.

<sup>270</sup> Jones, op. cit., p. 24.

*e a certos referenciais históricos – que, possivelmente, seus antepassados, e eles próprios, não tenham vivido”.*<sup>271</sup>

As pesquisas realizadas com os documentos de registros de profissões e ofícios do município nos levam a concordar com Gussi, afinal, imigrantes norte-americanos são encontrados como proprietários de armazéns de secos e molhados, ou seja, como comerciantes, desde 1879 no município. Essa atividade parece ser a atividade urbana preferida por diferentes imigrantes norte-americanos nesse período.<sup>272</sup>

Além dessas atividades tipicamente urbanas, no âmbito rural alguns imigrantes especializaram-se na criação de gado e de muares nos anos 1880 e 1890.<sup>273</sup> Acreditamos que esses animais deveriam ser vendidos fora de Santa Bárbara, pois no matadouro municipal não encontramos nenhum registro de norte-americano como proprietário de reses abatidas para consumo até o ano de 1900.<sup>274</sup>

---

<sup>271</sup> Gussi, op. cit., p. 172 e 173.

<sup>272</sup> Aguiar, op. cit., p. 52.

<sup>273</sup> Cf. Zorzetto, op. cit., p. 125.

<sup>274</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro para o fiscal da Câmara Municipal fazer o lançamento das reses abatidas no município. Data: 03/04/1875 a agosto de 1881. Livro para descrever o nome do dono das reses que foram abatidas nesta villa para consumo a cargo do fiscal da Câmara (Matadouro municipal). Data: 24/08/1881 a 1883. Livro para ser registrado o movimento do matadouro municipal, o abate do gado. Data: 20/12/1897 a 1900. As estatísticas existem até 1920. *Manuscritos*.

## CAPÍTULO 3

### Um balanço sobre o agrupamento de Santa Bárbara

Este último capítulo procura fazer um balanço geral sobre o agrupamento de imigrantes norte-americanos formado em Santa Bárbara, após o final da Guerra Civil. Aqui, aproveitamos para reconstruir a trajetória de algumas famílias que se estabeleceram no município, bem como recuperar as novidades inseridas por esses imigrantes na realidade da região, onde sua influência na religião e na educação são bem notadas. Há também a controvérsia sobre a introdução e fabrico do arado, de tipo americano, que procuraremos explorar neste capítulo.

A influência desse grupo foi grande sobre a população local? E a população local, conseguiu influenciar fortemente esse grupo? A evidência é de que, após um primeiro momento de defesa cultural, os norte-americanos foram, aos poucos, se inserindo na comunidade local, perdendo muitos dos seus valores e costumes, se “abrasileirando”.

#### **Famílias, Religião, Cultura e Tecnologia**

Uma das primeiras famílias a se estabelecer nos arredores de Santa Bárbara foi a família Norris. Inicialmente vieram o Coronel William H. Norris e seu filho Robert Cícero Norris, estabelecendo-se em terras da Fazenda Machadinho, onde atualmente é a cidade de Americana. Conforme explicado no capítulo anterior, essas terras faziam parte de Santa Bárbara naquela época.

Os Norris eram fazendeiros, com grande plantação de algodão no Alabama, e eram veteranos da Guerra Civil. O Coronel já passava dos sessenta anos quando começou a guerra, por isso não foi para a frente de batalha, porém seus cinco filhos mais velhos lutaram, dentre eles Robert. O Coronel chegou a ser senador nos Estados Unidos.<sup>275</sup>

Robert e seu pai chegaram ao Brasil em 27 de dezembro de 1865.<sup>276</sup> Segundo Jones, eles trouxeram alguns pertences para fazer uma pequena lavoura e dinheiro, em dólares de

---

<sup>275</sup> Jones, op. cit., p. 41, 42 e 44.

<sup>276</sup> Oliveira (1981), op. cit., p. 10.

ouro.<sup>277</sup> O restante da família chegou em 19 de abril de 1867, a bordo do Talisman (sua esposa Mary Black e os filhos).<sup>278</sup> O Cel. Norris era vizinho de John Cole e de Orville Whitaker.<sup>279</sup>

Existem seis pessoas da família Norris enterradas no Cemitério do Campo, em Santa Bárbara d'Oeste. O Coronel Norris faleceu em 13 de julho de 1893, aos noventa e três anos de idade. Ainda residia em Santa Bárbara nessa época. Sua esposa faleceu alguns dias depois, em 3 de agosto do mesmo ano, aos oitenta e dois anos de idade. Robert faleceu em 1913 aos setenta e seis anos. Na lápide de seu túmulo, a prova de que eram confederados: “*Dr. Robert Norris/ A Confederate Veteran/ 7.3.1837/ 14.5.1913*”.<sup>280</sup> Segundo Jones, o Coronel morreu vítima de uma pneumonia e a esposa há quatro anos estava de cama, sem poder andar, pois havia tropeçado em um gato e fraturado a bacia.<sup>281</sup>

Robert nasceu em 1837, casou-se com Martha Temperance Steagall (mais conhecida como Pattie), que veio ao Brasil em 1867, aos 18 anos, acompanhando sua família que havia deixado o Texas.<sup>282</sup> Era filha de Henry Farrar Steagall, um veterano da Guerra Civil, e Delia Elizabeth Steagall, que também se estabeleceram em Santa Bárbara. Robert e Pattie se casaram em agosto de 1869, e, segundo Pattie, eles foram os primeiros a se casar em Santa Bárbara. Antes deles, “*houve outro casamento, mas tiveram que ir a São Paulo a cavalo, para a cerimônia*”.<sup>283</sup> E isso porque eram protestantes e os pastores na cidade ainda não haviam sido autorizados pelo Estado a celebrar casamentos.

Dessa forma, sabemos por Pattie que o primeiro casamento entre norte-americanos a ser realizado em Santa Bárbara foi o dela com Robert Norris. Em maio de 1870 nasceu o primeiro filho de Robert e Pattie, William Henry.<sup>284</sup> Em 1873, Robert comprou uma parte

---

<sup>277</sup> Jones, op. cit., p. 64. Segundo a autora, os Norris possuíam muito ouro em casa antes da Guerra Civil e, ao final desta, conseguiram esconder um pouco, antes que os saqueadores pudessem encontrá-lo.

<sup>278</sup> Oliveira (1981), op. cit., anexo p. 36/37.

<sup>279</sup> Em 1873 há registro nos documentos cartoriais de uma solicitação de demarcação de divisas com os sítios dos dois americanos mencionados. Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 16, p. 29. *Manuscrito*.

<sup>280</sup> B. A. de Oliveira. *North American immigration to Brazil; tombstone records of the “Campo” Cemetery*. Brasília: Graf. do Senado Federal, 1978, p. 28.

<sup>281</sup> Jones, op. cit., p. 309.

<sup>282</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>283</sup> Pattie Steagall, apud Jones, op. cit., p. 202.

<sup>284</sup> Jones, op. cit., p. 203.

de terras no sítio do Bom Retiro, em Santa Bárbara. Nos anos de 1875, 1883 e 1895 Robert comprou terras no município de Campinas, no sítio denominado Cinco Patentes.<sup>285</sup>

Robert era advogado e estava estudando medicina quando eclodiu a Guerra Civil, e, por essa razão, veio para o Brasil sem terminar os estudos.<sup>286</sup> Porém, em 1890, ele retornou aos Estados Unidos para concluí-los e, quando voltou novamente ao Brasil, exerceu a profissão de médico, mais pelo espírito de caridade do que como seu meio de vida. Além disso, em Santa Bárbara, ele foi um dos responsáveis pela organização da Loja Maçônica. Quando faleceu, em 1913, ele era Grão-Mestre da Loja Maçônica de Santa Bárbara.<sup>287</sup> É que o coronel Norris, seu pai, era maçom antes mesmo de vir para o Brasil e, por volta de 1874, fundou a primeira Loja Maçônica de Santa Bárbara, a Sociedade Washington, e se tornou Grão-Mestre da mesma. Depois Robert o sucedeu na função. Esse era um local de discussões políticas e ponto de encontro dos norte-americanos. A sociedade tinha permissão para funcionar e fazer seus relatórios em inglês.<sup>288</sup>

Apesar de ser um veterano da Guerra Civil e de ter decidido abandonar seu país de origem após a derrota confederada, Robert não abriu mão de sua cidadania americana. Conforme mencionado, ele retornou aos Estados Unidos para concluir seus estudos de medicina e mais que isso, não aceitou a cidadania brasileira em 1889.<sup>289</sup> Anos mais tarde o Dr. Robert Norris deve ter aceitado a cidadania, já que passou a ser eleitor do terceiro quarteirão a partir de 1894.<sup>290</sup>

A família de Pattie, os Steagall, comprou terras em Santa Bárbara, no sítio do Bom Retiro, em 1872. Em 1893 faleceu Henry Farrar Steagall, pai de Pattie. Segundo Jones, a viúva, D<sup>a</sup>. Delia Elizabeth Steagall teria vendido a propriedade a Zeke Pyles (Ezequiel Pyles) e se mudado para São Paulo com as filhas menores, que teriam maiores

---

<sup>285</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 16, p. 6; livro 17, p. 47; livro 20, p. 71; livro 37, p. 82. *Manuscritos*.

<sup>286</sup> Jones, op. cit., p. 46.

<sup>287</sup> Hill (1936), op. cit.

<sup>288</sup> Gussi, op. cit., p. 92; Goldman (1972), op. cit., p. 167; Jones, op. cit., p. 66 e 226.

<sup>289</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro termo de declaração de estrangeiros residentes neste município. Data: 01/01/1890 a 14/09/1890. (Termo de declaração de estrangeiros residentes neste município que quiserem continuar a serem estrangeiros e não aceitarem a disposição do Decreto de 15 de dezembro de 1889). *Manuscrito*.

<sup>290</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Registro Eleitoral (1890); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 2<sup>a</sup> secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A segunda secção compreende o 3<sup>o</sup> e o 4<sup>o</sup> quarteirões). *Manuscritos*.

oportunidades para estudar e trabalhar.<sup>291</sup> Em nossas pesquisas, encontramos que a viúva Delia Elizabeth, juntamente com os herdeiros, vendeu o sítio a Guilherme Pierce Steagall, um de seus filhos. Antes disso, ela havia arrendado essas terras a Ezequiel Pyles, porém não as vendeu ao mesmo. Depois da venda da propriedade não encontramos nenhum registro de D<sup>a</sup>. Delia nos documentos manuscritos pesquisados. Provavelmente ela tenha ido para São Paulo com as filhas menores.<sup>292</sup>

Uma das primeiras famílias a se estabelecer em Santa Bárbara, juntamente com os Norris, foi a do major Robert Meriwether. Ele tinha vindo para o Brasil com o Dr. Shaw em novembro de 1865, representando a *Southern Emigration Society* de Edgefield, Carolina do Sul. Não sabemos se o Dr. Shaw chegou a emigrar, porém não encontramos referências dele em Santa Bárbara e nem chegando pelo porto de Santos com ou sem o major Meriwether. O major veio ao Brasil com a família a bordo do navio Douro, e desembarcou no Rio de Janeiro em 1º de setembro de 1866. No dia 6 do mesmo mês ele seguiu até Santos, de onde foi direto para Santa Bárbara. Em Santa Bárbara Meriwether comprou, em 28 de outubro de 1866, um sítio de 315 braças de Joaquim de Godois Bueno e sua esposa, e de Firmino de Godois Bueno e sua esposa, por dois contos de réis.<sup>293</sup> É dele a primeira escritura de compra e venda registrada no cartório de Santa Bárbara, entre os imigrantes norte-americanos. A escritura não dá a localização do sítio, porém Jones afirma que ele se localizava “*nas barrancas do Rio Piracicaba, (no lugar) chamado Funil*”. Ainda segundo a autora, Meriwether teria se estabelecido depois em Botucatu.<sup>294</sup> De acordo com os documentos pesquisados no Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, só existe uma procuração do major para seu filho, Guilherme, em 1875, para o fim de hipotecar um sítio que eles possuíam no termo de Botucatu. Depois disso, só existe uma referência de Meriwether nos documentos cartoriais, em 1881, fazendo uma divisão amigável de seu sítio com os sítios de Guilherme McFadden, Edwin Britt, Roberto McFadden, Malachias da Silva, João da Silva Leme e Miguel Florêncio dos Santos. Não há registros de que ele tenha vendido o sítio de Santa Bárbara.<sup>295</sup>

---

<sup>291</sup> Jones, op. cit., p. 309.

<sup>292</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 35, p. 118 e livro 36, p. 27. *Manuscrito*.

<sup>293</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 12, p. 25 e 26. *Manuscrito*; Oliveira (1981), op. cit., p. 23 e 24.

<sup>294</sup> Jones, op. cit., p. 168.

<sup>295</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 17, p. 21 e livro 19, p. 6. *Manuscrito*.

Em Botucatu, segundo Jones, Meriwether teria comprado terras, escravos, cultivado cem mil pés de café e ainda montado uma serraria que prosperou. Após a libertação dos escravos, os negócios teriam começado a declinar e, após a morte do major em Botucatu, a família teria se mudado para São Paulo.<sup>296</sup>

Outra família que se estabeleceu em Santa Bárbara foi a de Wilber McKnight. Eles eram do Texas e seu pai, Calvin, foi para a guerra deixando-o em casa com a responsabilidade de cuidar da família quando tinha apenas doze ou treze anos. Wilber viria a se casar, em Santa Bárbara, com Caroline, filha adotiva de John e Margaret Perkins. Ela era filha de um casal de italianos e seu pai foi morto durante a Guerra Civil. A família, com muitos filhos, começou a passar necessidades, e os Perkins, que não tinham filhos, adotaram Caroline e vieram com ela para Santa Bárbara.<sup>297</sup>

A família de Wilber, quando veio para o Brasil, tinha a intenção de ir para a colônia formada por McMullan e Bowen, que ficava próxima à *Lizzieland*, de Dunn. No entanto, quando chegaram ao Rio de Janeiro, uma das filhas de Calvin ficou doente e acabou morrendo. Assim que a enterraram se deram conta de que não havia vapores regulares para Iguape, e ao receber proposta para administrar uma fazenda perto de Angra dos Reis, a família decidiu ficar por ali mesmo. Depois é que decidiram ir para Santa Bárbara.<sup>298</sup> Segundo Jones, o motivo para que a família tivesse decidido sair de Angra dos Reis foi por causa de uma emboscada preparada para Calvin McKnight por um colono que era seu subordinado na fazenda. Calvin não só sobreviveu, como matou o autor da emboscada, tendo sido julgado e absolvido por ter matado em legítima defesa.<sup>299</sup> A partir desse episódio a família decidiu se mudar para perto de Campinas, já que a filha Josephine estava estudando no Colégio Internacional e Wilber havia vindo para acompanhá-la.

Wilber e Caroline se casaram em 17 de junho de 1875, com cerimônia evangélica realizada pelo pastor William C. Emerson. À época, Wilber encontrava-se com 27 anos, enquanto Caroline tinha 17. Como mencionado acima, Wilber e sua família eram da Pensilvânia, porém haviam se mudado para o Texas antes de decidirem emigrar.<sup>300</sup>

---

<sup>296</sup> Jones, op.cit., p. 168.

<sup>297</sup> Idem, Ibidem, p. 46, 47 e 51.

<sup>298</sup> Griggs (1987), op.cit., p. 50; Jones, op. cit., p. 213.

<sup>299</sup> Jones, op. cit., p. 214.

<sup>300</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro de ata para registro de casamentos de nacionais ou estrangeiros (1873-1887). *Manuscrito*.

Em 1875 também, Wilber aparece nos registros cartoriais de Santa Bárbara contratando “camaradas” para serviços na lavoura. Em 1883 torna-se proprietário de vinte alqueires de terras na Fazenda São Luís, tornando-se vizinho de Charles Hall. Demonstrando sua prosperidade em Santa Bárbara, em 1888 há uma procuração de sua esposa, Caroline, nomeando-o seu procurador para fazer penhor agrícola de uma máquina comprada da Lidgerwood. Em 1894 ele comprou várias porções de terras no sítio dos Costa, sítio Invernada e sítio Barroco. Em 1895 Wilber comprou mais dez alqueires de terra na Fazenda São Luís, totalizando trinta alqueires de terra apenas nesse sítio, tendo como vizinhos, além de Charles Hall, os americanos Pyles & Irmão e Leonidas S. Bowen. E, conforme já mencionado, ele aparece firmando contrato de venda de aguardente com Joaquim Fernandes Estrada, negociante em São Paulo, nos anos de 1898 e 1899.<sup>301</sup>

Em Santa Bárbara, Wilber foi vereador de 1896 a 1898. Segundo Jones, foi o “primeiro americano a tomar parte ativa na política”.<sup>302</sup> Estava na lista de eleitores do sétimo quarteirão de Santa Bárbara, juntamente com seu pai, Calvin.<sup>303</sup> Wilber faleceu em 1935, quatro anos antes de sua esposa Caroline, aos oitenta e sete anos de idade.<sup>304</sup>

Outra família importante em Santa Bárbara foi a família Hall. Harvey Hall vivia na Geórgia com seus sete filhos e a esposa Jane Catherine Ives. Quatro dos seus filhos lutaram na Guerra Civil. Após o final da guerra, sua esposa faleceu e ele decidiu vir para o Brasil com os filhos e aqui chegando, em maio de 1866, comprou terras em Santa Bárbara. Comprou fazenda já montada, com várias plantações, animais e inclusive uma máquina de beneficiar algodão.<sup>305</sup> Harvey Hall foi assassinado por Jesse Wright, outro norte-americano, após uma desavença em 29 de outubro de 1877.<sup>306</sup> Conforme já mencionado, Charles Hall, um dos filhos de Harvey, foi um importante homem de negócios no município. Sendo proprietário de vários tipos de negócios, como serraria de madeiras, depósito de arados, armazém de secos e molhados, ele ainda foi um importante credor, tanto de outros norte-americanos como de moradores locais.

---

<sup>301</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 17, p. 40 e 41; livro 20, p. 82; livro 27, p. 25; livro 36, p. 63 e 66; livro 37, p. 3, 26 e 92; livro 40, p. 91 e 181. *Manuscritos*.

<sup>302</sup> Jones, op. cit., p. 333.

<sup>303</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Registro Eleitoral (1890); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 3ª seção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A terceira seção compreende o 5º, o 6º e o 7º quarteirões). *Manuscritos*.

<sup>304</sup> Oliveira (1978), op. cit., p. 14.

<sup>305</sup> Hill (1936), op. cit.; Jones, op. cit., p. 162 e 163.

<sup>306</sup> Silva (2007), op. cit., p. 85; Oliveira (1978), op. cit., p. 24.

Charles Hall casou-se com Mary Elizabeth Miller, também norte-americana, que vivia com seus pais, James e Sarah Miller, em Campinas. Casaram-se no dia 15 de julho de 1873. Charles com 26 anos e Mary com 17. O pastor que realizou a cerimônia, “pelo rito religioso da igreja evangélica” foi o pastor Eduardo Lane, americano estabelecido em Campinas.<sup>307</sup>

Assim como Robert Norris, recusou a cidadania brasileira em 1889.<sup>308</sup> Charles Hall vivia em Americana, e desde a primeira coleta de impostos prediais nesta vila, em 1894, realizada pela Câmara de Santa Bárbara, ele aparece entre os contribuintes, com um imóvel localizado “fora da rua”. Em 1900 ele aparece como proprietário de três imóveis, um à Rua da Ponte Carioba, outro à Rua Basílio Bueno Rangel e o terceiro, que era sua morada, à Rua da Palma.<sup>309</sup> Charles Hall faleceu em 1916, um ano antes de sua esposa Mary Elizabeth.<sup>310</sup>

John Domm (nos manuscritos João Domm) era alemão e havia emigrado para os Estados Unidos. Lá ele se juntou ao grupo de norte-americanos que decidiu seguir para o Brasil e veio com sua família para Santa Bárbara. Sua filha Helena Paulina casou-se com Abraham Whitaker Currie, outro imigrante norte-americano. João Domm estava ligado aos americanos de Santa Bárbara tanto por laços de amizade quanto por laços de parentesco após o casamento de sua filha. Segundo Jones, ele, juntamente com Henry Farrar Steagall, foram os primeiros a fabricar o arado de tipo americano em Santa Bárbara.<sup>311</sup>

Assim como Charles Hall, João Domm foi um importante credor no município, auxiliando especialmente norte-americanos em dificuldades financeiras, como a viúva Helen Dumas.<sup>312</sup> Era membro da Loja Maçônica fundada pelo Coronel Norris. João Domm aceitou a cidadania brasileira e aparece como eleitor no segundo quarteirão de Santa

---

<sup>307</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro de ata para registro de casamentos de nacionais ou estrangeiros (1873-1887). *Manuscrito*.

<sup>308</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro termo de declaração de estrangeiros residentes neste município. Data: 01/01/1890 a 14/09/1890. (Termo de declaração de estrangeiros residentes neste município que quiserem continuar a serem estrangeiros e não aceitarem a disposição do Decreto de 15 de dezembro de 1889). *Manuscrito*.

<sup>309</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro de lançamento de imposto predial da Villa de Santa Bárbara (1892-1897) (1894 - Primeira Collecta dos Predios de Villa Americana); Livro de lançamento de imposto predial de Santa Bárbara (1898-1900). Os registros existem até 1905. *Manuscritos*.

<sup>310</sup> Oliveira (1978), op. cit., p. 25.

<sup>311</sup> Jones, op. cit., p. 177. Mais adiante retomamos o assunto dos arados.

<sup>312</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 31, p. 20. *Manuscrito*.

Bárbara, a partir de 1892.<sup>313</sup> Faleceu em 6 de agosto de 1900 e está enterrado no Cemitério do Campo em Santa Bárbara, juntamente com outros norte-americanos.<sup>314</sup>

Abraham Whitaker Currie, seu genro, era nascido no Mississipi e faleceu em 27 de setembro de 1889 em Santa Bárbara. Segundo Jones, depois de seu falecimento, a família teria voltado para os Estados Unidos.<sup>315</sup> Porém, em nossas pesquisas cartoriais encontramos D<sup>a</sup>. Helena Paulina Currie, a viúva, comprando um terreno na Estação de Santa Bárbara (atual Americana) em 1893 e, em 1898, seu pai, João Domm a constitui sua procuradora, com o fim especial de receber da Companhia Mogyana de Estrada de Ferro e Navegação o pagamento de dividendo correspondente ao semestre findo de 30/06, indicando que a família permaneceu em Santa Bárbara, e mais, o imigrante João Domm possuía ações da Companhia Mogyana.<sup>316</sup> Isso mostra que provavelmente João Domm, e talvez outros norte-americanos, tenha se adequado ao novo padrão de riqueza que passou a vigorar nas últimas décadas do século XIX, antes representada pelo escravo, terras e animais.<sup>317</sup>

O Dr. Crisp comprou terras vizinhas às de Harvey Hall. Ele era viúvo e tinha os filhos Alexandre e Richard (Dick) e a filha Kennie. O Dr. Crisp faleceu por volta de 1888, tendo passado muito tempo na cama, por conta de uma paralisia. Alexandre parece não ter ficado muito tempo em Santa Bárbara. Segundo Jones, Alexandre nunca se casou e também não manteve contato com os seus compatriotas que viviam na região de Santa Bárbara.<sup>318</sup> Nos registros de compra e venda por nós pesquisados no Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, encontramos que, no ano de 1876, Alexandre vendeu toda a sua propriedade e mais quatro escravos a seu pai, que assumiu também uma dívida do filho com os credores Martinho Prado & Wright, de São Paulo, no valor de onze contos, quatrocentos e nove mil, setecentos e cinco réis, a ser paga em dois anos. O Dr. Crisp comprou também um escravo que Alexandre já havia passado aos seus credores, o escravo Félix. Provavelmente Alexandre estava com dificuldades para pagar seus credores, uma vez

---

<sup>313</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Registro Eleitoral (1890); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 1ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A primeira seção compreende o 1º e o 2º quarteirões). *Manuscritos*.

<sup>314</sup> Oliveira (1978), op. cit., p. 26.

<sup>315</sup> Jones, op. cit., p. 293; Oliveira (1978), op. cit., p. 26.

<sup>316</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 40, p. 73. *Manuscrito*.

<sup>317</sup> Ver a respeito, Z. M. Cardoso de Mello. *Metamorfozes da riqueza, São Paulo 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1990.

<sup>318</sup> Jones, op. cit., p. 166 e 293.

que já havia vendido um escravo aos mesmos. Em 1881, o Dr. Crisp deixa em testamento os ditos escravos para o seu filho Alexandre.<sup>319</sup>

Pelos mesmos documentos sabemos que Richard Crisp vivia no Bom Retiro, e, em 1887, juntamente com seu pai, vendeu essas terras a Ezequiel Bento Pyles. Com o falecimento do pai, ele herdou uma parte de terras no lugar denominado Brejo. Em 1890 encontramos Richard ainda solteiro, vivendo na Vila de Santa Bárbara, no sétimo quarteirão, a contar da Igreja Matriz. Em 1888, ele vendeu toda a madeira existente no sítio herdado de seu pai a Alfredo de Moraes Leme, e em 1895 constituiu sociedade com Guilherme Pierce Steagall para a plantação de cana e fabrico de aguardente neste mesmo sítio. Guilherme entrava na sociedade com os maquinários e ainda seria o gerente da mesma.<sup>320</sup> Segundo Jones, Richard teve seis filhos, que “*não saíam de casa para parte alguma e acabaram se casando, todos eles, com os filhos do seu vizinho brasileiro de nome Bueno*”.<sup>321</sup>

O Coronel Asa Thompson Oliver era do Alabama e se estabeleceu no sítio denominado Campo, com a esposa Beatrice e suas filhas. A esposa e a filha Inglianna tinham tuberculose e não resistiram à longa viagem e ao clima de inverno quando chegaram ao Brasil. D<sup>a</sup>. Beatrice faleceu no dia 13 de julho de 1868; sua filha mais velha, Inglianna, no dia 19 de abril de 1869. A outra filha do casal, Mildred, abatida com as recentes perdas familiares, também não resistiu e faleceu antes do Natal, em 17 de dezembro de 1869. A criação do Cemitério do Campo, que será abordada mais adiante, tem relação direta com o falecimento de D<sup>a</sup>. Beatrice. O Coronel casou-se novamente, com D<sup>a</sup>. Dursila Daniel. Ele era homem de posses e tinha escravos para trabalhar suas terras e ajudar nos serviços domésticos.<sup>322</sup>

Em 1873 o coronel foi assassinado, segundo Jones, vítima de um de seus escravos, que ele repreendeu por estar roubando suas batatas doces. O escravo assassinou seu dono com a própria enxada que estava usando para roubar as batatas. Quando os demais norte-

---

<sup>319</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 17, p. 67, 68, 91 e 92; livro 18, p. 36. *Manuscritos*.

<sup>320</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 26, p. 14; livro 28, p. 12, livro 37, p. 127. Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Registro Eleitoral (1890); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 3<sup>a</sup> secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A terceira secção compreende o 5<sup>o</sup>, o 6<sup>o</sup> e o 7<sup>o</sup> quarteirões). *Manuscritos*.

<sup>321</sup> Jones, op. cit., p. 293. No documentário “A Estrela Perdida” produzido pela TV Cultura, há menção de que Richard teria se casado com uma escrava, e que essa teria sido “uma bonita história de amor”.

<sup>322</sup> Oliveira (1978), op. cit., p. 26; Jones, op. cit., p. 167, 182 e 183.

americanos souberam do assassinato do coronel, reuniram-se e os moços enforcaram o escravo em uma árvore da fazenda.<sup>323</sup>

Em 1873 e 1875 a viúva, D<sup>a</sup>. Dursila, vende cinco escravos, todos a outros americanos que viviam em Santa Bárbara. Nomeia ainda, para seu procurador o Sr. Thomas Gonçalves Gomides Sobrinho para vender outros quatro escravos, e o Dr. Manoel de Moraes Barros para requerer o mandato de busca e apreensão da escrava Preta, que estava fugida. D<sup>a</sup>. Dursila deve ter ficado muito assustada após a morte do marido, vítima de um dos seus escravos, uma vez que vendeu não só os escravos que possuía, mas também um terreno neste município.<sup>324</sup> Depois disso, ela deve ter ido embora de Santa Bárbara, visto não haver registro de seu sepultamento no Cemitério do Campo e nenhum registro cartorial posterior a essas vendas.

Edwin Britt também se estabeleceu em Santa Bárbara. Ele veio só, sem família. Comprou escravos que pudessem ajudá-lo nas tarefas domésticas e de cultivo da fazenda. Segundo Jones, ele era muito “compassivo” com os escravos. A autora afirma que ele teria comprado e cuidado de um escravo que havia ido para a guerra do Paraguai, sob a promessa de libertação. Não foi libertado e, estando muito magro e doente, conseguiu recuperar a saúde graças aos cuidados de Edwin Britt. Ao final da vida, o dono dele teria deixado sua propriedade em testamento a esse escravo, de nome Manoel, que a vendeu ao Dr. Cícero Jones e hoje faz parte do sítio da autora.<sup>325</sup>

Conforme vimos acima, Britt era solteiro e, não tendo família no Brasil, deixou parte de sua herança a cinco escravos: 50\$000 individuais para Francisca Maria, Rosa Moçambique e Cândido Antônio, e 100\$000 para cada um dos escravos Manoel Grande e Manoel Pequeno. O restante dos bens, dentre eles uma porção de terra adquirida em 1867 e um sítio em Piracicaba, foram deixados para o seu irmão John G. Britt que vivia nos Estados Unidos, no estado da Carolina do Norte. Segundo a documentação pesquisada, a parte de terras localizada em Santa Bárbara foi vendida através do procurador João Domm a Robert Daniel. Não encontramos nenhuma referência ao escravo Manoel. Se o Dr. Jones

---

<sup>323</sup> Jones, op. cit., p. 224.

<sup>324</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 16, p. 30; livro 17, p. 4, 9 e 25. *Manuscritos*.

<sup>325</sup> Jones, op. cit., p. 222.

adquiriu essas terras, deve tê-lo feito apenas posteriormente, já que até 1900, ano em que se encerra nossa pesquisa, não encontramos nenhum registro no cartório de Santa Bárbara.<sup>326</sup>

A família Dumas era do Mississipi. Segundo Jones, John Dumas tinha a saúde frágil e faleceu logo, deixando a esposa com os filhos pequenos.<sup>327</sup> A filha mais velha, Catherine, era esposa de Bony Green, e foi dele que Helen Dumas comprou o sítio da família em 1889. O sítio foi comprado com dinheiro emprestado de Charles Hall, através de escritura de hipoteca de 8 de julho de 1889, no valor de setecentos mil-réis. Em 1º de agosto de 1890, essa escritura é quitada através de nova hipoteca, porém dessa vez o empréstimo foi concedido por João Domm, no valor de setecentos e oitenta mil-réis. Em 1893 João Domm dá plena quitação dessa hipoteca e, em 1896, a viúva aparece emprestando dois contos de réis de José S. Green, hipotecando esse mesmo sítio. Essa hipoteca foi quitada no ano seguinte e, em 1898, Helen vendeu o sítio a Bony Green, seu genro.<sup>328</sup>

Irving Louis Miller era do Alabama e veio com sua família para o Espírito Santo, para a colônia de Gunther. Ele era um homem muito rico antes da Guerra Civil. Segundo Jones, ele recebeu em seu casamento vinte e cinco escravos. Veio para o Brasil com seus sete filhos. Depois da passagem pelo Espírito Santo, vieram para Santa Bárbara, morar perto de Henry Farrar Steagall.<sup>329</sup> Ficaram conhecidos como os Miller doce, por terem ido primeiro ao Rio Doce, no Espírito Santo.

Um dos filhos de Irving era Lingard, que se casou com uma brasileira, Francisca. Eles teriam ido morar em Campinas após o casamento, onde juntaram algum dinheiro e depois voltaram para Santa Bárbara.<sup>330</sup> Em 1890, Lingard fez uma sociedade com José Machado de Campos para plantar cana e fabricar aguardente, no sítio que era do finado Capitão Manoel Francisco da Graça Martins, que estava arrendado para o mesmo sócio José. No ano seguinte (1891) Lingard comprou duas partes de terras nesse mesmo sítio do finado capitão Maneco. Em 1893 vendeu o sítio a Joaquim Auto de Godois Faustino cheio de benfeitorias e com um valor cinco vezes maior do que havia pago. Comprou, então, o sítio Cabreúva, que era de Joaquim Pedroso das Neves, e que também possuía muitas

---

<sup>326</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 26, p. 22; livro 28, p. 8. *Manuscritos*.

<sup>327</sup> Jones, op. cit., p. 264.

<sup>328</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste, livro 28, p. 47 e 48; livro 31, p. 19 e 20; livro 36, p. 59; livro 39, p. 33. *Manuscritos*.

<sup>329</sup> Jones, op. cit., p. 186 e 187.

<sup>330</sup> Idem, *Ibidem*, p. 309.

benfeitorias. Da escritura de compra consta um engenho de moer cana, com moendas de ferro e moendas de água, alambique mais pertences, nove casas de colonos, paiol, cercados de pau-a-pique unidos ao paiol. O fabrico de aguardente deve ter propiciado muitos ganhos a Lingard que, em 1896, comprou outro sítio, mais modesto, na estrada que vai de Santa Bárbara a Piracicaba, não se desfazendo do sítio Cabreúva até 1900, período final deste trabalho.<sup>331</sup> Lingard Miller aceitou a cidadania brasileira, assim como seus dois irmãos Hylliard e Robert Miller e, no cadastramento de eleitores de 1890, tem seu nome inscrito na segunda seção (que abarcava o terceiro e o quarto quarteirões do município). Hylliard estava inscrito na mesma seção que Lingard, porém vivia no quarto quarteirão; Robert, por sua vez, vivia no sétimo quarteirão e estava inscrito na terceira seção de eleitores de Santa Bárbara.<sup>332</sup>

Além dos Miller doce, havia em Santa Bárbara outra família com o mesmo sobrenome, porém não eram parentes. Ficaram conhecidos como os Miller azedo, em contraposição aos primeiros. Era a família de James Miller. James era casado com Sarah B. Miller. Sua filha Anna casou-se com Leroy King Bookwalter e a filha Mary Elizabeth se casou com Charles Hall, filho de Harvey Hall. A família ficou pouco tempo em Santa Bárbara, tendo se mudado para Campinas.

A família Hawthorne era de origem irlandesa. Lutando pela independência da Irlanda, o pai da família, Michael Charles Hawthorne, foi considerado elemento perigoso e teve que fugir de seu país. Veio para o Brasil. Sabendo do grupo de americanos que vivia em Santa Bárbara, foi pra lá e:

*“(...) se estabeleceu perto dos Norris; tornou-se tão amigo de todos e se identificou tão bem com os refugiados que falavam a sua língua, a ponto de ser considerado um deles. Anos mais tarde seus filhos se casaram com as filhas dos americanos e seus netos fizeram parte ‘de fato’ da colônia”.*<sup>333</sup>

---

<sup>331</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 30, p. 13; livro 33, p. 28; livro 36, p. 14, 15, 34 e 35; livro 38, p. 57. *Manuscritos*.

<sup>332</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Registro Eleitoral (1890); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 2ª seção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A segunda seção compreende o 3º e o 4º quarteirões). Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 3ª seção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A terceira seção compreende o 5º, o 6º e o 7º quarteirões). *Manuscritos*.

<sup>333</sup> Jones, op. cit., p. 205.

Na década de 1890, também vieram outros norte-americanos para Santa Bárbara, oriundos principalmente do Alabama e da Flórida. Dentre eles veio o Dr. Cícero Jones. Ele era do Alabama e veio para Santa Bárbara em 1891. Na região, passou a exercer a medicina junto com o Dr. Robert Norris, seu futuro sogro. O Dr. Cícero Jones viria a se casar com a filha mais velha do Dr. Norris, Mary, em 1º de fevereiro de 1893. Porém o casamento durou pouco. Mary faleceu de repente, abalando profundamente a alegria de seu pai e de seu marido. Era 2 de dezembro de 1894. A moça estava com apenas vinte anos. Alguns anos depois o Dr. Jones se casou com a irmã de sua primeira esposa, Martha Whitaker. O Dr. Jones viveu em Americana e Piracicaba, e durante todo esse tempo atendeu aos pacientes de toda a região, vindo a falecer em 1924.<sup>334</sup>

A família Smith, cujo pai é Alfred Smith, casado com a senhora Sarah Jane Smith, tinha sete filhos, dentre eles Sarah Belona Smith, que em seu diário conta grande parte da trajetória da família, dos Estados Unidos até o Brasil.<sup>335</sup>

Os Smith inicialmente foram para a colônia de Frank McMullan, no litoral sul paulista. Alfred era professor de música nos Estados Unidos e havia imigrado para o Texas por influência de McMullan. Depois, ao fim da Guerra Civil, os Smith vieram para o Brasil, por influência do mesmo McMullan.<sup>336</sup>

Junto com os Smith estavam os Tarver, Sr. Nelson e sua esposa D<sup>a</sup>. Sarah Elizabeth Tarver. Tinham cinco filhos, e também pertenciam à colônia de Frank McMullan. Após a morte do líder, juntaram-se aos Smith, em busca de um novo local para viver. Subiram o rio São Lourenço e decidiram se estabelecer próximos a seus afluentes. A família Smith se estabeleceu às margens do rio Areado. Moravam na margem esquerda do rio e plantavam na direita. Segundo Goldman (1957), eles plantaram café, tabaco, arroz, milho, feijão e cana, e ainda construíram um engenho com roda d'água. A família Tarver estabeleceu-se às margens do rio Azeite, enquanto a família do Cel. Bowen estabeleceu-se às margens do Areado. Ainda segundo Goldman (1957), as três famílias teriam ficado pouco tempo no litoral paulista, tendo ido se estabelecer em Campinas.<sup>337</sup>

---

<sup>334</sup> Jones, op. Cit., p. 311, 324, 331; Oliveira (1978), op. cit., p. 28.

<sup>335</sup> Tivemos acesso a parte do diário de Sarah Belona Smith através do livro de J. C. Dawsey, C. B. Dawsey e J. M. Dawsey (Orgs.). *Americans, Imigrantes do Velho Sul no Brasil*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005, cap. 2.

<sup>336</sup> Goldman (1957), op. cit., p. 8 e 9.

<sup>337</sup> Idem, Ibidem, p. 16-19.

Nas fontes primárias por nós pesquisadas, encontramos o Sr. Alfred Smith comprando terras no município de Santa Bárbara, no sítio do Morro, no ano de 1871. O Sr. Tarver, por sua vez, comprou terras no sítio do Bom Retiro, em Santa Bárbara, em 1872, no mesmo sítio em que o coronel Bowen também comprou terras no ano de 1873, em sociedade com Cristovão Columbus Johnson.<sup>338</sup>

Uma vez estabelecidos em Santa Bárbara, a comunidade de norte-americanos procurou manter as relações de sociabilidade e de relacionamentos pessoais dentro do próprio grupo. Segundo Goldman (1972), a primeira atitude dos imigrantes foi de defesa cultural.<sup>339</sup> Por essa razão, a maior parte dos casamentos era realizada entre norte-americanos, evitando-se os casamentos com pessoas fora do círculo americano. De acordo com Harter: “*Aqueles que desafiavam o código eram, às vezes, marginalizados, não eram convidados para as reuniões familiares e tinham que aguentar, por algum tempo, as crises de falta de ternura*”.<sup>340</sup>

Nos registros de casamentos de não católicos por nós pesquisados, temos dados disponíveis de 1873 a 1887 e durante o período foram registrados 17 casamentos “celebrados pelo rito religioso da Igreja Evangélica”. Dentre esses casamentos, apenas dois não foram realizados entre imigrantes norte-americanos. Isso demonstra a atitude inicial de isolamento dos imigrantes, procurando manter viva a cultura de seu país de origem.<sup>341</sup>

Portanto, na primeira e segunda geração predominaram os casamentos entre os próprios imigrantes americanos. Na segunda geração já começaram a aparecer alguns casamentos mistos, porém, é a partir da terceira geração que os casamentos mistos passaram a ser mais comuns.<sup>342</sup> Segundo Gussi: “... *ao pretense isolamento da primeira geração, seguiram-se a dispersão e a fusão à sociedade local*”.<sup>343</sup>

Os casamentos mistos marcam o início da integração dos norte-americanos à sociedade local, e também a sua perda de identidade. Ao se casarem com brasileiros, os imigrantes foram perdendo, aos poucos, os seus costumes típicos, foram deixando de falar o

---

<sup>338</sup> Primeiro Cartório de Notas de Santa Bárbara d’Oeste, livro 13, p. 31; livro 15, p. 23; livro 16, p. 4. *Manuscritos*.

<sup>339</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 10 e 11.

<sup>340</sup> Harter, op. cit., p. 141.

<sup>341</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro de ata para registro de casamentos de nacionais ou estrangeiros (1873-1887). *Manuscrito*. Ver também tabela A3 do anexo.

<sup>342</sup> Gussi, op. cit., p. 101, 102 e 109.

<sup>343</sup> Idem, *Ibidem*, p. 101.

inglês, inclusive foram mudando de religião e passando a se integrar às festas e à sociedade local. Uma medida dessa maior integração com a cultura brasileira reflete-se no cotidiano, conforme é demonstrado por Gussi: “... à medida que os descendentes foram se mudando para as cidades e se casando com não-descendentes, passaram a participar das festas católicas, assistir às sessões de cinema, ir aos bailes nos clubes e a jogar nos times de futebol de várzea”.<sup>344</sup>

Uma inconsistência observada por Hill refere-se ao fato de que os imigrantes norte-americanos que vieram ao Brasil, apesar de demonstrarem repetidas vezes sua repulsa aos Estados Unidos, sempre que tiveram problemas aqui recorreram aos ministros e cônsules estadunidenses que viviam e atendiam em várias cidades brasileiras.

*“It would be easy to point out many amusing inconsistencies in the conduct of the southerners who went to Brazil. Although they professed to leave the United States because of fear of anarchy and demoralization, still at critical times they appealed to the consuls and ministers of this anarchistic government. Interestingly enough, the American official agents were occasionally instrumental in getting relief for their distressed countrymen”.*<sup>345</sup>

Além disso, como bem observa Hill (1927), muitos imigrantes não quiseram aceitar a cidadania brasileira, que era fácil de ser obtida após a Proclamação da República no Brasil.<sup>346</sup>

*“Foreigners could acquire citizenship by oath after two years’ residence, with perpetual exemption from military service except in the provincial militia”.*<sup>347</sup>

*“Finally, it may be observed that many of the southerners evaded the easy road to naturalization in Brazil and clung to their American citizenship”.*<sup>348</sup>

---

<sup>344</sup> Gussi, op.cit, p. 125.

<sup>345</sup> Hill (1936), op.cit. “Seria fácil apontar muitas inconsistências divertidas na conduta dos sulistas que vieram para o Brasil. Embora eles professassem ter deixado os Estados Unidos por causa do medo da anarquia e da desmoralização, em momentos críticos eles apelaram aos cônsules e ministros desse governo anárquico. Curiosamente, os agentes oficiais americanos foram ocasionalmente instrumentos na obtenção de alívio para os seus conterrâneos angustiados”. (Tradução livre).

<sup>346</sup> Hill (1927), op. cit., p. 209.

<sup>347</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 48. “Os estrangeiros podiam adquirir cidadania através de um juramento, depois de dois anos de residência, com perpétua isenção do serviço militar, exceto na milícia provincial”. (Tradução livre).

<sup>348</sup> Hill (1936), op.cit. “Finalmente, pode ser observado que muitos dos sulistas fugiram da via fácil de naturalização no Brasil e agarraram-se à sua cidadania americana”. (Tradução livre).

Em nossas pesquisas, encontramos que, de 1º de janeiro de 1890 a 14 de setembro do mesmo ano, 37 norte-americanos residentes em Santa Bárbara fizeram a declaração, registrada em cartório, afirmando que não aceitavam a cidadania brasileira, desejando “*permanecer cidadão dos Estados Unidos da América do Norte, paiz que é o de seu nascimento*”.<sup>349</sup>

Em 1890 começou a haver o cadastramento eleitoral em Santa Bárbara e, nesse ano, 33 norte-americanos foram cadastrados como eleitores do município.<sup>350</sup> Nos cadastramentos de 1892, 1894 e 1899, havia, respectivamente, 39, 35 e 32 norte-americanos como eleitores no município, uma prova inequívoca da integração desses imigrantes à sociedade local, inclusive no exercício do pleno poder político, tal o seu envolvimento na nova realidade.<sup>351</sup>

Como exemplo disso, veja-se Adoniram Judson Pyles e Ezequiel Bento Pyles que, entre outros, num primeiro momento não abriram mão de permanecerem como cidadãos norte-americanos, e que com o passar do tempo, já devidamente envolvidos com a nova terra, optaram pela naturalização (conforme tabelas A1 e A2 do anexo).

A influência dos imigrantes norte-americanos no Brasil foi limitada aos locais nos quais eles se estabeleceram, e mesmo nesses lugares, essa influência não foi muito grande. A grande contribuição dos norte-americanos se deu nos campos religioso e educacional. Houve um aumento do número de missionários e igrejas protestantes no Brasil e também foram criadas escolas que utilizavam métodos de ensino distintos dos métodos brasileiros. “*Consequently, the contributions of southern immigrants to the religious and educational*

---

<sup>349</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro termo de declaração de estrangeiros residentes neste município. Data: 01/01/1890 a 14/09/1890. (Termo de declaração de estrangeiros residentes neste município que quiserem continuar a serem estrangeiros e não aceitarem a disposição do Decreto de 15 de dezembro de 1889). *Manuscrito*. Ver também tabela A2 do anexo.

<sup>350</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Registro Eleitoral (1890). *Manuscrito*. Ver também tabela A1 do anexo.

<sup>351</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 1ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899; Livro ata destinado para o trabalho do alistamento eleitoral municipal na 1ª secção. Data: 1899; Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 2ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899; Registro Eleitoral 05/03/1892 - 3ª Secção; Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 3ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899; Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 4ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. *Manuscritos*. Ver também tabela A1 do anexo.

*life of the country were far greater than might be expected from such a limited number of people*”.<sup>352</sup>

Grande parte dos imigrantes que vieram para o Brasil era protestante, e entre estes havia batistas, metodistas e presbiterianos. Aqui na nova terra eles procuraram seguir a sua fé, conservando-se na mesma religião adotada outrora em seu país de origem. No início, eles quase não tinham pastores para pregar. Dentre os imigrantes havia alguns que eram pastores nos Estados Unidos, e mesmo sem a designação da sua igreja-sede, pregaram aos demais imigrantes, procurando dar-lhes um conforto espiritual. Aos poucos, e diante de insistentes pedidos, foram recebendo pastores. Os que tinham vindo enquanto imigrantes pregavam somente nas suas horas vagas, pois era preciso cuidar de suas terras, a fim de obter o seu sustento, já que como não eram ainda designados pastores no Brasil, não podiam contar com nenhuma remuneração proveniente dessa profissão.

Aqui é importante ressaltar que não queremos levar o leitor a acreditar que foi com a vinda dos imigrantes norte-americanos para o Brasil que essas religiões se desenvolveram no país. Muito antes dos primeiros imigrantes chegarem já havia alguns missionários no Brasil, procurando divulgar a fé e a religião protestante. Prova disso são os relatos dos missionários Kidder e Fletcher, que já haviam estado no Império em fins dos anos 1830 e início dos anos 1840. A importância da vinda dos imigrantes norte-americanos com relação à religião reside no fato de que, aproveitando a presença desses imigrantes no país, as igrejas protestantes norte-americanas encontraram um campo fértil para a disseminação de sua fé no país, tendo avançado com maior força sobre o país de maioria católica a partir de então.

Aos poucos foram fundadas igrejas batistas, metodistas e presbiterianas na região de Santa Bárbara. Mas os trabalhos missionários não se limitavam apenas à disseminação da religião protestante; uma contribuição importante das missões protestantes no Brasil está ligada à educação: “... *one of the greatest contributions of Protestant missions to Brazil was*

---

<sup>352</sup> Weaver (1952), op. cit., p. 447. “*Consequentemente, as contribuições dos imigrantes sulistas para a vida religiosa e educacional do país foram muito maiores do que se poderia esperar de um número tão limitado de pessoas*”. (Tradução livre).

*destined to be in the field of education. Even members of the Catholic Church who have acknowledged the indebtedness of Brazil to the North Americans in this field”.*<sup>353</sup>

No que tange ao conhecimento, os norte-americanos tinham grande preocupação com a educação, e logo que se estabeleceram cuidaram de, primeiramente, educar os filhos em casa. Nas famílias mais pobres, era a própria mãe quem ensinava os filhos. Algumas mães haviam se formado como professoras antes de deixarem os Estados Unidos. As famílias mais abastadas, contratavam professoras que viviam como agregadas na casa. O ensino era feito todo em inglês.<sup>354</sup>

Mas logo foi fundado o Colégio Piracicabano (em Piracicaba) por um norte-americano, onde os filhos dos imigrantes de Santa Bárbara passaram a estudar. Foram criados por norte-americanos também, o Colégio Internacional de Campinas (em 1869) e o Colégio Mackenzie (em 1870). Apesar de ter sido o último a ser fundado (em 1881), o Colégio Piracicabano teve maior importância para os moradores de Santa Bárbara, talvez devido à sua maior proximidade. O Colégio Piracicabano posteriormente deu origem à Escola Metodista, hoje Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e o Colégio Mackenzie se tornou Escola de Ensino Superior.<sup>355</sup>

Os norte-americanos preferiam essas escolas fundadas por protestantes para matricularem seus filhos, visto que estes seguiam seus costumes e fé. Ainda não haviam sido criadas as escolas rurais e, estudando nesses colégios, eles poderiam continuar seguindo os costumes protestantes e norte-americanos. Além disso, essa era uma forma de diferenciar o ensino dos norte-americanos dos barbarenses. Mas, com o tempo, a integração com a cultura brasileira, e a instituição pelo governo, de normas para escolas estrangeiras, o Colégio Piracicabano passou a ser dirigido por brasileiros e o ensino passou a ser semelhante ao brasileiro. Os norte-americanos perderam sua diferenciação e passaram a receber um ensino como o da população da região.<sup>356</sup>

Por volta de 1900, o Colégio Piracicabano continuava sendo o colégio preferido pelos norte-americanos. De acordo com Jones:

---

<sup>353</sup> Weaver (1952), op. cit., p. 457. “... uma das maiores contribuições das missões protestantes ao Brasil estava destinada ao campo educacional. Mesmo membros da Igreja Católica têm reconhecido a dívida do Brasil para com os norte-americanos nesse campo”. (Tradução livre).

<sup>354</sup> Gussi, op. cit., p. 89 e 90.

<sup>355</sup> Oliveira (1995), op. cit, p. 162-164; Weaver (1952), op. cit., p. 463 e 464.

<sup>356</sup> Gussi, op. cit., p. 126, 127, 129 e 130.

*“O Colégio Piracicabano continuava o lugar onde a mocidade mais se encontrava. Todas as famílias que puderam, mandaram seus filhos para lá. Aqueles que podiam, pagavam o preço integral, aqueles que não podiam, trabalhavam no colégio para custear os seus estudos”.*<sup>357</sup>

Um dos problemas marcantes desde sua chegada a Santa Bárbara, era o fato de a maioria dos imigrantes norte-americanos professarem, como já foi visto, a fé protestante, o que impunha alguns incômodos limites aos casamentos e aos sepultamentos ocorridos no âmbito da comunidade. Assim, quando da morte da primeira norte-americana em Santa Bárbara, a esposa do Coronel Asa Thompson Oliver, D<sup>a</sup>. Beatrice, a Igreja Católica, que tomava conta do Cemitério Municipal, não permitiu que ela fosse enterrada ali, pois, àquela época não eram permitidos sepultamentos de protestantes. A solução encontrada pela família foi a de enterrá-la em um campo, nas próprias terras da fazenda. Ali fizeram uma cerca, a fim de que os animais não fossem ali pastar. Assim teve origem o Cemitério de Campo. Era 13 de julho de 1869. A partir daí muitos foram os sepultamentos realizados no local, e esse espaço, em pouco tempo, acabou se tornando um espaço social da colônia.<sup>358</sup> Ali foi erigida uma igreja onde eram realizados cultos aos domingos, seguidos por piqueniques. Era o local de encontro, recreação e oração dos norte-americanos protestantes.<sup>359</sup>

Atualmente, acontece anualmente uma festa tradicional no Cemitério. É a chamada Festa Confederada, que reúne descendentes dos primeiros imigrantes, bem como a população local, numa celebração da vinda dos norte-americanos para Santa Bárbara. A festa procura relembrar o passado, com apresentações de danças típicas sulistas, em que homens e mulheres se vestem com trajes de modelos utilizados na época, e são servidas comidas típicas do sul dos Estados Unidos.

### **Modernização: o arado**

Os imigrantes norte-americanos trouxeram para a região de Santa Bárbara um implemento agrícola que era bem diferente do utilizado até então: o arado, de tipo americano. Esse arado era mais moderno e fácil de manusear que o brasileiro. Isso

---

<sup>357</sup> Jones, op. cit., p. 348.

<sup>358</sup> Idem, Ibidem, p. 167 e 168.

<sup>359</sup> Gussi, op. cit., p. 14.

constituiu um avanço para as técnicas de plantio agrícola na época. O Coronel Norris, por exemplo, trouxe alguns implementos agrícolas consigo e inclusive deu aulas aos interessados na região, tendo ganhado muito dinheiro com isso. Segundo Jones:

*“O arado foi a grande novidade da região e espalhou-se rapidamente a notícia de que uns americanos tinham um instrumento para preparar o terreno para plantio com muito mais vantagem do que a enxada. Muitos vieram ver como os americanos plantavam suas terras, outros quiseram aprender. Sem dar pela coisa, logo o coronel tinha uma boa escola prática de agricultura. Os alunos trabalhavam na lavoura do professor enquanto este os ensinava a manejar os burros e segurar o arado firme no chão; e ainda pagavam pelo privilégio. Dizem as velhas cartas que ele administrou três ou quatro fazendas e ensinou muitos homens a trabalhar com as ferramentas novas que tinha trazido. Em uma carta ao seu filho Frank, o coronel disse que havia ganho 5.000 dólares aquele ano, só por ensinar aos outros como cultivar suas terras”.*<sup>360</sup>

O arado em si não constituía uma novidade para a população brasileira, mas esse tipo de arado trazido pelos norte-americanos, era diferente do que era usado no país. Os fazendeiros da região ficaram curiosos para saber como o novo arado funcionava. O *“interesse era tão grande que foram convidados a fazer uma demonstração pública em São Paulo, no Parque D. Pedro II e convocados lavradores de todos os recantos para aquela tão importante demonstração”*.<sup>361</sup>

No entanto, essa modernização agrícola é contestada por Silva (2007), que afirma que, na verdade, essas técnicas acabam por empobrecer o solo com seu uso ao longo dos anos. Por isso o autor se opõe ao fato de o arado poder ser considerado uma inovação, ou um símbolo de modernidade.

*“Tais técnicas envolviam a utilização do arado, cuja relação com a alcunha ‘superior’ objetamos, na medida em que hoje é amplamente difundida entre agrônomos brasileiros a ideia de que o plantio direto, em comparação com a aração, permite uma maior retenção da camada orgânica do solo”.*<sup>362</sup>

Na verdade, nos parece que esse argumento utilizado pelo autor é mais recente, sendo uma descoberta posterior dos agrônomos. À época da introdução do arado nas

---

<sup>360</sup> Jones, op. cit., p. 150 e 151.

<sup>361</sup> Idem, Ibidem, p. 321.

<sup>362</sup> Silva (2007), op. cit., p. 72.

fazendas norte-americanas em fins do século XIX, nos parece que era realmente uma inovação, algo superior. Descobrir posteriormente que esse tipo de técnica de plantio empobrece o solo ou é menos eficaz que outras técnicas, não invalida seu caráter inovador à época de sua introdução nas lavouras daqui. Por isso, o argumento do autor, em oposição à modernidade das técnicas e implementos agrícolas trazidos pelos norte-americanos, da forma como está colocado, não convence. O que há de verdade é o fato de que o arado usado até então era um instrumento dos tempos coloniais, muito pesado, e que na sua movimentação removia o húmus da terra, além de necessitar do concurso de uma boa junta de bois, ou pelo menos de um. O arado introduzido pelos norte-americanos era mais moderno, mais leve e sua operação exigia apenas a força motriz de uma mula ou de um burro.

Jones aponta ainda que a fabricação de arados em Santa Bárbara começou com dois norte-americanos: Henry Farrar Steagall (pai de Pattie Norris) e João Domm. Steagall era dono de uma serraria de madeiras e fazia as partes de madeira, enquanto Domm que era ferreiro e fazia as partes de metal. De acordo com os dados encontrados, eles provavelmente desfizeram a sociedade nos anos de 1890. João Domm passou a trabalhar com Niels Nielsen, um dinamarquês que tinha vindo para Santa Bárbara em 1890. Nielsen primeiro trabalhou com os Pyles no engenho de cana, e depois foi trabalhar com João Domm na fabricação de arados.<sup>363</sup> De acordo com os documentos manuscritos do município de Santa Bárbara, em 1897, João Domm aparece como dono de uma tenda de ferreiro, em associação com Niels Nielsen. Dessa associação, há registros até 1900. Em 1898 há o registro de uma serraria de madeiras para Steagall & Irmão, porém não sabemos se esse Steagall é Henry Farrar, uma vez que só havia a discriminação da razão social, e não dos nomes dos proprietários.<sup>364</sup>

Em 1900 João Domm faleceu e Niels Nielsen mudou-se para Vila Americana. Lá ele montou a sua própria fábrica e continuou a produzir os arados. Nas palavras de Jones: “A fábrica de Niels era grande para os tempos, tendo diversos empregados. Fabricava o

---

<sup>363</sup> Jones, op. cit., p. 177 e 306.

<sup>364</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d’Oeste. Livro ata destinado a registros de ofícios e registros expedidos pela Câmara de Santa Bárbara (1893-1899). *Manuscrito*.

*tipo de arados que os americanos haviam trazido anos atrás*”.<sup>365</sup> Ele provavelmente utilizava as técnicas aprendidas com João Domm.

Porém, Silva (2007), aponta que a produção de arados não teria sido realizada por norte-americanos em Santa Bárbara; na verdade, os americanos eram importadores e não fabricantes de arados na região.

*“Arados e carpideiras americanos  
Importados por Currie, Domm e Steagall  
Villa de Santa Bárbara  
Eugenio Rozo, agente nesta cidade  
Rua do Comércio, esquina da direita, Piracicaba”  
(BPMP, Gazeta de Piracicaba, microfilme 31, 24/10/1883).*<sup>366</sup>

Dessa forma, Domm e Steagall seriam importadores e não produtores dos arados. Independente de terem sido os primeiros fabricantes ou não, sabemos pela bibliografia que não foram os americanos que fizeram da fabricação de arados um negócio, mas os italianos.<sup>367</sup> De acordo com Goldman (1972), o principal produtor de arados de Santa Bárbara d’Oeste era o italiano Francisco Matedi, e isso colocou Santa Bárbara como grande produtora de arados da época: *“Por muitos anos Santa Bárbara e Americana serviram de centro industrial e comercial de arados e equipamentos para a lavoura”*.<sup>368</sup>

### **Conflitos com os brasileiros**

Silva (2007), fez em seu trabalho uma análise muito interessante dos processos-crime envolvendo os norte-americanos estabelecidos em Santa Bárbara. O autor apresentou diversos conflitos envolvendo os norte-americanos e a população local, bem como conflitos internos, envolvendo pessoas dentro do grupo de americanos. No entanto, pudemos perceber que quase sempre eram membros de uma mesma família que causavam as desavenças. A família Tanner conseguiu fazer vários inimigos na região, por terem os ânimos muito exaltados. Além de seu temperamento explosivo, os membros dessa família também eram dados à bebedeira, o que piorava seu espírito desordeiro. Dentre os incidentes

---

<sup>365</sup> Jones, op. cit., p. 348.

<sup>366</sup> Silva (2007), op. cit., p. 73.

<sup>367</sup> Gussi, op. cit., p. 75.

<sup>368</sup> Goldman (1972), op. cit., p. 145.

ocorridos com membros dessa família, o pior de todos eles, a nosso ver, foi a tentativa de Eduardo Tanner de matar seu próprio pai, Mathew Luis Tanner.<sup>369</sup>

Além dos Tanner, Jesse Ross Wright parecia ser também um tipo perturbador da ordem. Durante sua viagem de vinda ao Brasil, sendo ele parte dos colonos que vieram com Frank McMullan, no naufrágio ocorrido nas costas cubanas, ele atirou e matou um rapaz que estava tentando roubar parte da bagagem dos emigrantes. Quando tiveram de retornar aos Estados Unidos e aguardar novo vapor para o Brasil, Jesse se envolveu em nova confusão. Tendo ele um engradado com cães de caça, foi este engradado roubado do depósito onde eles aguardavam sua viagem. Jesse conseguiu encontrar seus cães em um bar próximo dali e, com seus revólveres na mão, conseguiu trazê-los de volta. Em Santa Bárbara, após uma desavença com Harvey Hall, por conta de um burro seu que ele acreditava que Harvey havia matado, foi até o sítio deste e o assassinou.<sup>370</sup>

Depois disso, Jesse voltou aos Estados Unidos e pediu ao amigo Wilber McKnight que vendesse seu sítio e embarcasse sua família de volta aos Estados Unidos. Wilber fez a vontade do amigo e, por isso, teve de aguentar o ressentimento de Charles Hall, filho de Harvey. Anos depois do ocorrido, Wilber recebeu notícias de que Jesse e seus filhos estavam morando no Texas, onde Jesse chegou a ser xerife.<sup>371</sup>

### **O sucesso relativo de Santa Bárbara**

Toda a bibliografia referente ao tema concorda em que o agrupamento de imigrantes norte-americanos que se estabeleceu em Santa Bárbara foi o de maior sucesso. Segundo Weaver (1961), o que diferenciava esse agrupamento dos demais e permitiu que ele obtivesse maior êxito foi o fato de seu líder, o coronel Norris, ser um homem de posses, o que permitiu que ele ajudasse os primeiros imigrantes que se encontravam diante de dificuldades financeiras.

*“In many ways the emigrants comprising the group in and near Villa Americana, as the settlement came to be called, were the happiest and most successful group in Brazil. This was perhaps due to the homogeneity of the group and to the fine and unselfish*

---

<sup>369</sup> Para maiores detalhes dos processos-crime ver Silva (2007), op. cit., p. 77-90.

<sup>370</sup> Jones, op. cit., p. 96, 99 e 246; Silva (2007), op. cit., p. 85 e 86.

<sup>371</sup> Idem, Ibidem., p. 96 e 247.

*leadership of the Norrises, father and son, who were men of sufficient means to help the settlers overcome the first financial difficulties”.*<sup>372</sup>

De acordo com Jones, o coronel teria trazido ouro consigo. Não se sabe ao certo qual seria o montante, pois há muitos exageros nas histórias que ela ouviu.<sup>373</sup>

Silva (2007), argumenta que o sucesso dos imigrantes norte-americanos em Santa Bárbara está associado à sua inserção no circuito mercantil escravista. Quando, porém, em determinado momento (na virada do século), os imigrantes passaram a ficar à margem desse circuito, ocorreu a dispersão.

*“Os insucessos e infortúnios nas diferentes colônias confederadas estiveram associados às dificuldades em restabelecer a ligação que possuíam com o circuito mercantil-escravista. A única colônia que prosperou foi aquela localizada em uma região com um dos principais mercados de cativos do Brasil imperial: a colônia de Santa Bárbara, na região de Campinas”.*<sup>374</sup>

A proximidade com outros compatriotas, seguramente, deve ter tornado a adaptação à Santa Bárbara mais fácil. Os imigrantes moravam próximos uns aos outros, e mesmo quando essa distância era maior, ela ainda permitia visitas mais ou menos frequentes. Dessa forma, tinham certeza de ajuda mútua caso fosse necessário. Além disso, como estavam todos passando por dificuldades de adaptação semelhantes, sabiam das necessidades e do tipo de conforto que precisavam. Segundo Jones, para os imigrantes que se estabeleceram em Santa Bárbara, *“a vida continuou sem a necessidade de procurar fora dos patricios o conforto e o calor da amizade. Conservaram por anos e anos a língua materna e os costumes dos antepassados”.*<sup>375</sup>

E do ponto de vista da integração com a população local, podemos dizer que os imigrantes norte-americanos foram exitosos? Nos primeiros anos após seu estabelecimento em Santa Bárbara, eles fizeram uma tentativa de isolamento, no intuito de preservar seus modos e costumes e não serem influenciados pela cultura brasileira, inclusive evitando

---

<sup>372</sup> Weaver (1961), op. cit., p. 39. *“Em muitos aspectos, os emigrantes que formavam o grupo de Vila Americana, nome como o povoado passou a ser conhecido, eram os mais felizes e bem-sucedidos do Brasil. Isso talvez se devesse à homogeneidade do grupo e à excelente e altruísta liderança dos Norris, pai e filho, que eram homens de recursos suficientes para ajudar os colonizadores a superar as primeiras dificuldades financeiras”.* (Tradução livre).

<sup>373</sup> Jones, op. cit., p. 150.

<sup>374</sup> Silva (2007), op. cit., p. V.

<sup>375</sup> Jones, op. cit., p. 188.

casamentos com brasileiros e a miscigenação. Porém, aos poucos eles foram sendo influenciados pela população local e a partir daí foi grande a integração com a sociedade paulista, sendo influenciados pela cultura brasileira.<sup>376</sup>

Ainda que longa, a citação de Jones é interessante para se analisar como, aos poucos, os imigrantes norte-americanos da segunda e terceira gerações foram se adaptando à cultura brasileira:

*“A primeira geração dos americanos, isto é, a dos nascidos nos Estados Unidos, havia se conformado com a vida no Brasil, embora fosse muito diferente do que haviam imaginado. Aos poucos foram fazendo a sua vida social mais ou menos semelhante à que tinham levado na sua pátria, e com o correr dos dias e a sucessão dos anos, se limitaram a aparar as arestas (...) A segunda geração, os nascidos no Brasil, de pais americanos, até o tempo de sair de casa e estudar mais longe, quando estavam moços, não conheceu outra cultura que não a americana. O mundo brasileiro em que vivia fora de casa era diferente, mas tinha tantos atrativos, que logo se acostumou a ele. Chegou a viver em dois mundos ao mesmo tempo, servindo de elemento de ligação entre eles. Levou para a sua escola e o seu trabalho a influência americana, ao mesmo tempo que levou para os seus lares a influência brasileira (...) A terceira geração encontrou o caminho aberto e aceitou a vida brasileira com muito mais naturalidade. Muitos, por circunstâncias diversas, se afastaram da cultura americana para se adaptar comodamente à brasileira. Não foi sem muita luta que a segunda geração fez a terceira se conservar ligada aos seus costumes. Aqueles que viram a importância de conservar a cultura materna, lutaram por ela com unhas e dentes, numa batalha diária que durou a vida toda. Os que tiveram a felicidade de crescer em lares como esses, tiveram a vantagem de falar as duas línguas com a mesma facilidade. Isso lhes abriu muito mais oportunidades no trabalho (...) Essas oportunidades não estavam na lavoura, nem nas vizinhanças de Santa Bárbara e Vila Americana, estavam nas cidades grandes onde o comércio e a indústria estavam em desenvolvimento. Para lá foram os descendentes dos americanos, tanto para esses ramos, como para as profissões liberais e o magistério”.*<sup>377</sup>

Esse problema de não conservar a língua dos pais, o inglês, e também a cultura, é mencionado por Gussi, que enfatiza que isso ocorria ainda com maior frequência quando

---

<sup>376</sup> Gussi, op. cit., p. 95-99.

<sup>377</sup> Jones, op. cit., p. 404 e 405.

um dos pais não fosse descendente. Não havia aquela determinação em manter a cultura norte-americana nesses casos.<sup>378</sup>

Em Santa Bárbara os americanos tomaram parte também na política. Nos anos 1890 John Steagall e Wilber McKnight foram vereadores. Depois Roberto Pyles e Oliver Ferguson também foram eleitos para esse cargo, enquanto John E. McKnight foi prefeito temporário.<sup>379</sup>

Nas décadas de 1880 e 1890 outras levas de imigrantes chegaram a Santa Bárbara. Em 1880, chegaram os imigrantes italianos, que vieram para o Brasil, para servir como mão-de-obra na lavoura cafeeira. Santa Bárbara, apesar de não se dedicar à cafeicultura, recebeu grande afluxo desses imigrantes. Não sabemos ao certo quantos imigrantes italianos vieram para Santa Bárbara, mas nos dados censitários para estrangeiros da província de São Paulo<sup>380</sup>, no município de Santa Bárbara, em 1886 há uma população estrangeira de 213 pessoas, sendo que, dentre eles, havia 20 italianos. De acordo com um documento municipal, o questionário respondido à A. Orlando & Comp, de Villa Americana, em 7 de fevereiro de 1915, havia aproximadamente 600 colonos em Santa Bárbara e, desses, 200 eram italianos e 400 de outras nacionalidades. De acordo com o mesmo questionário, a nacionalidade que predominava era a italiana.<sup>381</sup> Portanto, podemos perceber que um terço do total de colonos, era de italianos, o que nos mostra que houve entrada significativa desses imigrantes no município, embora nos primeiros anos da década de 1880, esses fossem poucos. Ou seja, queremos dizer que, com o passar dos anos, novas levas de imigrantes chegaram a Santa Bárbara e a influência americana tornou-se secundária diante disso.

*“If the number of people involved is the only point of consideration, the settlement of the ex-Confederates in Brazil was of no real importance. In contrast to the many thousands of Europeans who have come to Brazil to establish colonies, the approximately four thousand Southerners appear insignificant – too small a number to have influenced the racial strain of the country. Moreover, the major portion of these people stayed in Brazil less than five years. The*

---

<sup>378</sup> Gussi, op. cit., p. 115.

<sup>379</sup> Jones, op. cit., p. 23.

<sup>380</sup> *Estrangeiros no Estado de São Paulo, dados censitários 1854-1950*. M. S. C. B Bassanezi e P. M. S. Francisco (Org.). Campinas, NEPO/UNICAMP.

<sup>381</sup> Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro ata copiador de estatísticas da Câmara Municipal de Santa Bárbara de 1911-1928. (Com dados sobre o município que foram enviados para o Arquivo do Estado e outros órgãos). *Manuscrito*.

*contributions which the small remnant of colonists made to their adopted country were generally restricted to the immediate area in which they lived”.*<sup>382</sup>

A partir dos anos 1910, houve dispersão acentuada dos norte-americanos de Santa Bárbara. Segundo Jones, “*mudavam-se muito os americanos. Só os casais mais velhos é que ficavam em suas propriedades*”.<sup>383</sup>

Jones menciona que essa dispersão foi causada por vários motivos, como emprego, casamento, mudança para um lugar próximo de outros parentes, novas oportunidades, etc.<sup>384</sup> De acordo com a autora:

*“Os descendentes dos americanos não se limitaram a ficar na região de Santa Bárbara. O movimento foi de dispersão. Havia tantas oportunidades em outros lugares e quanto mais distantes, mais promissoras se tornavam. Diversos foram para o longínquo nordeste e as coisas que contavam de lá eram para excitar o espírito aventureiro de qualquer jovem”.*<sup>385</sup>

No que se refere às profissões em Santa Bárbara, no início do século XX, grandes produtores começaram a dominar a produção de cana e de instrumentos agrícolas, que antes eram também ocupações dos norte-americanos. As Usinas Santa Bárbara, Furlan e Cillos monopolizaram a produção de cana, absorvendo pequenas e médias propriedades da redondeza, dentre elas, havia propriedades de norte-americanos. E a indústria de instrumentos agrícolas passou a ser concentrada nas oficinas de Américo Emílio Romi (que depois se tornaria a Indústria Romi, muito importante na cidade) e de João J. Sans.<sup>386</sup> Diante dessa situação, de acordo com Gussi, a saída para os imigrantes norte-americanos de Santa Bárbara foi:

*“Se dedicarem a outras profissões, mas para isso era necessário estudarem (...) Os filhos e filhas dos agricultores*

---

<sup>382</sup> Weaver (1952), op. cit., p. 446. “*Se o número de pessoas envolvidas for o único ponto de consideração, o estabelecimento de ex-Confederados no Brasil não foi de nenhuma importância real. Em contraste com os milhares de europeus que vieram para o Brasil para estabelecer colônias, os cerca de quatro mil sulistas parecem insignificantes – um número muito pequeno para ter influenciado a raça do país. Além disso, a maior parte dessas pessoas ficou menos de cinco anos no Brasil. As contribuições que o restante dos colonizadores fizeram ao país adotado geralmente foram restritas às áreas mais próximas das quais eles viveram”.* (Tradução livre).

<sup>383</sup> Jones, op. cit., p. 360.

<sup>384</sup> Idem, Ibidem, cap. 11 e 12.

<sup>385</sup> Idem, Ibidem, p. 375.

<sup>386</sup> Gussi, op. cit., p. 106 e 107.

*americanos, destacavam as crônicas sociais dos jornais barbarenses, formavam-se agrônomos, engenheiros e professoras em escolas renomadas, como o Colégio Mackenzie, a Escola Agrícola de Piracicaba e o Colégio Piracicabano”.*<sup>387</sup>

Dessa forma, as novas profissões dos descendentes, passaram a afastá-los cada vez mais de Santa Bárbara. Tanto Gussi quanto Jones concordam que essa dispersão teria maior relação com as oportunidades de emprego. Ela tem relação com os estudos dos imigrantes norte-americanos, que se formavam em profissões liberais, afastando-se do meio rural. A economia agrícola não foi capaz de absorvê-los,<sup>388</sup> tanto que na década de 1920, os efeitos da dispersão acentuada já eram sentidos em Santa Bárbara. Já havia bem menos imigrantes norte-americanos e descendentes no município. De acordo com Jones,

*“Esse começo da década de 1920 veio encontrar Santa Bárbara com bem poucas famílias estabelecidas lá. A maior parte dos troncos das velhas famílias havia ido para o seu repouso no Campo, tendo ficado à testa das suas propriedades os filhos mais moços, que preferiram ficar nas fazendas. Estas fazendas, com a morte do chefe da família, foram divididas entre os irmãos que eram muitos e suas partes eram compradas, aos poucos, pelo membro que resolvera cultivá-las (...) Muitas famílias haviam ido embora definitivamente...”.*<sup>389</sup>

Para Gussi, junto com a dispersão teria havido também uma mudança na composição do patrimônio, que deixava de ser rural para ser urbano, uma tendência que verificamos nos últimos anos de nossas pesquisas. Com a morte dos pais, as propriedades rurais eram divididas, e os filhos herdavam as terras divididas em pequenos alqueires, o que tornava a produção agrícola antieconômica. E, *“como consequência disto, o patrimônio das famílias foi se deslocando das propriedades rurais para o patrimônio imobiliário das cidades”.*<sup>390</sup>

Em 1954, com o intuito de manter viva a memória dessa aventura imigratória, foi fundada em Santa Bárbara d’Oeste a Fraternidade Descendência Americana – a FDA. Essa instituição é uma associação civil que busca preservar o patrimônio do Cemitério do

---

<sup>387</sup> Gussi, op.cit., p. 107.

<sup>388</sup> Jones, op. cit., p. 405; Gussi, op. cit., p. 101, 103 e 108.

<sup>389</sup> Idem, Ibidem, p. 405.

<sup>390</sup> Gussi, op. cit., p. 106.

Campo, bem como promover a amizade, a filantropia e a cooperação mútua entre os descendentes.<sup>391</sup>

Segundo Jones, ainda estão em Americana os descendentes das famílias Norris, Steagall, McFadden, Demaret, Jones, McKnight, Cullen, Vaughan, Mathews, Smith, Hawthorne, Carlton, Fenley e Minchin e, em Santa Bárbara, ainda se pode encontrar descendentes das famílias McKnight, Carr, Pyles, Vaughan, Bookwalter, Cullen, Miller, Weissinger, Steagall, Keese, Tarver.<sup>392</sup>

Muitas dessas famílias têm seus nomes lembrados nos nomes das ruas do município de Santa Bárbara, em uma clara referência à vida desses norte-americanos no Brasil e no município. O museu da cidade também conta muito da sua história. Denominado “Museu da Imigração” ele contempla a história de vários imigrantes que se dirigiram para Santa Bárbara nos séculos XIX e XX. Porém, grande parte do seu acervo, se compõe de fotos, objetos e cartas que se referem à trajetória dos norte-americanos. Apesar de não ter sido a nacionalidade que imigrou para a localidade em maior número, a nacionalidade americana marca a história do município. É seu traço distintivo. Os imigrantes de origem italiana foram muito mais numerosos no município e deles encontramos muitas referências nos documentos manuscritos que pesquisamos, porém os italianos vieram para todo o estado de São Paulo, localizando-se em quase todas as cidades da região de Santa Bárbara. Imigrantes norte-americanos foram muito mais raros na região, porém não menos importantes que os italianos, principalmente para a história de Santa Bárbara.

Este trabalho dedicou-se a recontar a trajetória desses imigrantes norte-americanos em Santa Bárbara d’Oeste, procurando apreciar a rede de relações construída por esses imigrantes.

---

<sup>391</sup> Gussi, op.cit., p. 23.

<sup>392</sup> Jones, op. cit., p. 18.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa dissertação procuramos resgatar um pouco da história de uma comunidade de imigrantes que, de certa maneira, foge aos padrões de outros contingentes imigratórios que vieram para o Brasil na mesma época, ou seja, a partir da segunda metade do século XIX. Reconstruir o deslocamento de milhares de norte-americanos para o Império brasileiro, de onde procediam, suas motivações e como se organizaram aqui, pode levar a equívocos e deslizes que, na medida do possível, procuramos não cometer. Afinal, tínhamos plena consciência de que nosso objeto de estudo está deslocado há mais de um século dos nossos dias, o que exigiria a reconstrução de uma realidade perdida no tempo, sem torná-la – a reconstrução – fantasiosa. Se assim fosse, estaríamos simplesmente construindo, ou melhor, alimentando um mito que não teria nada a ver com a própria história desses imigrantes.

Por essa razão, com base na bibliografia existente e nos dados coletados nas fontes cartoriais, procuramos construir uma nova interpretação, ou pelo menos, uma tentativa de construí-la. No caso específico do agrupamento de norte-americanos de Santa Bárbara d'Oeste, se de formação homogênea ou heterogênea, confederados e escravagistas ou não, a documentação primária exaustivamente pesquisada nos permitiu mostrar de que forma se conectaram os indivíduos, os grupos familiares e o grupo de mais longo alcance – a “colônia” americana – e suas relações com a própria comunidade barbareense.

A emigração de norte-americanos para o Brasil após o fim da Guerra Civil Americana foi um evento marcante, especialmente por sua excepcionalidade, uma vez que os Estados Unidos da América se constituíam à época, pelas suas oportunidades econômicas, no mais importante centro de atração de imigrantes e não de expulsão de seus cidadãos. Os milhares de indivíduos que decidiram emigrar o fizeram, muito mais por questões políticas e morais que por questões econômicas, embora eles possam ter se beneficiado de algumas vantagens concedidas pelo Governo brasileiro quando da sua vinda. No entanto, sua motivação para deixar seu país de origem era fundamentalmente o orgulho ferido ao final de uma guerra sangrenta e a perda da influência sobre as decisões do poder político.

Os imigrantes que vieram para o Brasil, e principalmente para Santa Bárbara, não constituíram um grupo homogêneo, formado que era por pessoas de todas as classes sociais e de várias profissões. Apesar de o grupo ser bastante heterogêneo, as evidências apontam a maioria como sendo composta de sulistas, com alguma relação com a Confederação (se não lutaram diretamente pela causa, eram pelo menos simpatizantes a ela).

O grupo que veio a se estabelecer em Santa Bárbara foi, sem dúvida nenhuma, o de maior sucesso relativo. A própria heterogeneidade da sua composição dependeu em muito de elementos que lhe conferem um caráter homogêneo, ou seja, a posse de recursos e de escravos, uma religião e uma língua amalgamadora e a preocupação com a educação nos moldes da Pátria-mãe. Além disso, era parte de um movimento imigratório ligado à propriedade, pois os que para aqui se deslocaram vinham com esse objetivo, o que os coloca em discordância com a perspectiva do fluxo imigratório do século XIX, ou seja, a imigração para a colonização.

De 1866 até os anos 1890 muitos imigrantes se estabeleceram no município e arredores, desenvolvendo, principalmente, a agricultura comercial. Primeiramente, se dedicaram ao cultivo do algodão, depois, ao da cana-de-açúcar e, por fim, ao da melancia. É curioso que mesmo estando localizados numa região tão próxima ao circuito cafeeiro, nenhum dos imigrantes se dedicou a esse cultivo. Eles preferiram se dedicar à cultura da cana, também muito difundida na região.

Em Santa Bárbara, compraram terras e escravos. Na produção de gêneros comerciais utilizaram a mão-de-obra escrava e também a livre, familiar ou através de empreitada, locação de serviços, etc. Realizavam as plantações em terras próprias, compradas à vista ou a prazo, terras compradas em sociedade com outro imigrante, terras arrendadas e outras.

Dentre as atividades urbanas, dedicaram-se principalmente ao comércio, com os negócios de secos e molhados sendo os mais procurados pelos imigrantes. Nos anos de 1890, muitos desses comerciantes tornaram-se grandes credores, a partir de empréstimos de dinheiro a juros, com garantia de hipoteca sobre os bens do devedor, atuando, então, como capitalistas.

Em Santa Bárbara encontramos 505 transações registradas em cartório, envolvendo quase duzentas famílias americanas. Comprando e vendendo terras, escravos, imóveis

urbanos, aguardente, realizando hipotecas (tanto como credores quanto como devedores), realizando sociedades agrícolas, nomeando procuradores, esses norte-americanos foram se integrando ao novo meio. Se em um primeiro momento essas transações foram mais limitadas, com o passar dos anos elas foram se intensificando, sendo que nos anos 1880 cresceram vertiginosamente.

Se nesse primeiro momento os imigrantes procuraram o isolamento, em uma atitude de defesa cultural, a virada do século os encontrou completamente integrados à comunidade barbarenses. Os valores, crenças e religião se misturaram, os casamentos mistos passaram a ser frequentes, e alguns descendentes já haviam deixado de aprender o inglês. Apesar do seu número reduzido, se comparado a outras nacionalidades de imigrantes que se instalaram na região, os imigrantes norte-americanos também exerceram forte influência sobre ela. Nos campos religioso e educacional, a influência dos imigrantes não se circunscreveu a Santa Bárbara, mas se disseminou por todo o país. Na região de Santa Bárbara, os agricultores aprenderam a usar o arado trazido pelos americanos para plantar, e conheceram também os *trolleys*, carroções de quatro rodas, que eram mais ágeis que os velhos carros de bois anteriormente utilizados na região, facilitando assim o escoamento das produções até as ferrovias.

Em Santa Bárbara, esses imigrantes foram influenciados pela população local, passando a adotar seus costumes, como o de tomar cachaça, por exemplo, e também aprenderam a fabricar a aguardente. Encontramos muitos imigrantes norte-americanos dedicados ao fabrico e comercialização da aguardente em fins do século XIX.

Neste trabalho, nosso objetivo foi o de resgatar a história dos norte-americanos em Santa Bárbara e região, procurando recompor a rede de relações, principalmente econômicas, desenvolvida por esses imigrantes. Além disso, tratava-se de tentar “desmistificar” algumas “verdades” tidas como absolutas e de uso comum no que se refere à história dos americanos no município.

O primeiro mito a ser questionado, seria o de que todos os imigrantes eram ricos e poderosos fazendeiros sulistas antes da Guerra Civil. Como foi mostrado no nosso trabalho, o grupo era bastante heterogêneo, com pessoas de todas as classes sociais e de diversas profissões. Vários foram os imigrantes que ao chegarem procuraram comprar escravos, para mão-de-obra da lavoura, plantando um gênero comercial em grande parte de suas

terras, nos moldes da grande *plantation* sulista. Porém, como bem apontado pelos manuscritos pesquisados, muitos foram os que cultivaram com seu trabalho a sua própria terra, com a ajuda de um ou dois “camaradas” na época das colheitas. A escritura de empreitada, com dois imigrantes americanos atuando como lavradores contratados por um fazendeiro de Monte Mor, é extremamente ilustrativa. Grandes fazendeiros sulistas não trabalhariam suas próprias terras, menos ainda terras alheias.

Outro mito que pode ser contestado é o de que eles teriam vindo impulsionados pelo Destino Manifesto, na tentativa de reconstruir o modo de vida sulista no Brasil. O isolamento inicial dos imigrantes parece corroborar esse mito. No entanto, essa postura isolacionista com forte sentido de proteção fez-se necessária num breve período de adaptação. Afinal, a mudança para um país com cultura e hábitos tão diferentes dos Estados Unidos exigiu um período de adaptação, e até mesmo de aprendizagem do novo idioma. A dificuldade de comunicação, a estranheza dos hábitos e dos costumes causou uma união maior entre os imigrantes, e esse pretense isolamento inicial. Quanto ao Destino Manifesto, acreditamos que a razão primordial para essa emigração tenha sido o orgulho ferido, a perda do poder de influenciar politicamente e as humilhações sofridas após a derrota. Cumprir os “desígnios de Deus enquanto povo escolhido”, conquistando a América Latina, parece ter sido algo secundário, se é que teve importância na decisão de emigrar desses norte-americanos, que vemos mais como um Destino não-Manifesto.

A presença dos norte-americanos na região é sempre lembrada. A cidade de Americana deve seu nome à presença de imigrantes ao redor da estação ferroviária, formando um povoado que posteriormente deu origem ao município. Entre Santa Bárbara e Americana existe o Cemitério do Campo, local onde foram enterrados os primeiros imigrantes e seus descendentes, uma vez que eram protestantes e não podiam ser enterrados nos cemitérios municipais. Nesse local existe uma bonita festa, que é realizada todos os anos em comemoração à vinda de norte-americanos para a região. A festa relembra os feitos desses imigrantes, sua religião (existe uma capela dentro do cemitério, onde os primeiros cultos foram realizados), as comidas e trajes sulistas, típicos do século XIX. São feitas apresentações de danças, típicas do Velho Sul, com moços e moças descendentes dos primeiros imigrantes.

Além disso, existe em Santa Bárbara d'Oeste um museu dedicado aos imigrantes que se estabeleceram no município, onde se pode contemplar boa parte da história dos norte-americanos que vieram para a região ao final da Guerra Civil. O Museu da Imigração é rico em fotografias, roupas, utensílios e objetos relacionados ao grupo de americanos que ali se estabeleceu. O Museu se localiza ao lado do Centro de Memória do município, onde está documentada grande parte da história dessa imigração, que é sempre lembrada e homenageada em Santa Bárbara.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **Fontes primárias manuscritas**

#### *Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste*

Livro ata copiador de estatísticas da Câmara Municipal de Santa Bárbara de 1911-1928. (Com dados sobre o município que foram enviados para o Arquivo do Estado e outros órgãos).

Livro ata de registro de alvará e outros atos de Intendência da Câmara Municipal. Data: 28/01/1899 a 1900. O livro possui estatísticas até 1914.

Livro ata destinado a registros de ofícios e registros expedidos pela Câmara de Santa Bárbara (1893-1899).

Livro ata destinado para o trabalho do alistamento eleitoral municipal na 1ª secção. Data: 1899.

Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 1ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A primeira seção compreende o 1º e o 2º quarteirões).

Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 2ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A segunda seção compreende o 3º e o 4º quarteirões).

Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 3ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A terceira seção compreende o 5º, o 6º e o 7º quarteirões).

Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 4ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A quarta seção compreende o 8º, o 9º e o 10º quarteirões).

Livro ata para registro de alvará de licença para funcionamento de comércios. Data: 03/01/1878 a 04/07/1893.

Livro de ata para registro de casamentos de nacionais ou estrangeiros (1873-1887).

Livro de lançamento de imposto predial da Villa de Santa Bárbara (1892-1897). (1894 - Primeira Collecta dos Predios de Villa Americana).

Livro de lançamento de imposto predial de Santa Bárbara (1898-1900). Os registros existem até 1905.

Livro de Lançamento de Impostos da Câmara (1883-1894).

Livro para descrever o nome do dono das reses que foram abatidas nesta villa para consumo a cargo do fiscal da Câmara (Matadouro municipal). Data: 24/08/1881 a 1883.

Livro para o fiscal da Câmara Municipal fazer o lançamento das reses abatidas no município. Data: 03/04/1875 a agosto de 1881.

Livro para ser registrado o movimento do matadouro municipal, o abate do gado. Data: 20/12/1897 a 1900. As estatísticas existem até 1920.

Livro termo de declaração de estrangeiros residentes neste município. Data: 01/01/1890 a 14/09/1890. (Termo de declaração de estrangeiros residentes neste município que quiserem continuar a serem estrangeiros e não aceitarem a disposição do Decreto de 15 de dezembro de 1889).

Registro Eleitoral (1890).

Registro Eleitoral 05/03/1892 - 3ª Secção.

### 1º Cartório de Notas de Santa Bárbara d'Oeste

Livros de nº 12 a 41, correspondendo aos anos de 1866 a 1900, contendo os seguintes documentos:

Contratos de Arrendamento

Contratos de Empreitada e Sociedade Agrícola

Escrituras de Compra e Venda

Escrituras de Escravos

Hipotecas

Procurações

Testamentos

### **Fontes primárias impressas**

#### Documentos oficiais

Almanak da Província de São Paulo para 1873. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1985.

Relatórios do Ministério da Agricultura (1860-1900). Disponíveis em: <http://catalog.crl.edu>.

Estrangeiros no Estado de São Paulo, dados censitários 1854-1950. BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo e FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo (Org.). Campinas: NEPO/UNICAMP.

Atas do Conselho de Estado. RODRIGUES, José Honório. (Org.). Brasília: Senado Federal, 1978.

### **Fontes secundárias (viajantes)**

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pela Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1972.

DUNN, Ballard Smith. *Brazil, the home for Southerners: or, a practical account of what the author, and others, who visited that country, for the same objects, saw and did while in that empire*. New York: George B. Richardson, 1866.

GASTON, James McFadden. *Hunting a Home in Brazil... The agricultural resources and other characteristics of the country. Also, the manners and customs of the inhabitants*. Philadelphia: Ring & Baird, 1867.

KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

TAVARES BASTOS, Aureliano Cândido. *Cartas do Solitário*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975.

### **Bibliografia**

#### **Artigos**

GOLDMAN, Frank P. Uma tentativa de colonização no litoral sul de São Paulo por imigrantes oriundos do sul dos Estados Unidos após a Guerra Civil. *Revista de História*, v. 14, janeiro-março, 1957.

HILL, Lawrence F. Confederate Exiles to Brazil. *The Hispanic American Historical Review*. V. 7, nº 2, maio, 1927, p. 192-210.

\_\_\_\_\_. Confederate Exodus to Latin America. *Southwestern Historical Quarterly Online*. V. 39, nº 3. Disponível em: [http://www.tsha.utexas.edu/publications/journals/shq/online/v039/n3/contrib\\_DIVL2\\_299\\_print.html](http://www.tsha.utexas.edu/publications/journals/shq/online/v039/n3/contrib_DIVL2_299_print.html). (Acessado em 29 de outubro de 2007). Original de 1936.

- IZECKSOHN, Vitor. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado antes da Secessão. *Topoi: Revista de História da UFRJ*. Rio de Janeiro, V. 6, 2003, p. 47-81.
- JEFFERSON, Mark. An American Colony in Brazil. *Geographical Review*. V. 18, nº 2, Abril, 1928, p. 226-231.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Alguns dados históricos da vinda de norte-americanos ao Brasil no século XIX*. Novembro, 2008. Disponível em: <http://www.pibrj.org.br/historia/arquivos/DadosImigracaoAmericana.pdf>.
- STEIN, Barbara H. Brazil Viewed from Selma, Alabama, 1867. A Bibliographical Survey. *The Princeton University Library Chronicle*. V. 27, nº 2, Winter, 1966, p. 65-85.
- STOLCKE, Verena & HALL, Michael M. A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo. *Revista Brasileira de História*. V. 3, nº 6, 1984, p. 80-120.
- WEAVER, Blanche Henry Clark. Confederate Immigrants and Evangelical Churches in Brazil. *The Journal of Southern History*. V. 18, nº 4, Novembro, 1952, p. 446-468.
- \_\_\_\_\_. Confederate Emigration to Brazil. *The Journal of Southern History*. V. 27, nº 1, Fevereiro, 1961, p. 33-53.

### **Livros**

- CANABRAVA, Alice P. *O desenvolvimento da cultura do algodão na Província de São Paulo (1861-1875)*. São Paulo, 1951.
- CARDOSO DE MELLO, Zélia Maria. *Metamorfoses da riqueza, São Paulo 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- COSTA, Emília Viotti da. Colônias de parceria na lavoura de café: primeiras experiências. In: \_\_\_\_\_. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DAWSEY, John C.; DAWSEY, Cyrus B. e DAWSEY, James M. (Orgs.). *Americans, Imigrantes do Velho Sul no Brasil*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005.
- DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DELFIN NETTO, Antonio. *O problema do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas: Ministério da Agricultura, SUPLAN, 1979.

- EISENBERG, Peter L. *Guerra Civil Americana*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Tudo é História n. 40, 1999.
- GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GRIGGS, William Clark. *The Elusive Eden: Frank McMullan's Confederate Colony in Brazil*. Austin: University of Texas, 1987.
- GRIGGS, William Clark. A migração dos colonizadores de McMullan e a evolução das colônias no Brasil. In: DAWSEY, John C.; DAWSEY, Cyrus B. e DAWSEY, James M. (Orgs.). *Americans, Imigrantes do Velho Sul no Brasil*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005.
- HARTER, Eugene C. *A colônia perdida da Confederação. A imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra de Secessão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Aspectos das migrações norte-americanas após a Guerra Civil. In: *História Geral da Civilização Brasileira. Brasil Monárquico*. São Paulo: Bertrand, 1987, tomo II, vol. 3.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JONES, Judith Mac Knight. *Soldado descansa! Uma epopeia norte-americana sob os céus do Brasil*. São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1998. Original de 1967.
- LUZ, Nícia Vilela. *A Amazônia para os negros americanos. (As origens de uma controvérsia internacional)*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968.
- MARTINS, José Pedro Soares. *História de Santa Bárbara d'Oeste*. Campinas: Editora Komedi, 2007.
- MOORE JR., Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- MORRIS, R. B. *Documentos básicos da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

- OLIVEIRA, Ana Maria C. de. *O destino (não) manifesto: os imigrantes norte-americanos no Brasil*. São Paulo: União Cultural Brasil-Estados Unidos, 1995.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. *North American immigration to Brazil; tombstone records of the "Campo" Cemetery*. Brasília: Graf. do Senado Federal, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Movimento de passageiros norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro, 1865-1890*. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1981.
- PONTES, Carlos. *Tavares Bastos (Aureliano Cândido, 1839-1875)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Brasília: INL, 1975.
- SCHNERB, Robert. O século XIX. In: CROUZET, Maurice (Org.). *História Geral das Civilizações*. São Paulo: DIFEL, 1969, vol. 1 e 2.
- SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru: EDUSC, 2000.
- SILVA, Lúgia Osório. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- TAVARES BASTOS, Aureliano Cândido. *Os males do presente e as esperanças do futuro*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. Na obra há em anexo o opúsculo Memórias sobre a Imigração, também de sua autoria.
- TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira no oeste Americano. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EDUFF, 2004.
- VAN EVERY, Dale. *Desafio final: a fronteira americana, 1804-1845*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1967.
- VANGELISTA, Chiara. *Os braços da lavoura. Imigrantes e "caipiras" na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*. São Paulo: Hucitec, 1991.

### **Dissertações e monografias**

- AGUIAR, Letícia. *Imigrantes norte-americanos em Santa Bárbara d'Oeste, 1866-1920*. Araraquara, FCL/UNESP, Monografia, 2004.
- GUSSI, Alcides Fernando. *Identidades no contexto transnacional: lembranças e esquecimentos de ser brasileiro, norte-americano e confederado de Santa Bárbara d'Oeste e Americana*. Campinas, IFCH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 1996.

SILVA, Célio Antonio Alcântara. *Quando mundos colidem: a imigração confederada para o Brasil (1865-1932)*. Campinas, IE/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 2007.

ZORZETTO, Alessandra Ferreira. *Propostas imigrantistas em meados da década de 1860: a organização de associações de apoio à imigração de pequenos proprietários norte-americanos – análise de uma colônia*. Campinas, IFCH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 2000.

## ANEXOS

**Tabela A1: Registro de Eleitores (1890-1899)**

Ano	Quarteirão	Nome	Idade	Filiação	Estado civil	Profissão	Residência	Data do alistamento	Observação
1890	1º Quarteirão	João Christopher Clark	35	Arche Clark	Casado	Negociante	Sta. Bárbara	1890	
		João Ridley Buford	49	Jefferson Buford	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1890	
		James Tarver	34	Nelson Tarver	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	2º Quarteirão	Guilherme Godfrey	29	Guilherme Godfrey	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1890	
		João Tanner	30	Matthews Luís Tanner	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	3º Quarteirão	Lingard Miller	34	I. L Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	4º Quarteirão	Benjamin Francisco Tarver	30	Nelson Tarver	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Daniel João Clark	38	Arche Clark	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Henrique Capps	45	João Capps	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		João Steagall	36	Henrique Steagall	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Hylliard Miller	25	I. L Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	5º Quarteirão	Bony Green	30	George Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Marsene Arlington Smith	37	Alfredo Smith	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Simeão Thacher	28	Andrew Thacher	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	6º Quarteirão	Jorge W. Carlton Drane	45	William Carlton Drane	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		James Carr	30	Alberto Carr	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		James Terrell	26	William Terrell	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		William Terrell Filho	28	William Terrell	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	7º Quarteirão	Adoniram Judson Pyles	38	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Amós Jackson Cullen	41	Roberto Cullen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Calvino McKnight	64	Thomaz McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Ezequiel Bento Pyles	42	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Guilherme P. McFadden	70	João McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Guilherme L. McFadden	41	Guilherme P. McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		João Wesley Weissinger	42	João Wesley Weissinger	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Leonidas Sanders Bowen	44	Guilherme Bowen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
Napoleão Bonaparte McAlpine		46	Edson McAlpine	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		

1892	8º Quarteirão	Ricardo Crisp	41	Dr. João A. Crisp	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Roberto Weissinger	45	João Wesley Weissinger	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Roberto McFadden	38	G. Paton McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Salter Lloyd	28	João McLloyd	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Wilber Fisher McKnight	42	Calvino McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
	9º Quarteirão									
	10º Quarteirão	Alonso Keese	30	Thomas Lafayette Keese	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
	1º Quarteirão	Carlos Wingeter	24	Jacob Felipe Wingeter	Solteiro	Ferreiro	Sta. Bárbara	1892		
		João Christopher Clark	35	Arche Clark	Casado	Negociante	Sta. Bárbara	1890		Mudado
		João Ridley Buford	49	Jefferson Buford	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1890		
		João W. William Wingeter	21	Jacob Felipe Wingeter	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1892		
		James Tarver	34	Nelson Tarver	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		Mudado para fora do município
	2º Quarteirão	Guilherme Godfrey	29	Guilherme Godfrey	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1890		Mudado para outro município
		João Tanner	30	Matthews Luís Tanner	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		Mudado para Araras
		João Domm	58	D. Domm	Casado	Industrial	Sta. Bárbara	1892		
		Sebastião Thomas	41	Conrado Thomas	Solteiro	Carpinteiro	Sta. Bárbara	1892		
	3º Quarteirão	Dr. Cícero Jones	24	Bylde Jones	Solteiro	Médico	Sta. Bárbara	1892		
		Lingard Miller	34	I. L Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
	4º Quarteirão	Benjamin Francisco Tarver	30	Nelson Tarver	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Daniel João Clark	38	Arch Clark	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		Mudou para lugar desconhecido
	Henrique Capps	45	João Capps	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890			
	Imback Norris Whitaker	25	José E. Whitaker	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1892			
	João Steagall	36	Henrique Steagall	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890			
	Hylliard Miller	25	I. L Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890			

1894	5° Quarteirão	Bony Green	30	George Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Luiz C. Green	44	Fosh P. Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892		
		Simeão Thacher	28	Andrew Thacher	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
	6° Quarteirão	Jorge W. Carlton Drane	45	William Carlton Drane	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		Mudado para Limeira
		James Carr	30	Alberto Carr	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		Mudado para lugar desconhecido
		James Tarver	26	N. Tarver	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892		
		Robert Miller	39	I. L Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892		
		William Terrell	28	W. Terrell	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892		
	7° Quarteirão	Adoniram Judson Pyles	38	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		Mudado para Botucatu
		Amós Jackson Cullen	41	Roberto Cullen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Calvino McKnight	64	Thomaz McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Ezequiel Bento Pyles	42	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Jonas White	34	William White	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1892		
		João Wesley Weissinger	42	João Wesley Weissinger	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Leonidas Sanders Bowen	44	Guilherme Bowen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Napoleão Bonaparte McAlpine	46	Edson McAlpine	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Ricardo Crisp	41	Dr. João A. Crisp	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Roberto Weissinger	45	João Wesley Weissinger	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Roberto McFadden	38	G. Paton McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
	8° Quarteirão	Salter Lloyd	28	João McLloyd	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
		Wilber Fisher McKnight	42	Calvino McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890		
9° Quarteirão										
10° Quarteirão	Alonso Keese	30	Thomas Lafayette Keese	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890			
1° Quarteirão	Carlos Wingeter	24	Jacob Felipe Wingeter	Solteiro	Ferreiro	Sta. Bárbara	1892			
	João Ridley Buford	49	Jefferson Buford	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1890			
2° Quarteirão	João Domm	58	D. Domm	Casado	Industrial	Sta. Bárbara	1892			

	Sebastião Thomas	41	Conrado Thomas	Solteiro	Carpinteiro	Sta. Bárbara	1892	
3° Quarteirão	Dr. Cícero Jones	24	Bylde Jones	Solteiro	Médico	Sta. Bárbara	1892	
	Lingard Miller	34	I. L. Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Dr. Roberto Norris	57	William H. Norris	Casado	Médico	Sta. Bárbara	1894	
4° Quarteirão	Benjamin Francisco Tarver	30	Nelson Tarver	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Henrique Capps	45	João Capps	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Imback Norris Whitaker	25	José E. Whitaker	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1892	Mudado
	João Steagall	36	Henrique Steagall	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
5° Quarteirão	Bony Green	30	George Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Luiz C. Green	44	Fosh P. Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892	
	Simeão Thacher	28	Andrew Thacher	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
6° Quarteirão	James Carr	30	Alberto Carr	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Robert Miller	39	I. L. Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892	
	William Terrell	28	W. Terrell	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892	Mudado para lugar desconhecido
7° Quarteirão	Adoniram Judson Pyles	38	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Amós Jackson Cullen	41	Roberto Cullen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	Falecido
	Calvino McKnight	64	Thomaz McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	Falecido
	Ezequiel Bento Pyles	42	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Guilherme P. McFadden	70	João McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Guilherme L. McFadden	41	Guilherme P. McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	João Wesley Weissinger	42	João Wesley Weissinger	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Leonidas Sanders Bowen	44	Guilherme Bowen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Napoleão Bonaparte McAlpine	46	Edson McAlpine	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Ricardo Crisp	41	Dr. João A. Crisp	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Roberto Weissinger	45	João Wesley Weissinger	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Roberto McFadden	38	G. Paton McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Wilber Fisher McKnight	42	Calvino McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
Guilherme P. Steagall	29	Henrique F. Steagall	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1894		
8°	John Amos Cullen	21	Amós Cullen	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	

1899	Quarteirão	João Calvino McKnight	21	Wilber McKnight	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	
		Thomaz McKnight	66	Thomaz McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	
	9º Quarteirão								
	10º Quarteirão	Alonso Keese	30	Thomas Lafayette Keese	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	1º Quarteirão	Carlos Wingeter	24	Jacob Felipe Wingeter	Casado	Ferreiro	Sta. Bárbara	1892	Mudado para fora do município
		João Ridley Buford	49	Jefferson Buford	Solteiro	Negociante	Sta. Bárbara	1890	
	2º Quarteirão	João Domm	58	D. Domm	Casado	Industrial	Sta. Bárbara	1892	
		Sebastião Thomas	41	Conrado Thomas	Solteiro	Carpinteiro	Sta. Bárbara	1892	Mudado para outro município
	3º Quarteirão	Dr. Cícero Jones	24	Bylde Jones	Solteiro	Médico	Sta. Bárbara	1892	Mudado para o segundo quarteirão
		Lingard Miller	34	I. L. Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Dr. Roberto Norris	57	William H. Norris	Casado	Médico	Sta. Bárbara	1894	Mudado para o quarto quarteirão
	4º Quarteirão	Benjamin Francisco Tarver	30	Nelson Tarver	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Henrique Capps	45	João Capps	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	Mudado para outro município
		João Steagall	36	Henrique Steagall	Viúvo	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	Mudado para o segundo quarteirão
		Hylliard Miller	25	I. L. Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	Mudado para outro município
	5º Quarteirão	Bony Green	30	George Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Luiz C. Green	44	Fosh P. Green	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892	
		Simeão Thacher	28	Andrew Thacher	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	6º Quarteirão	James Carr	30	Alberto Carr	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
		Robert Miller	39	I. L. Miller	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1892	
	7º Quarteirão	Adoniram Judson Pyles	38	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	

	Ezequiel Bento Pyles	42	Samuel Pyles	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Guilherme P. McFadden	70	João McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Guilherme L. McFadden	41	Guilherme P. McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	João Wesley Weissinger	42	João Wesley Weissinger	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Leonidas Sanders Bowen	44	Guilherme Bowen	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Napoleão Bonaparte McAlpine	46	Edson McAlpine	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Ricardo Crisp	41	Dr. João A. Crisp	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Roberto Weissinger	45	João Wesley Weissinger	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Roberto McFadden	38	G. Paton McFadden	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Wilber Fisher McKnight	42	Calvino McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	
	Guilherme P. Steagall	29	Henrique F. Steagall	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	
8º Quarteirão	John Amos Cullen	21	Amós Cullen	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	Mudado para fora do município
	João Calvino McKnight	21	Wilber McKnight	Solteiro	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	Mudado para fora do município
	Thomaz McKnight	66	Thomaz McKnight	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1894	Falecido
9º Quarteirão								
10º Quarteirão	Alonso Keese	30	Thomas Lafayette Keese	Casado	Lavrador	Sta. Bárbara	1890	

Fonte: Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro ata destinado para o trabalho do alistamento eleitoral municipal na 1ª secção. Data: 1899; Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 1ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A primeira seção compreende o 1º e o 2º quarteirões); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 2ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A segunda seção compreende o 3º e o 4º quarteirões); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 3ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A terceira seção compreende o 5º, o 6º e o 7º quarteirões); Livro ata destinado para trabalho do alistamento eleitoral do município. 4ª secção. Data: 18/07/1892 a 21/05/1899. (A quarta seção compreende o 8º, o 9º e o 10º quarteirões); Registro Eleitoral (1890); Registro Eleitoral 05/03/1892 - 3ª Secção. (Manuscritos)

**Tabela A2: Declaração de estrangeiros (1890)**

---

**Declarou que queria permanecer cidadão dos Estados Unidos da América do Norte, país que adotou anteriormente por sua Pátria, ou país de seu nascimento.**

---

1. Thomas Burns	20. William R. Bowen
2. Leroy Chalmers Holland	21. Adoniram J. Pyles
3. James Weissinger	22. Ezequiel B. Pyles
4. Guilherme Pierce Steagall	23. Imback Whitaker
5. Leroy King Bookwalter	24. Joseph L. Minchin
6 James W. Miller	25. Roberto Norris
7. William Robert Daniel	26. William L. McFadden
8. William F. Pyles	27. Richard Carlton
9. H. C. Norris (Henry Clay?)	28. John Wesley Harris
10. José E. Whitaker	29. William T. Harris
11. John Rowe	30. William Lucas Bedinger
12. Henrique Scurlock	31. Farnham Augustus Provost
13. John Alexander Carlton	32. Andrew Thacher
14. Robert Porter Thomaz	33. N. B. McAlpine (Napoleão Bonaparte)
15. Thomas Lafayette Keese	34. Frank A. Thacher
16. Alexandre Fenley	35. João C. Baird
17. Carlos Columbus Fenley	36. Charles M. Hall
18. Thomaz Alonso Keese	37. William B. Miller
19. Abraham Curtis Thomaz	

---

**Fonte: Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro termo de declaração de estrangeiros residentes neste município. Data: 01/01/1890 a 14/09/1890. (Termo de declaração de estrangeiros residentes neste município que quiserem continuar a serem estrangeiros e não aceitarem a disposição do Decreto de 15 de dezembro de 1889). (Manuscrito).**

No mesmo livro consta:

**Termo de aceitação da nacionalidade brasileira pelo norte-americano Napoleão Bonaparte McAlpine: 13/09/1890.**

Napoleão Bonaparte McAlpine subdito da Republica dos Estados Unidos da America do Norte, e por elle foi declarado que aceita a nacionalidade brasileira em conformidade com o decreto nº 58-A de 15/12/1889 visto que estava residindo n'este paiz que agora adota por sua patria a muitos annos, ficando de nenhum effeito a declaração feita em 14/06/1890. (Grafia do original).

**Tabela A3. Registro de casamentos (1873-1887)**

Ano	Noivos	Testemunhas	Idade	Filiação	Naturalidade	Profissão	Domicílio	Pastor
1873	George Ives Hall	William Henry Meriwether	35	Harvey Hall e Jane Catherine Hall	Geórgia, EUA	Fazendeiro	Sta. Bárbara	Morton
	Sarah C. McFadden	Alfred Breston Smith	27	William Patton McFadden e Amelia H. McFadden			Sta. Bárbara	
	Turner Eduardo Ferguson	William Henry Meriwether	23	Green Ferguson e Minerva Ferguson	South Carolina, EUA	Lavrador	Campinas	Morton
1874	Sarah Belona Smith	Amós J. Cullen	17	Alfred Smith e Sarah Jane Smith			Sta. Bárbara	
	Charles Moses Hall	Farnham Augustus Provost	26	Harvey Hall e Jane Catherine Hall	Geórgia, EUA	Lavrador	Sta. Bárbara	Eduardo Lane
	Mary Elizabeth Miller	William Leroy Patton McFadden	17	James William Miller e Sarah Miller			Campinas	
1874	William Leroy McFadden	Richard C. Crisp	26	William Patton McFadden e Amelia H. McFadden	EUA	Lavrador	Sta. Bárbara	Eduardo Lane
	Julia Brice Hall	Farnham Augustus Provost	19	Harvey Hall e Jane Catherine Hall			Sta. Bárbara	
1875	Wilber Fish McKnight	Thomas Smith	27	Calvin McKnight e Izabel McKnight	Pensylvania	Lavrador	Sta. Bárbara	William C. Emerson
	Carolina Perkins	Dr. João H. Robert McFadden	17	Filha adotada de João Perkins e Margareth Perkins			Sta. Bárbara	
	Amós J. Cullen	Alfred I. Smith		Robert Cullen e Cynthia Cullen	EUA		Sta. Bárbara	James R. Baird
1876	Alice E. Weissinger	W. R. Daniel		João W. Weissinger e Mary E. Weissinger	EUA			
	Marsene Arlington Smith	William Thomaz	22	Alfred Iverson Smith e Sarah Jane Smith	Geórgia, EUA		Sta. Bárbara	
	Elizabeth Bosqueana Bowen	Turner Ferguson	23	William Bowen	Texas, EUA		Bom Retiro, Sta. Bárbara	Richard Ratcliff
	Benjamin Harrison Norris	John A. Cole	30	William Hutchinson Norris e Mary Norris	Alabama, EUA		Campinas	Richard Ratcliff
1877	Julia F. Matthews	Benjamin C. Yancey	17	Dr. George Green Matthews e Jane K. Matthews	Alabama, EUA		Campinas	
	Watter Emmite Tanner	Thiago Celestino Coelho	23	Matheus Lewis Tanner e Mary Hellen Tanner	Mississippi, EUA		Bom Retiro, Sta. Bárbara	Richard Ratcliff

	Anna Quirino Coelho	Irving L. Miller	21	Joaquim Quirino Coelho e Antonia Afonso da Silva	Piracicaba, BR			
	John Alexander Carlton	John A. Cole	30	Richard Carlton e Cynthia Elizabeth Carlton	Alabama, EUA		Campinas	Richard Ratcliff
	Elizabeth Blair Fenley	William Harris	27	Pleasant M. Fenley e Sarah A. Fenley	Edgefield, Carolina do Sul, EUA		Campinas	
	Robert H. Miller	William P. Ralston	23	Irving L. Miller e Saphira Miller	Alabama, EUA		Campinas	Richard Ratcliff
	Helen Schotz	Jeronimo de Campos Freira	20	Ehrenfreid Schotz e Maria Schotz			Sta. Cruz das Araras	
	William F. Thomaz	William Thomas Terrell	22	Robert P. Thomas e Emily Thomas	Arkansas, EUA		Campinas	Richard Ratcliff
	Fanne Eliza Ferguson	William Robert Daniel	17	Green Ferguson e Minerva Ferguson	South Carolina, EUA			
	William Robert Daniel	Edwin G. Britt	21	William James Daniel e Angeline Daniel	Alabama, EUA		Sta. Bárbara	Richard Ratcliff
	Margareth Elizabeth Thomas	William L. McFadden	16	Robert P. Thomas e Emily Thomas	Arkansas, EUA			
	John C. Baird	Orville Whitaker		James R. Baird e Eliza C. Baird	EUA		Sta. Bárbara	James R. Baird
	Mary A. Thacher	James Miller		Andrews M. Thacher	EUA			
1878	William Thomas Terrell	William Francis Thomas	21	William A. Terrell e Mary Terrell	Louisiana, EUA	Lavrador	Funil, Sta. Bárbara	Richard Ratcliff
	Angelette Russell Green	Rejnold Price Baird	22	Joseph Green e Mary Caroline Green			Bom Retiro, Sta. Bárbara	
	Robert D. M. Sulepe	Orville Whitaker		Daniel C. M. Sulepe e Margaret M. Sulepe	Norte Carolina, EUA		Jundiahay	G. J. Jacorlen
	Mollie E. Ellis	João Domm		Warren M. Ellis e Mary M. Ellis			Sta. Bárbara	
1887	Robert Stell Steagall	Ezequiel Bento Pyles	28	Henrique F. Steagall e Elizabeth Steagall	EUA	Lavrador	Sta. Bárbara	Eduardo Lane
	Annie Demaret	Adoniram G. Pyles	28	Martin Felix Demaret e Pamela Z. Demaret	EUA		Sta. Bárbara	

**Fonte: Centro de Memória de Santa Bárbara d'Oeste. Livro de ata para registro de casamentos de nacionais ou estrangeiros (1873-1887). (Manuscrito).**